

Revista da Semana

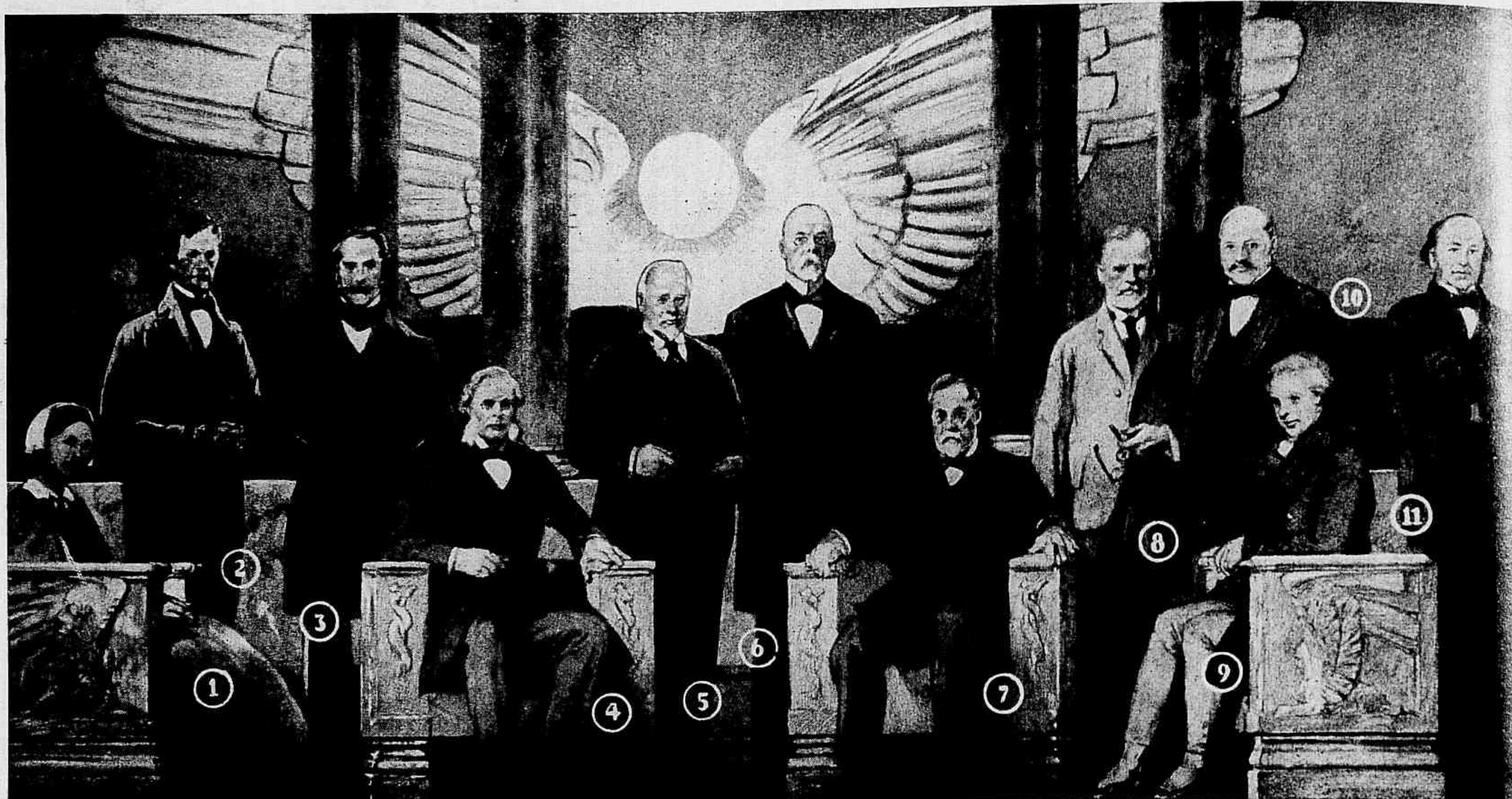
ANO XLIV

N.º 46

CR\$ 1,50 EM TODO O BRASIL

13 DE NOVEMBRO DE 1943





ÊLES SERVIRÃO SEMPRE A HUMANIDADE

SÃO êstes os grandes mortos que deram ao homem os meios de combater a doença e a morte prematura! Graças a êles podemos dominar muitas infecções que solaparam e destruíram vidas humanas — varíola, difteria, tuberculose, febre tifoide e muitos perigos da cirurgia e do parto. Milhões de pessoas devem a vida e a saúde a êstes pioneiros, bem como ao grande exército da ciência médica de ontem e de hoje.

Seu trabalho nunca será esquecido pela humanidade, a quem fizeram inestimáveis presentes. A luz da tocha do saber que

êles nos legaram nunca diminuirá de intensidade; pelo contrário, será cada vez mais brilhante.

A ciência médica alcançou os seus maiores sucessos nos últimos três quartos de século. Durante êste longo período, a Casa Squibb vem trabalhando de mãos dadas com a classe médica e tornou-se grande e

respeitada. Há, e sempre houve, apenas um padrão de qualidade para os produtos Squibb. Cada um dêles é tão puro, seguro e eficaz como a maior habilidade científica e o cuidado inexcusável possam fazê-lo.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um soro para o hospital, verifique se traz o Sêlo da Casa Squibb — um nome de confiança.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK

QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

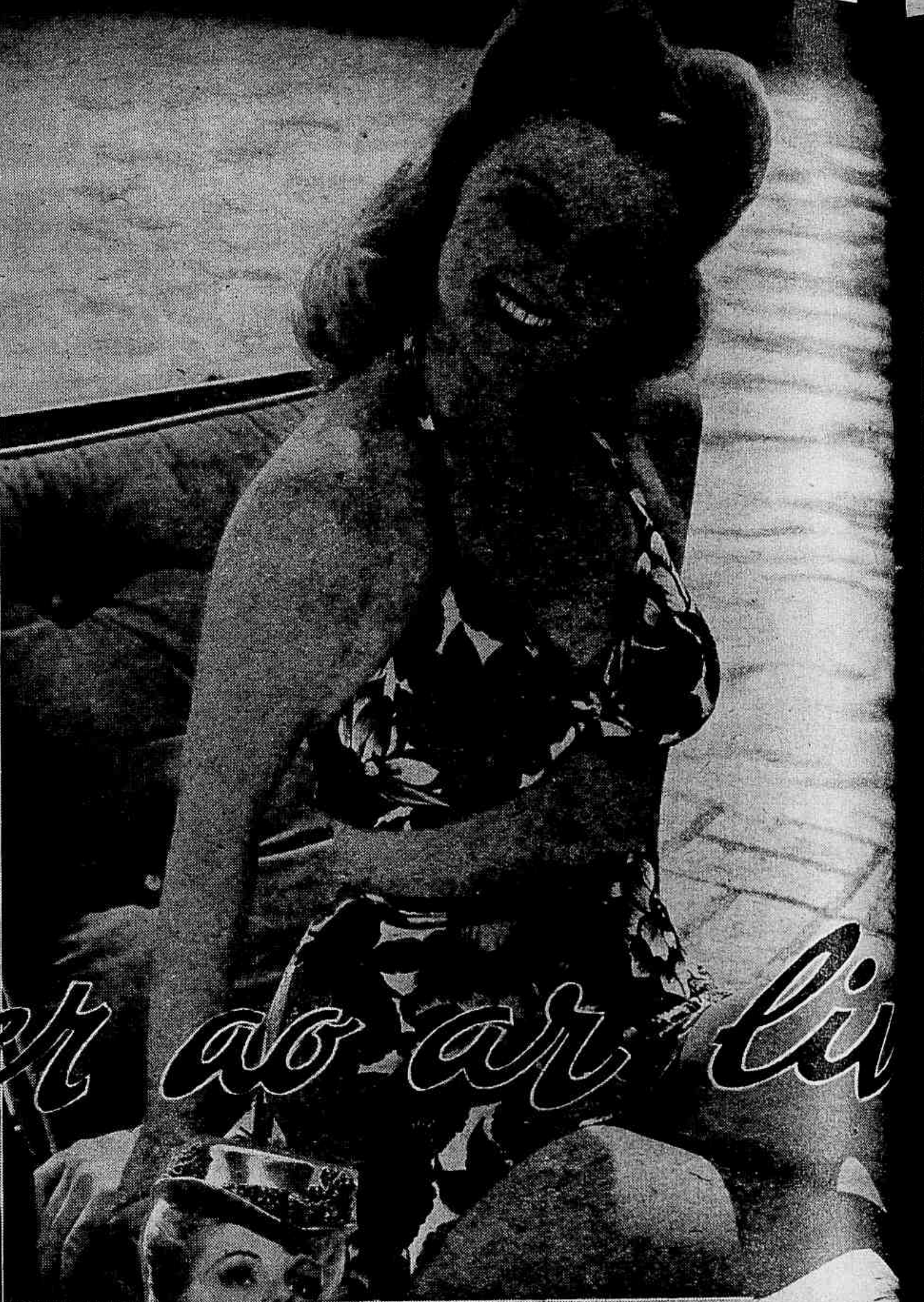
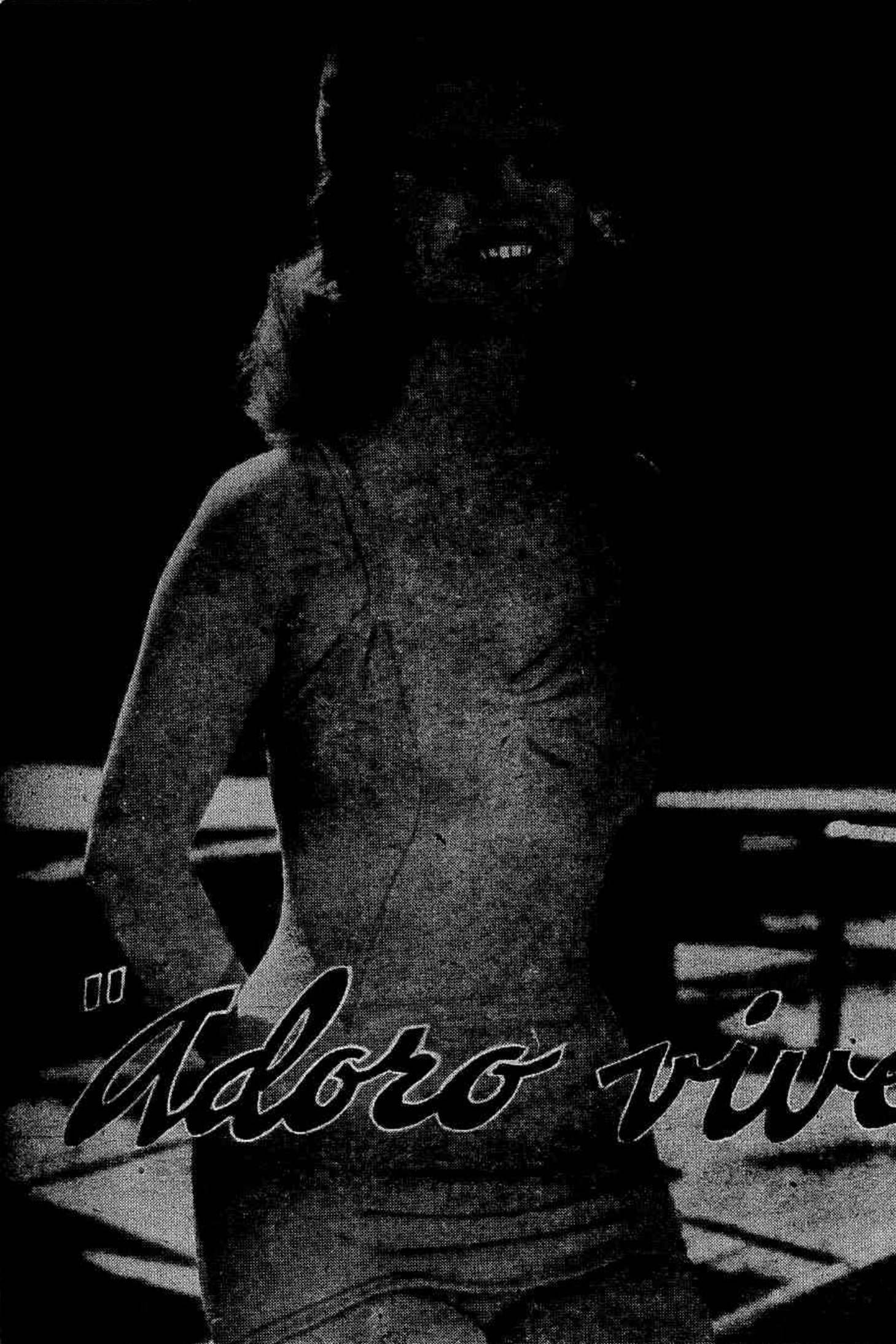
O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

1. **NIGHTINGALE** — Cujas vida dedicada à reorganização de hospitais e ao treinamento de enfermeiras modificou a atitude da sociedade para com hospitais e enfermeiras.
2. **LONG** — Pai da anestesia com éter, a mais piedosa das descobertas médicas, que evita dor ao paciente e permite uma técnica operatória refinada.
3. **MORTON** — Que previu a possibilidade da anestesia com éter e persuadiu o cirurgião Warren a usá-la numa demonstração clínica, que foi o ponto de partida do seu uso em todo o mundo civilizado.
4. **LISTER** — Desenvolveu uma técnica antisséptica que revolucionou a cirurgia e venceu um aterrorizante índice mortuário por infecção.
5. **WELCH** — A quem se deve em grande parte o desenvolvimento da medicina científica e o seu ensino sistemático nos Estados Unidos.
6. **KOCH** — Descobridor do germe da tuberculose, que abriu o caminho para o controle desta enfermidade.
7. **PASTEUR** — Cujas experiências clássicas em microbiologia abriram a porta à prevenção de moléstias infecciosas.
8. **EHRICH** — Iniciador da ciência de imunidade e criador de um remédio químico para a mais insidiosa e destruidora das moléstias sociais — a sífilis.
9. **JENNER** — Suas experiências cientificamente exatas resultaram no controle universal da varíola pela vacinação.
10. **SEMMELWEIS** — Cujo trabalho redundou na identificação da febre puerperal e na prevenção desta infecção, antes tão devastadora.
11. **BERNARD** — Que desempenhou um papel importante na fundação da fisiologia experimental moderna.

DE MATTOS PINTO

A natureza ostenta um carácter indestrutível, que nega a existência do aniquilamento absoluto. Um homem semeia a ruína e outro difunde o sonho. Para cem hunos, ha mil idealistas. A sombra acompanha os movimentos da luz, porém jamais consegue extinguir a fonte luminosa, de que ela se mantem escrava. E como a sombra, a barbaria segue a marcha do progresso, obstroe a velocidade do ideal, mas nunca tolhe o sonho, esse companheiro inseparavel da vida. Goethe fez o elogio da natureza, dizendo que ela se recompensa e castiga-se a si propria, satisfaz a sua alegria e a sua dôr, criando incessantemente novas formas. Essa juvenil capacidade de renovação existe em todas cousas, nas idéas e nos homens, nas raças e na sociedade. Em todas as guerras, ha um lado que apregoa a força bruta e outro adversario que aclama a noção do justo. Um quer destruir para reconstruir e aperfeiçoar para corrigir. O desafio entre a espada e o pensamento, data de milênios e até hoje, o pensador venceu o guerreiro. Toda vitoria militar exige

Romain Rolland, o inflexível apóstolo da paz, já se convenceu da inutilidade das idéas pacíficas, contra a mecanização dos instintos colectivos, contra a escravização da sociologia ao Estado. Os mystificadores da mystica Nazista, apelaram para as mais obscuras paixões das massas, despojando o individuo de todos os seus direitos conquistados através da evolução natural da sociedade, que emergiu do terrorismo da monarchia absoluta para a consciente deliberação da Democracia. Soou a hora de suplantar a philosophia da guerra, mobilizando as nações livres contra os guerreiros profissionais. Errou a Democracia, quando menosprezou o poder militar como meio defensivo da Justiça e do Direito. Na reforma do mundo de após — a guerra, conceder-se-á ao pensamento o destino de energia activa e não somente de energia contemplativa. As creanças, que agora nascem sobre os escombros do lar paterno, saudarão a nova concepção da existencia, em que o pensador se acha capacitado para vencer o guerreiro. Aprenderão a ciencia de renovar, como a melhor doutrina da vida sorrindo da morte.



Adoro viver ao ar livre

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

NOSSA CAPA

A fotografia que reproduzimos na capa da REVISTA, e que nos chegou juntamente com muitos outros flagrantemente da guerra, fixa uma atitude de sofrimento e desespero.

Estão desertas as escolas. Longas filas de bancos, onde ainda até bem pouco aprendiam a garatujar o nome essas lindas crianças, para as quais a vida era uma esplendida promessa de largos horizontes se abrindo em meio à luz clara das madrugadas povoadas da sonoridade da voz dos sinos, cobrem-se hoje da poeira e dos destroços, das muitas ruínas fumegantes que as bombas vão semeando pela cidade.

E nos "play grounds", ontem ainda batidos de sol, abriram-se covas escuras, trincheiras onde os homens se escondem

dos seus semelhantes. Não mora mais nos parques a sombra veneranda das árvores, nem o riso festivo das crianças. Uma nova onda de sangue cobre o mundo. Entre os muitos crimes, a que serão chamados a responder, no inevitável ajuste de contas, os que arrastaram a humanidade à dolorosa hecatombe, figurará, por certo, este de haver substituído em milhares de crianças, a tranquilidade e o encantamento dos primeiros anos; pela insegurança da orfandade e pela tristeza dos silêncios prolongados.

Elas estiveram na frente dos tanques nazistas que golpearam arrogantemente tantos países e debaixo dos escombros de seus lares. Mas sobra-nos esperança de um mundo melhor. E é bem porisso que lutamos e oferecemos nossa vida em holocausto.



"..."

DECLARA DOLORES MORAN A SUSAN RHODE NUMA REPORTAGEM ESPECIAL PARA A "REVISTA DA SEMANA"

Dolores Moran, a nova "star" da Warner, recebeu-nos numa confortável "chaise-longue" perto da piscina da sua casa.

— Linda manhã, Dolores.
— Linda e quente; você já observou como são admiráveis e brilhantes essas manhãs da Califórnia?
— E magicas, Dolores. Elas têm o poder de nos transmitir uma grande alegria de viver. Não sabemos se é porque haja por aqui tanta gente bonita; uma loura como você, por exemplo.
— Lisonjeira. Mas afinal que é que você manda?
— Não mandamos. Nosso publico é que pede informações sobre você.
— Quais, por exemplo?
— Como você vive, o que você usa e do que mais gosta.
— Em primeiro lugar vivo uma vida bem simples. Adoro mesmo, viver ao ar livre praticando esportes, principalmente a natação. Faço alguma ginástica tanto para evitar a gordura como para melhorar meu sistema nervoso, pelo sistema do relaxamento muscular preconizado pelo Dr. Jacobson. Leio muito e nada me sensibiliza mais que certas músicas de Chopin e Tchaikowsky quando bem interpretadas. Isso não quer dizer, entretanto, que eu me coloque no ponto extremo do rigorismo musical e não aprecie nosso "Rapsodia em Blue", as composições de Vic or Herbert e a musica popular americana, propriamente dita.
— E de festas, Dolores, você gosta muito?
— Meu bem, que pergunta! Repare que sou ainda muito jovem para não gostar...e para rejeitar uma rumba.
— E sobre roupas?
— Prefiro Adrian, Irene e principalmente Orry Kelly e os demais figurinistas. Aliás, se você quiser, poderei mostrar três dos meus modelos mais recentes.
— Agradeceríamos imensamente.
— Este aqui, é o meu costume predileto para a primavera. Como você pode observar é muito original com o ca-

saquinho listrado e os botões dispostos em carreira. A saia é lisa, enviesada e cor de cereja. Luvas bege e um chapéuzinho bege, com fitas cereja, completam o "toilette".

— E este, Dolores?
— Foi desenhado também nos nossos "studios": confeccionado em crêpe azul safira apresenta uma saia verdadeiramente "exquise" e um gracioso babadinho plissado que remata a blusa simples e encantadora.
— Tem razão em gostar dos figurinistas da Warner.
— E você, Susan, ainda não viu nada.
— Por que?
— Porque não viu o casaco, em fina lã havaiana, abotoado na frente. É muito simples, com os bolsos laterais e a pequenina gola onde uma cache-col ou um lenço multicolor ficam a matar... de inveja nossas melhores amigas. Uma larga pulseira de prata, sobre o cano da luva numa aparente displicencia de vestuario tornam mais chic o conjunto.
— É verdade, Dolores. Entretanto soubemos que você possui também uma interessante coleção de "shorts" e "maillots".
— Mas estão quase todos no meu bangalô de Miami. Aqui só disponho desses três, a saber:
O estampado em duas peças para os dias escaldantes; o branco, inteiriço que faria inveja ao proprio Netuno e finalmente, um grosso, muito simples também, e cor de cereja.
— Mas isso está errado, Dolores.
— Por que?
— Porque você aqui se veste de cor de cereja, mas seus "fans" no Brasil costumam (na gíria encantadora dos cariocas) considerá-la "uma uva".
— Susan, você é um encanto.
— E você, Dolores, bem, você é mesmo um amor.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



A gramática confia ao adjetivo a dupla incumbência de juntar-se ou referir-se ao substantivo para qualificar ou determinar. A maneira como o adjetivo se sai da incumbência não nos cabe dizer. Cada um melhor do que nós o poderá fazer com manifesta vantagem e antecipado aplauso nosso.

Que um adjetivo, ha setenta e oito anos, provocou batalha no Senado do Imperio, isso está no conhecimento dos curiosos de passadas cousas patrias.

A 6 de Maio de 1865, mais uma vez, D. Pedro II comparecia ao Senado para lêr á Assembléa Geral a fala do trono dirigida á nação nas pessoas dos seus augustos e dignissimos representantes. Assim a Constituição tratava senadores e deputados.

A fala do trono de Maio de 1865 foi de suma importância. Cada um de seus topicos devia chamar atenção parlamentar.

Um daqueles topicos dizia: "Estão restabelecidas as nossas relações de paz e amizade com a republica do Uruguay. O convenio de 20 de Fevereiro, estipulando a satisfação de nossas reclamações, que desatendidas originaram a guerra, deu fim a esta e, restabelecendo a tranquillidade interna da republica, elevou ao cargo de seu governador provisorio o general Flores, o qual, animado dos bons desejos para com o Brasil, assegura a fiel execução de suas promessas e a permanencia das boas relações que com vantagem reciproca devem reinar entre os dous povos."

A fala do trono, voz do poder executivo, tinha resposta do poder legislativo, correspondendo o voto de graças a resposta á fala imperial.

Senado e Camara, logo no inicio de sessões, elegiam as respectivas comissões do voto de graças todas de importância especial e significação politica. Em 1865 a Camara sufragou para a comissão de resposta á fala do trono os deputados Souza Dantas, Saldanha Maranhão e Martinho Campos.

Ao topico da fala de 1865 relativo ao Uruguay assim respondeu a comissão da Camara: "A Camara dos Deputados cumpre um dever rigoroso proclamando com solemnidade e agradecendo com fervor a bravura e inextinguível intrepidez que distinguiram as nossas forças de mar e terra no memoravel combate de Paysandú".

O Senado escolheu para a comissão do voto de graças de 1865 os senadores Silveira da Motta, Candido Borges Monteiro e Paranhos. A eleição deste merece particular reparo, pois Paranhos acabava de sofrer crua campanha por motivo do Convenio de 20 de Fevereiro de 1865, termo de lutas no Uruguay. O convenio obrigava Paranhos a defender-se de acusações no proprio recinto do Senado. Proferio então um discurso chamado das Sete Horas, Luis de Alvarenga Peixoto, biografando Paranhos, o disse de oito horas.

Mas bem ou mal o discurso de Paranhos, em auto-defesa, ficou sendo o de sete horas.

A comissão do voto de graças de 1865 redigiu a resposta á fala do trono. Silveira da Motta assinando vencido, o mesmo Martinho Campos fizera na Camara dos Deputados.

O voto de graças senatorial declarava:

"O Senado rende a homenagem de sua gratidão a V. M. e aos bravos do exercito e armada pelo brilhante desenlace da luta a que nos provocára o decahido governo de Montevideo".

A discussão dos votos de graças equivalia na Camara e no Senado a valvula para desabafos anti-governamentais. Ao poder nunca faltavam adversarios, uns desinteressados, outros escondendo na oratoria o desejo de poder subir fazendo descer.

Os debates do voto de graças de 1865 foram de calor no Senado, entretanto tido por siberico na sua garantidora vitaliciedade legislativa.

De "brilhante desenlace" qualificara o voto de graças o fim da guerra de selo ultimo na vitoria de Paysandú. Entrava esta para a coleção de louros, principiada na Independencia por Tamandaré, o vice-almirante de 1865 que, a navegar ou combater, já corra todo o litoral sul-americano.

No Senado a comissão do voto de graças reunia singularmente tres antigos professores: Silveira da Motta, lente de Direito; Borges Monteiro, lente de Medicina; Paranhos, lente de Matematica.

No Senado, não havia discipulos, sim pares, para combater bastante Borges Monteiro e Paranhos, e quasi nada Silveira da Motta, voto vencido na redação do voto de graças.

O combate giraria sobretudo em torno do emprego do adjetivo *brilhante* esboçado na resposta á fala do trono redigida por Borges Monteiro, limitando-se Paranhos a subscrever-a pelo motivo obvio do seu recente discurso das sete horas.

Ao colega de profissão e docencia medica, Borges Monteiro, opoz-se Jobim, riograndense do sul, senador pelo Espirito Santo.

"Não me parece bem empregado o adjetivo *brilhante* — observou Jobim — por se dizer *brilhante* da-

Um Adjetivo Guerreado

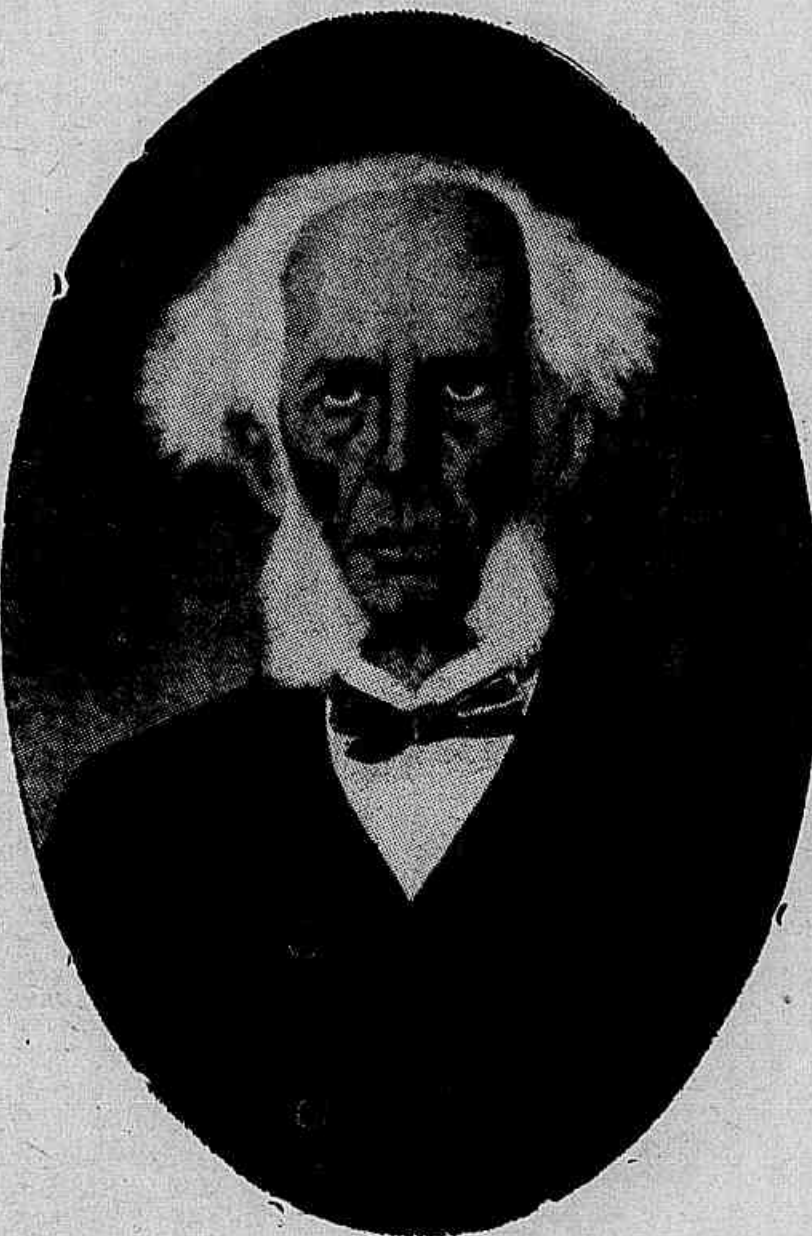
ESCRAGNOLLE DORIA

quellas côres que affectão de modo vivo e agradável a vista. Ora pôde dizer-se que havia desenlace brilhante onde não se queimou bastante polvora, onde não houve combate e após elle marcha triumphante?

Creio que era melhor que em lugar de brilhante se dissesse exito feliz por que na realidade não vejo que houvesse um grande brilhantismo neste desenlace (o da campanha do Uruguay)

Em sessão diferente, a de 22 de Junho de 1865, usou da palavra o visconde de Jequitinhonha, o Montezuma que tomara nomes nossos indigenas e um nome asteca por amor ao jacobinismo. O seu apelido familiar, Gomes Brandão, pareceu-lhe por demais *corcunda*, al-cunha de absolutistas lusitanos no ferver da Independencia.

Jequitinhonha na tribuna parlamentar era sempre um caso grave para adversarios. Zacarias torturava-os a frio, o ex-Gomes Brandão a fogo, pondo-os no leito de brazas do qual se queixára o Montezuma do Mexico. Discursando Jequitinhonha recorria ao riso e ao gesto para melhor escarnecer.



O VISCONDE DE ABAETE

(Lisboa 22-9-1798 — Rio de Janeiro 14-9-1883).
Senador do Imperio em 1847 e presidente do Senado de 1861 a 1873, tendo por sucessor o visconde de Jaguary (1874-1881).

Referindo-se ao voto de graças senatorial de 1865, fizesse Jequitinhonha: "Não posso conceber a justa applicação do termo *brilhante* a convenio diplomatico.

Ilustrado, politico, util, notavel, estupendo (hilaridade) e outros adjectivos dessa natureza poderão ter applicação".

Neste passo de discurso, o senador bahiano entendeu vir á balha um caso pessoal. Jequitinhonha fôra ministro da Justiça interino, e acamalhando-a com a dos Estrageiros na regencia Feijó em 1837.

Em 1865 assim lembrava o ministro de 1837:

"Quando fui ministro da Justiça o primeiro officio que me trouxe o illustrado official maior daquelle tempo, pessoa de muito merecimento, vinha com uma porção de adjectivos, importarte, prestante, dedicado, tendo eu pedido ao official maior que de então em diante fosse extremamente parco relativamente a adjectivos para não me collocar em embaraços ao depois."

Aludio Jequitinhonha aos "lapidadores do brilhante do voto de graças". O orador era prodigo de alfinetar e zombar com gesto, rosto e sorriso ironico. Com tais armas se referia "ao discurso de sete horas, com os lustres acesos, jantar de *laus perenne*, etc, etc.

Ao dizerem cousas fortes, os senadores as edulcoravam. Grande era a vigilancia presidencial de Abaeté na fiscalisação da lidima linguagem parlamentar.

Furtado não a observou quando cercava Paranhos pelo convenio de 20 de Fevereiro, e logo o Senado o avio de observar ao orador o seu descomedimento.

"Peço a V. Exa. que use de uma linguagem um pouco mais parlamentar."

Moderou-se Furtado e rematou discurso com uma confissão de magoa dirigindo-se a Paranhos:

"E' sempre penoso discutir com homens com quem convivemos, como colegas e como amigos.

Nem só Abaeté velava pela compostura oratoria: outro senador, o visconde do Rio Grande, José de Araujo Ribeiro, zelava a vernaculidade. Em *Reminiscências*, Taunay mostra Araujo Ribeiro acompanhando os discursos tendo á mão dicionario de Moraes, biblia do purismo, para verificar o emprego de palavras que por parte dos oradores lhe não pareciam vernaculas.

Torne-se á "lapidação e aos lapidadores" do brilhante voto de graças, Borges Monteiro lapidador principal, Eis na tribuna do Senado um comprovinciano de Jequitinhonha e como este representante da terra natal, a Bahia.

O orador é Francisco Gonçalves Martins, na época barão e depois visconde de S. Lourenço. A principio militára muito em politica, ministro do Imperio, atil, presidente da Bahia, notavel. Aos poucos se iria afastando do cenario politico, dedicando-se á vida rural na sua provincia, que lhe ficou devendo importantes serviços de varia ordem.

Jequitinhonha era o orador agressivo preverido para as reviravoltas de opinião, deixando disso exemplo famoso. São Lourenço mostrava-se o orador que na singeleza abria lugar para o saber modesto e a ironia mansa. Discursando sem arrebatamentos, não raro com uma anedota caraterisava alguém ou uma situação com um comparar gracioso.

São Lourenço participou da discussão do voto de graças de 1865. Conforme costume, tomou ares ingenuos para melhor motejar. Num estudo da indole e da eloquencia dos membros mais destacados e amigos da tribuna do Senado do Imperio, a indole de São Lourenço, a sua oratoria ofereceriam aspectos bem interessantes, os mesmos de outro senador, Costa Ferreira, barão de Pindaré, culto a ponto de latinar como muita gente do seu Maranhão.

Na analise do voto de graças de 1865, no qual o adjetivo brilhante provocara tanta critica, S. Lourenço julgou ter excedido tempo. Alguns colegas o animaram a prosseguir, S. Lourenço obedeceu-lhes:

— "Continuo, mas um pouco constrangido porque receio abusar da paciencia do Senado."

— "Resta ainda muito tempo", aparteu Ferreira Penna.

Malicioso, Silveira da Motta secundou:

— Póde ir até a noite.

E, tambem ironico, S. Lourenço acudio:

— Isto se tolera ás notabilidades parlamentares, porém ás escuras ou com es lustres acesos lá quero semelhante cousa.

Abaeté interrompeu, do alto da mesa e da sua função presidencial austera:

— V. Exa. dá licença. Se V. Exa. quizer fallar até nove ou dez da noite é obrigação da Mesa fazer o que fez com o nobre senador por Matto Grosso (Paranhos no discurso das sete horas).

Reportando-se a sua qualidade de proprietario rural replicou S. Lourenço.

— E' muita honra para um pobre camponez (hilaridade) Qual, Deus me livre.

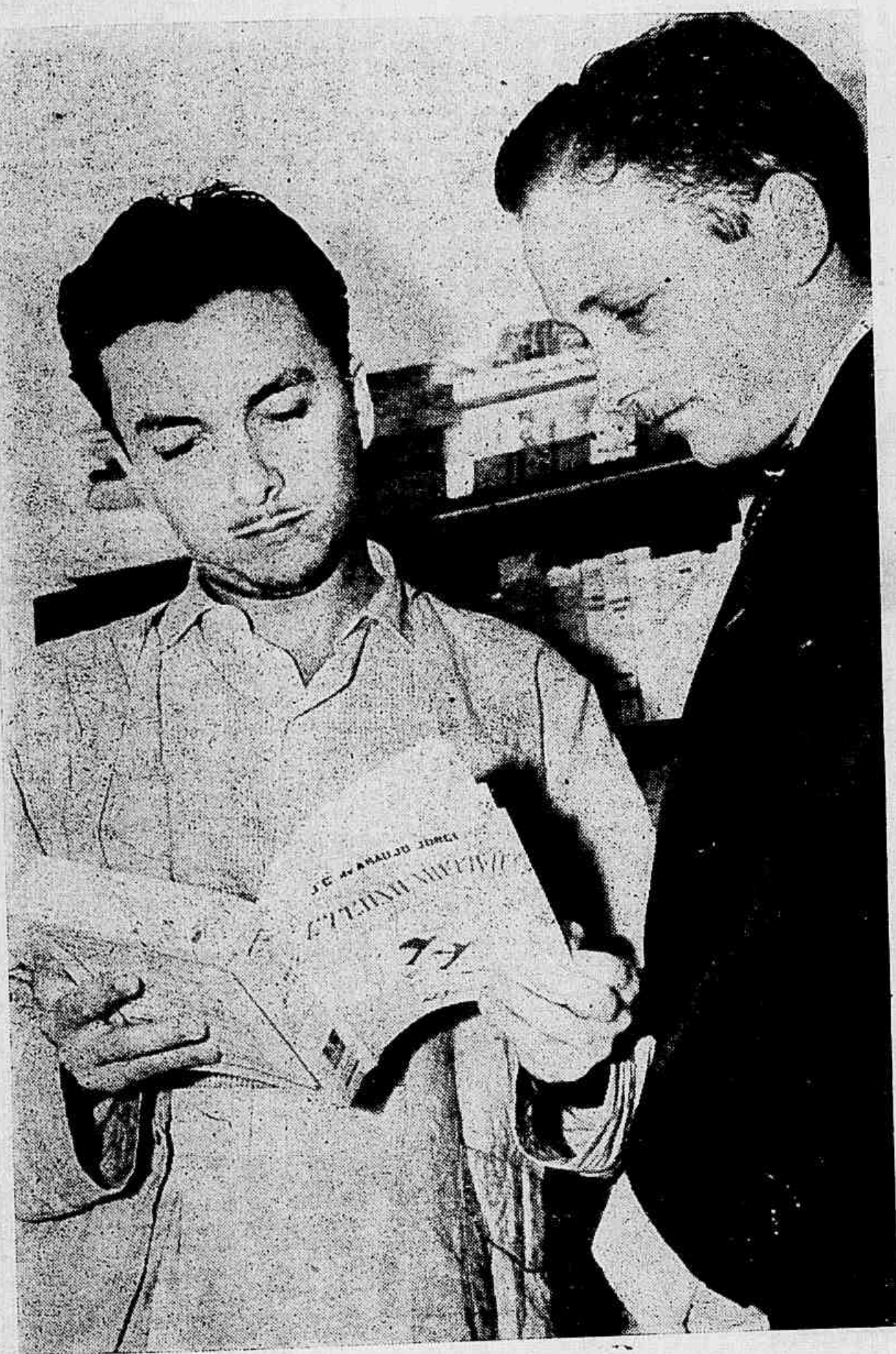
Com o tão discutido adjetivo afinal lá foi o voto de graças de 1865 á presença de D. Pedro II. Era de praxe que os votos de graças fossem apresentados ao imperador por uma deputação da respectiva camara, não de velhos mal humorados as deputações do senado do Imperio taxado de "asilo de invalidos". Perdoa-se. Quem o disse talvez; por não alcançar a latada, estivesse no caso da raposa das uvas verdes da fabula de La Fontaine.

Araujo Jorge ganha o premio Raul de Leoni

O poeta diz coisas interessantes á REVISTA DA SEMANA

Reportagem de MOACIR SIMARDI

A Academia Carioca de Letras na sua ultima sessão semanal, julgando os livros de poesia que concorriam ao Premio Raul de Leoni, de 1943, segundo parecer dos Srs. Leoncio Correia, Modesto de Abreu e Deocleciano Martins de Oliveira, houve por bem conferir o premio ao poeta J. G. de Araujo Jorge pelo seu livro ETERNO MOTIVO, que, sem duvida nenhuma, vem confirmar a sua posição entre os grandes valores da poesia brasileira.



Um aspecto da entrevista com o poeta de ETERNO MOTIVO, em sua casa à rua 'Xavier da Silveira, em Copacabana, onde ele reside com sua mãe sra. Zilah Tinoco de Araujo Jorge, sua irmã Maria Heloisa, e seus irmãos Julio Cesar e Vitor Hugo.

J. G. DE ARAUJO JORGE

José Guilherme de Araujo Jorge, nasceu no Território do Acre, onde completou o seu curso primario, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, bacharelando-se em 1932 em ciencias e letras pelo Colégio Pedro II. Já por esse tempo J. G. de Araujo Jorge se revelava possuidor de privilegiada inspiração poetica, tendo sido eleito "príncipe dos poetas" do colégio. Mais tarde, aluno da Faculdade Nacional de Direito, curso que terminou em 1937, firma-se como orador de brilhantes recursos visitando em caravanas estudantis varios países da América do Sul e Europa. Fundou e dirigiu dois jornais universitarios e foi orador oficial da União Democrática Estudantil, primeiro e unico esboço de partido político integrado por estudantes. Colabora na imprensa desde o ano de 1931. E' poeta, romancista, contista e cronista: alem de um romance que está sendo ultimado e de duas segundas edições, Araujo Jorge publicou: *Meu Céu Interior*, *Bazar de Ritmos*, *Cantico dos Canticos*, *Amo*, *Poesias*, *Cantico do Homem Prisioneiro*, *Eterno Motivo* e *Um Besouro Contra a Vidraça*, romance.

ETERNO MOTIVO

A propósito do premio que vem de ser conferido ao poeta, procuramo-lo para uma entrevista. Recebeu-nos com a delicada espontaneidade que tão bem o caracteriza.

— E' o reporter da REVISTA DA SEMANA?

Araujo Jorge já fôra prevenido da nossa visita e conseguira levantar-se um pouco mais cedo do que faz habitualmente. Não muito, é verdade. Quando chegamos o poeta estava, como dissemos, alegremente "enfrentando" o seu cafézinho. Pediu-nos que esperássemos um instante, e logo depois nos atendia.

— Trata-se do premio que lhe foi conferido pela Academia Carioca de Letras. Queriamos que nos dissesse como recebeu a noticia.

— Com surpresa meu amigo. Surpresa absoluta. Eu próprio já enviara em 1941 à Academia Carioca de Letras, o meu *Cantico do Homem Prisioneiro*. A comissão julgadora, naquele ano, resolveu excluir alguns nomes, alegando o lisonjeiro argumento de que eram poetas consagrados. E eu fui, assim, excluído. Certo? Errado? O que sei é que acatei a decisão.

— E voltou a candidatar-se este ano, muito embora sabendo quasi certa a sua exclusão...

Araujo Jorge ri francamente. Quando nós perguntavamos admirados o "porque" a explicação veio convincente. Em concursos é possível esperar e contar com surpresas...

— Concorri em 1935 ao premio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Era relator o poeta Guilherme de Almeida. Pois bem. Anos mais tarde em São Paulo, confessando-se um admirador dos meus versos que lera esparsos em diversas revistas, dizia-me entretanto não ter lido ainda o meu *Bazar de Ritmos*, livro que eu havia inscrito no concurso, do qual era relator o poeta paulista...

— Eis aí o que me levou a voltar. Não custava nada. O livro estava impresso. E foi. Como é facil de se concluir as esperanças eram poucas. E quando menos supunha Afonso Costa me dá a noticia:

"Poeta receba os meus parabens, você foi o laureado."

No primeiro momento agradei sem atinar bem com a cousa. E Araujo Jorge acrescenta logo depois, que, estava satisfeito, por dois motivos:

(Continúa na pág. 10)

FTARQUINO

Loções GALLY

PERFUMAM OS MAIS BELOS PENTEADOS!

A VENDA EM TODO O BRASIL

SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166



**E' O MELHOR
E
NÃO E' O MAIS CARO!**



A VENDA EM TODO O BRASIL

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

DEPOSITOS

DESCONTOS

CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

Livros

A CULTURA BRASILEIRA, Introdução ao estudo da Cultura no Brasil, por Fernando de Azevedo — Rio de Janeiro, 1943.

Este volume de amplo formato e de cerca de 550 páginas é o primeiro da série colossal organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de que é presidente o sr. José Carlos de Macedo Soares, para a definitiva constituição do Recenseamento Geral de 1940. Traz uma breve nota liminar do presidente da Comissão Censitária Nacional, sr. José Carneiro Felipe, que, depois de se referir à importância, ao valor documental dos resultados daquele trabalho oficial, apresenta o sr. Fernando de Azevedo a quem se confiou a tarefa deste tomo do volume introdutório da série nacional.

Mestre em sociologia, educador consumado, o dr. Fernando de Azevedo pertence, com excelente destaque, ao numero dos homens que dignamente e para todos r.ós proveitosamente poderiam realizar o estudo geral da cultura brasileira. A serviço dum critério firme e incisivo — embora com preferências suscetíveis de passar por marcas de mais — dispõe duma erudição deveras notável e dum estilo que se desenvolve, largo e claro, sempre cativante. Da sua concepção fundamental do que seja ou possa ser cultura, nos dá uma idéia, tanto quanto possível complexa, na introdução deste livro. "...Cada povo — diz ele em certo ponto das suas superiores considerações — tem o seu temperamento e o seu gênio próprios que, elaborados através de séculos, são o produto do meio físico, dos elementos raciais, e do progresso de sua evolução social, e se manifestam tanto na sua história e nas suas instituições quanto na sua língua e na sua literatura, nas suas obras de arte e de pensamento. A cultura, nas suas múltiplas manifestações, sendo a expressão intelectual dum povo, não só reflecte as idéias dominantes em cada uma das fases da sua evolução histórica, e na civilização de cuja vida ele participa, como mergulha no domínio obscuro e profundo em que se elabora a consciência nacional. Por mais poderosa que seja a originalidade que imprime à sua obra literária ou artística o gênio individual, nela se estampa, com maior ou menor nitidez de traços, a fisionomia espiritual e moral da nação. Mas os seus ideais, o seu caráter coletivo e as suas tendências, a sociedade os exprime melhor e mais fundamentalmente do que na filosofia, na arte e na literatura, pela educação que não somente constitui um dos aspectos mais característicos mas é o próprio veículo da cultura e da civilização. O estudo da educação, desde as suas origens até o seu estado atual, nas suas formas estruturais, nos seus fins e nos seus processos, não podia, pois, deixar de fazer parte integrante duma obra que se tenha proposto dar uma visão de conjunto da cultura nacional".

O trabalho do sr. Fernando de Azevedo, trabalho cujo exame circunstanciado não cabe, está claro, nos limites deste registro, divide-se em tres partes, a saber:

I — OS FATORES DA CULTURA — O país e a raça — O trabalho humano — As formações humanas — A evolução social e política — Psicologia do povo brasileiro. II — A CULTURA — Instituições e crenças religiosas — A vida intelectual — As profissões liberais — A vida literária — A cultura científica — A cultura artística. III — A TRANSMISSÃO DA CULTURA — O sentido da educação colonial — As origens das instituições escolares — A descentralização e a dualidade de sistemas — A renovação e a unificação do sistema educativo — O ensino geral e os ensinos especiais.

Enriquecem a obra numerosas gravuras.



PRINCIPAIS ESTADISTAS DO SEGUNDO IMPÉRIO, por Edmundo Luz Pinto — Rio de Janeiro, 1943.

Foi este livro escrito por determinação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a convite da Comissão Organizadora do 3.º Congresso de História Nacional. Aceitando tal encargo, o sr. Edmundo Luz Pinto o considerou principalmente "um dever imperioso de todo intelectual brasileiro." Nesse sentido empreendeu a nobre tarefa e nobremente a levou a cabo. Quem já teve ensejo de admirar os dons e recursos oratórios que ele assinalou no Parlamento e em toda a tribuna lhe tem valido triunfos magníficos; quem faz idéia da riqueza do seu temperamento, do seu caráter entusiástico, da sua sensibilidade, em que todas as emoções se engrandecem e aformoseiam — poderá experimentar certa surpresa diante destas paginas exemplares. Nelas o sr.

Luz Pinto conteve quer os ímpetus da sua imaginação quer os surtos da sua fidalga generosidade em apreciar e julgar o merecimento alheio. Tudo o que na sua individualidade, em livre e ditosa expansão, seria ardor, arroubo, poesia, aqui se converteu em atitude correcta e escrupulosa compostura. O estilo do artista da palavra assumiu outra feição, sem rigorosamente alienar o cunho pessoal; dominou-se, disciplinou-se, para a obra serena da História. E o talento, que se nos manifesta agora sob um aspecto diverso do que nos habituamos a admirar, não faz senão impôr-se por um motivo mais à nossa admiração.

A algumas figuras dedica o autor duas, tres e até mais páginas, nas condições que lhe pareceram mais justas ou necessárias; a outros vultos, porém, dedica pouco mais de meia página, como neste perfil do Conselheiro Lafayette, quinze linhas que constituem um modelo de concisão eloquente:

"Vale assinalar que do Gabinete Sinimbu faziam parte as grandes figuras nacionais de Lafayette Rodrigues Pereira e Gaspar da Silveira Martins.

Lafayette, que ocupou depois a presidência do conselho em 1883, embora não possa, a rigor, ser considerado um estadista, era uma das maiores cerebros do Segundo Reinado. Parlamentar insigne, de vasta erudição, polemista, dialético, com um talento epigramático quasi tão grande como o de Zacarias e porventura nutrido da seiva de maior cultura humanística, era Lafayette, acima de tudo isso, um portentoso jurisconsulto em cujas obras, vasadas na mais sóbria e límpida clareza verbal, até hoje estudantes e mestres aprendem e se orientam."



POEMA de Itala da Graça — Rio de Janeiro, 1943.

A sra. Itala da Graça é uma jovem poetiza que sabe fazer versos e mostra que o sabe. O último dos trabalhos reunidos neste volume constitui uma tradução do famoso monólogo do zéiro que Miguel Zamacois incluiu na sua peça *les Bouffons* e que Sarah Bernhardt, criadora do protagonista, dizia à sua inspirada, incomparável maneira. Quem ouviu tal "ária" — como o ditoso rabiscador destas notícias no próprio Teatro Sarah Bernhardt — para sempre ficou guardando a emoção da música mais enlevadora... A sra. Itala da Graça fez a tradução em alexandrinos de bom timbre e que bem revelam o seu entusiasmo pelo original. Talvez porque o hemistiquio — estribilho qui



Novos

filait de la laine lhe apresentasse certa dificuldade para a transposição mais ou menos à letra, substituiu-o pela frase "que tecia num tear". Liberdade poética. E a leitura da peça que ocupa tres das vastas páginas do presente livro proporciona real prazer.

Dispondo de destra, desenvolta técnica, nem sempre a poetiza a emprega no rigoroso sentido da arte. Frequentemente lhe apraz dar aos seus pensamentos, não raro de nobre elevação, e às suas emoções sempre delicadas a forma gráfica chamada moderna mas que já esteve mais em moda e na qual a prosa se fragmenta em linhas arbitrárias, fingindo versos. Mas também no livro se encontram composições de bela plástica e fina sonoridade como a intitulada *Vento e Areia*:

Peregrino da errante Caravana
não creias na miragem:
ela engana...

Se encontrases oasis verdejante,
detém o teu desejo:
não sigas adiante!

Traíçoeiro é o vento do deserto,
e teu destino, ó homem,
cruento, ingrato, incerto!

Esquece o Acaso hospitaleiro o resto da jornada.

Despreza a onipotência dos califas
e inveja
quem te diz que não quer nada!

POEMAS

IVANHOÉ, romance de Walter Scott, tradução de Marques Rebelo — Rio de Janeiro, 1943.

Walter Scott escreveu este romance pouco antes dos setenta anos de idade. E, se *Ivanhoe* não passa na Inglaterra por ser a sua obra prima, de certo no estrangeiro se tornou a mais largamente admirada. O destino da livraria a favoreceu como a nenhuma outra do poeta e novelista excelente, cujas obras viram a luz no último quartel do século XVIII e no primeiro do XIX. Traduzido em todas as línguas mais ou menos civilizadas *Ivanhoe* tem vindo de geração em geração, conquistando as sensibilidades, impondo-se aos espíritos, pelo mundo inteiro. E bem difícil certamente se tornaria apurar as versões, entre boas, vulgares e até péssimas que deles têm sido feitas na tão generosa e agora mais que nunca hospitaleira língua portuguesa.



Foi, pois, em plena velhice ou naquilo que para tantos homens constitui já velhice adiantada; foi quando, em geral a decadência já implacavelmente se pronunciou, que Walter Scott trabalhou a novela com mais ímpeto, mais ardor, mais arrebatamento. Quanto a isto, não ha na Inglaterra mesma duas opiniões. O heroísmo de *Ivanhoe*, a paixão que o inspira, o mistério que o envolve assumem, num estilo sempre poderoso e ardente, o prestígio mais sensacional. Na feição histórica que o autor aliou ao caráter imaginoso da obra, veem os críticos algumas incorrecções ou infidelidades. Os leitores, porém, encantados com a pujança e brilho das descrições, dominadas pela veemência empolgante dos episódios, não podem dar por aqueles senões; e algum, que porventura dê, faz de conta que não deu — e passa adiante.

POEMAS PARA O TEU BOLSO, versos de Elóira Possólo Chacó — Rancho do Moinho 1943.

A poetisa de *Mal divino*, *Alma serena* e outros livros mais ou menos fúlbros oferece-nos desta vez algumas composições que, sendo breves, ligeiras pelo número de versos e pela espontaneidade da fatura, não deixam de encerrar ricos conceitos ou de se adornar de belas imagens. Como em colloquio íntimo ou em pura confidência, estas poucas páginas nos falam da Fatalidade, da Vida, da Morte, da Guerra, da Alegria, da Sinceridade... E eis, por exemplo, o que nos dizem *Sobre a religião* e *Sobre a ambição*:

Ama o teu coração triste,
Serenos olha o teu pesar,
Que importam credos ou crenças?
Preciso é que te convenças,
Religião só uma existe:
Compreender e perdoar!

Alma que sonhas um tesouro
Nesta ambição que te angústia,
Repara um pouco: vê quanto ouro
O sol te trás na luz do dia!

A FUNÇÃO DOS ACENTOS EM PORTUGUES, por Brito Mendes — Rio de Janeiro, 1943.

Depois de haver vigorosa e brilhantemente afirmado a sua individualidade literária no romance, na poesia, no teatro, o sr. Brito Mendes devotou-se com apego e convicção às questões relacionadas com a pureza e a correcção da linguagem. Por elas tem esquecido as vitórias alcançadas nos campos da imaginação e da ficção. Fora das obrigações quotidianas do jornalismo, pode-se dizer que não faz este homem de letras outra coisa. A filologia veio a constituir para ele qualquer coisa de empolgante, acaparante — e sagrado. A essa ciência, a essa arte o prende uma espécie de paixão. E graças a inteligência com que a exerce e a cultura que põe a seu serviço, adquiriu o sr. Brito Mendes uma autoridade de primeira ordem.

Depois das obras *Prática da colocação dos pronomes*, *Flexões da língua portuguesa*, *A nova ortografia* e *O meu dicionário*, dá-nos agora o sr. B. Mendes este tratado "em que se analisa e explica o modo de acentuar as palavras e especialmente as formas verbais". Do primeiro relance se tem a noção completa da utilidade de tal trabalho. Pela clareza e segurança com que tudo está exposto, esclarecido e exemplificado, nenhum estudioso deixará de tirar destas lições real e imediato proveito.

J. L.

PILSENER

Numa festa produz



UM PRODUTO DA

A. 601

ANTARCTICA

RAUJO JORGE

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 7)

— O premio trazia o nome de *Raul de Leoni*, o poeta que mais admiro e eu "abis-ava" sem mais aquela três mil cruzeiros.

— E nestes tempos que correm...

— Não fazem mal a ninguém. Além do mais esta historia de pensar que os poetas não no mundo da lua é cousa que já não pega.

O reporter pergunta, a seguir, qual o livro que na opinião do poeta de *Amo* deve ser escolhido para o premio da Academia Carioca de Letras. Araujo Jorge pensa um pouco, procurando uma resposta. E' sempre difficil um julgamento. Refere-se aos da poetiza Maria Izabel e de Eduardo Tourinho, sem decidir-se em definitivo não conhecer muitas das obras que concorreram ao premio.

— Gostaria de comentar para a REVISTA DA SEMANA o seu livro *Eterno Motivo*? Araujo Jorge sente-se mais à vontade, embora vá julgar um filho querido.

— *Eterno Motivo* é uma coletanea de versos líricos, alguns deles escritos antes do *Cantico do Homem Prisioneiro* que foi publicado em 1941. Dividi o livro em duas partes: na primeira falo de amor, amor à mulher; na segunda, ainda o amor porém num sentido total, amor filial, amor à natureza, amor à vida, amor à liberdade e à humanidade. O livro poderia trazer como epigrafe o primeiro verso: "Não me envergonho nunca falar de amor." Afinal de contas é mistério que alguém fale de amor, em meio aos horrores da guerra, nesta época em que os próprios sacerdotes vestem fardas e fazem ser-ões justificando a guerra do lado onde se encontram.

O poeta queda-se um momento subitamente sério pelo extranho cortejo de tristezas e acabara de evocar e cita uma frase de um romance de Cronin: "Quanta heresia se preta em nome de Deus". Deixamos o assunto. O poeta de *Luz Mediterranea* vem baila.

— Raul de Leoni é o meu poeta predileto. Talvez mesmo se note a sua influencia em alguns dos meus trabalhos.

— Influencia que não é senão uma identificação de sensibilidades.

— Ele que foi um grego exilado nos trópicos, cuja poesia terá a vida das estrelas, é um suave pessimista. Leoni dá a impressão do homem que chegou a um grau de superioridade intelectual através de uma grande e continua experiencia humana. Olha a vida de cima depois de ter saído dela. E então ensina tolerancia, paciencia, calma. Um pouco de Confucio e de oriental na sua palavra. Na verdade ele era grego, na forma, mental no fundo, tropical na luminosidade.

O reporter sente quanto é agradável ao entrevistado o tema da palestra. O poeta recordando alguns versos de Leoni. *Olha que a vida é uma apparencia vaga, Duas almas ter, uma no fundo do ser outra boiando nos labios. E um gesto ironico ao que não al-ças. Ironia! Ironia! Minha consolação, é minha filosofia!*

— Mas na realidade a ironia de Leoni é mansa, não fere, não se revolta, não blas-pha, não se irrita. Chegou à superioridade da renuncia.

Interrompendo a sua apreciação sobre Raul de Leoni, o poeta de *Eterno Motivo* diz, que se o premio o satisfizesse de qualquer maneira, foi sem duvida pelo titulo do patrono.

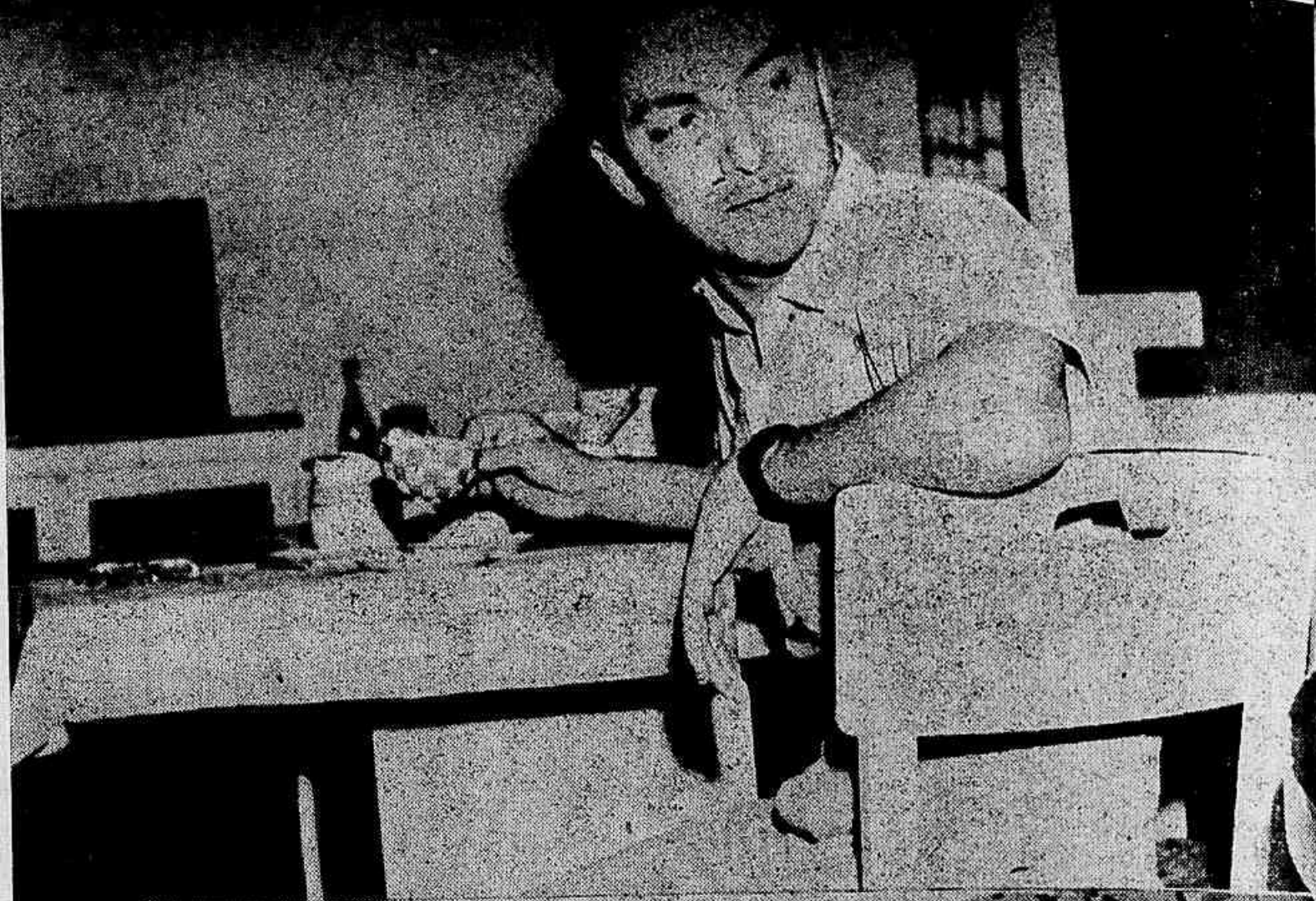
O ROMANCISTA

Falamos do romance que está terminando, devendo brevemente entregar os originaes editor. *Fimdo Mundo*, pois que é esse o titulo do livro, seguiu uma orientação inteiramente diversa de *Um besouro contra a vidraça*, romance de sabor psicologico, em que se contam três personagens. Neste, Araujo Jorge tem como personagem toda uma pequena cidade provincial. O entrecho se passa em Rio Branco, no Território do Acre, sua terra natal.

O POETA E O PUBLICO

Araujo Jorge é um poeta satisfeito com o publico que tem. Especialmente o publico feminino... muito embora não só as mulheres leiam os seus versos. Haja visto premio da Academia Carioca de Letras.

— Felizes são os homens que as mulheres elegem, nos diz o poeta. Nunca me esqueço



Em cima: Flagrante apanhando o poeta em casa á vontade. Note-se que não mora em apartamento. E' conservador: sobre a mesa, café, com leite, pão, biscoitos brasileiros... e até um pouco de manteiga. Em baixo: Flagrante do poeta J. G. de Araujo Jorge, tomado no interior da sua residência em Copacabana. Primeiro o café e depois um pouco de atualidade nas paginas da revista.

de que Disraeli só chegou a primeiro ministro, porque encontrou no lugar de um rei uma rainha. Fico satisfeito com esse publico, porque na realidade é o mesmo que encontro em grande maioria nas sala. de concertos, nas exposições de pintura, nas sessões extraordinarias da Academia Brasileira, enfim em todo o lugar onde esteja o espirito e a sensibilidade. Já certo editor me afirmou que se não fossem as mulheres faliriam as casas editoras.

— Como explica essa grande simpatia do publico feminino pelos seus livros?

— Poesia, meu amigo. A poesia explica tudo. Acontece que às vezes falo de amor, e os homens que falaram de amor, desde Cristo, tiveram as atenções de Madalenas e Julietas.



Recepção da Academia Carioca de Letras, no salão do antigo Conselho Municipal, aos membros das Academias de Letras dos Estados que tomaram parte na Conferencia de Desembargadores. Num dos flagrantes um aspecto da assistencia presente à solenidade. Vemos no outro, o cel. Jonas Correia quando saudava os homenageados. Em nome das Academias de Letras falou, agradecendo a homenagem, o desembargador Lacerda Pinto, da Academia Paranaense de Letras.

OS TRES CAVALEIROS

G. K. CHESTERTON

(Traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

A curiosa impressão que me causava Mr. Pond (*), apesar de sua cortezia e de seus modos agradáveis, estava ligada possivelmente a algumas lembranças de minha infância e a uma vaga associação verbal de seu nome. Era um funcionário do governo, antigo amigo de meu pai, e minha imaginação infantil associara o nome de Mr. Pond com o tanque do jardim.

Quando eu pensava nisso, o homem me parecia estranhamente parecido com o tanque do jardim. Era tão tranquilo e tão brilhante como ele. Às vezes o tanque se mostrava diferente: ou era uma sombra que passava sobre a sua plana serenidade ou ele que copiava a silhueta de alguma coisa que atravessasse o céu. E eu sabia que também havia monstros em Mr. Pond — monstros de seus pensamentos — que às vezes mal surgiam à superfície para logo desaparecer. Surgiam sob a forma de absurdas observações, em meio a suas palestras racionais e correntes. Muitas pessoas pensavam que ele se tornara louco de repente. Porém logo tinham que admitir que recuperava a razão com a mesma rapidez.

Devo atribuir também que esta louca fantasia me ficasse gravada na imaginação à circunstância de que, em certos momentos, Mr. Pond se parecia demais com um peixe. Suas maneiras não eram apenas cortezias, mas também convencionais, como seus gestos, com a única exceção de um repuxão que dava na barba em ponta quando

(*) "Pond" quer dizer tanque, em inglês.

tinha que ficar sério, ao emitir um de seus conceitos esquisitos. Abria e fechava a boca num jeito engraçadíssimo, sem falar, e isto o fazia parecer-se com um peixe fora d'água.

Ora, Mr. Pond estava conversando um dia muito tranquilamente com sir Hubert Wotton, o conhecido diplomata; achavam-se os dois sentados debaixo de gigantescas sombrinhas no jardim, com os olhos fixos no tanque, cuja idéia eu, perversamente, associara com Mr. Pond. Falavam de uma parte do mundo que ambos conheciam muito bem e que muitas pessoas do ocidente da Europa desconhecem: as vastas estepes que se estendem através da Pomerânia, da Polônia e da Rússia, até chegarem aos desertos siberianos. E Mr. Pond lembrava que numa região onde os pântanos eram profundos, alternados com mananciais e pequenos rios, havia um único caminho sobre um alto aterro, uma vereda estreita, bastante segura para pedestres, porém que mal dava para passarem dois cavaleiros que marchassem juntos. Este é o começo da história.

Referia-se a uma época muito remota, quando os cavaleiros eram muito mais úteis do que hoje, não como combatentes, porém como mensageiros. Basta dizer que foi por uma das guerras que assolaram aquela parte do mundo na medida que é possível assolar semelhantes desertos.

Suponho que tenha ouvido falar — dizia Pond — do escândalo provocado a respeito de Paul Petrowski, o poeta de Cracóvia, que fez as duas coisas mais perigosas daqueles tempos: afastar-se de Cracóvia para morar em Poznan e tratar de ser poeta e patriota ao mesmo tempo. A cidade onde ele morava achava-se ocupada nesse tempo pelos prussianos. Como a cidade ficava na extremidade do longo caminho, o invasor tratou, é claro, de dominar a vanguarda desse caminho, verdadeira ponte improvisada através daquele mar de pântanos. Porém a base das operações estava na extremidade oposta. O célebre marechal Grock era o comandante em chefe; e seu próprio regimento — seu favorito — o dos Húsares brancos — achava-se acantonado perto do começo do grande caminho.

Tudo era reluzente, nas tropas, até o menor detalhe dos maravilhosos uniformes brancos de alamares e botões; porque isto aconteceu antes de se impor o uso universal da cor cáqui ou de barro para os uniformes. Não reprovava este costume, mas às vezes penso que a velha época heráldica era mais bonita do que a nossa época de cores imitativas. O orgulhoso regimento prussiano usava um uniforme branco; e, como verão, esse constitui um dos elementos mais importantes desta história. Aviso que não só o uniforme era notável, como também a conformidade

da tropa. Tudo aconteceu porque a disciplina era muito boa. Os soldados de Grock obedeciam-lhe muito; e por isso mesmo ele não pôde fazer o que queria.

— Parece-me que isso é um paradoxo — suspirou sir Wotton. — Muito espirituoso por certo, porém sem sentido comum. Sei de algumas pessoas que afirmam que há demasiada disciplina no exército alemão. Porém você não pode dizer, num sentido geral, que nunca exista demasiada disciplina em nenhum exército.

— Mas é que não estou falando em sentido geral — replicou Pond. — Estou falando neste caso especial e determinado. Grock fracassou porque seus soldados lhe obedeceram. Admite-se que, se só um de seus soldados lhe obedecesse, as coisas se teriam passado de melhor modo. Como, porém, obedeceram dois de seus soldados... O pobre marechal não pôde fazer nada.

Wotton começou a rir.

— É muito divertido ouvir esta sua nova teoria militar. Admite que um soldado do regimento deve obedecer; porém afirma que quando dois obedecem a tradicional disciplina prussiana se ressentem.

— Não estou expondo nenhuma teoria militar. Estou falando de um fato militar — replicou Pond placidamente. — É um fato militar em que Grock fracassou porque um de seus soldados lhe obedeceu. É um fato militar também que poderia ter triunfado se um lhe tivesse desobedecido. Mais tarde você poderá formular as teorias que quiser sobre este ponto.

— Eu não sou muito afeiçoado às teorias — observou Wotton, como se tivesse ficado ofendido.

Nesse momento, notaram a presença do capitão Gahagan, amigo e admirador do pequeno Mr. Pond, que ia atravessando o jardim cheio de sol. Levava uma flor na lapela, e um chapéu de copa cinzenta lhe cobria os raros cabelos louros; andava com um ar tão fanfarrão que parecia surgir do velho tempo dos dandys e dos duelistas, embora fosse relativamente muito jovem. No momento em



que a sua alta e quadrada silhueta se recortou contra o sol, pareceu a figura corporal da arrogância. Quando chegou e se sentou com o sol no rosto, aquela impressão se desvaneceu, e seus olhos castanhos e apagados mostraram uma expressão triste e ansiosa.

Mr. Pond, interrompendo o monólogo, desfez-se em gentilezas.

— Estava me referindo àquele poeta Petrowski que esteve a ponto de ser executado em Poznan... faz muito tempo. As autoridades militares vacilavam, e iam pô-lo em liberdade, a menos que recebessem ordens do marechal Grock ou de alguém mais graduado ainda. Porém o marechal Grock estava disposto a executar o poeta e mandou ordens terminantes naquela tarde mesmo. Depois foi mandado o indulto que salvava Petrowski; porém, como o homem que levava o indulto morreu no caminho, o prisioneiro foi posto em liberdade...

— Porém como o homem... — repetiu Wotton mecanicamente.

— O homem que levava o indulto... — acrescentou Gahagan, sarcástico.

— Morreu no caminho... — murmurou Wotton.

— O prisioneiro foi posto em liberdade — concluiu Gahagan, rindo. — Sim, está claro como a água! Conte-nos outra fábula, avôzinho...

— Não há fábula nenhuma — protestou Pond — e tudo se passou exatamente como lhe estou dizendo. Não se trata de nenhum paradoxo nem coisa parecida. Para verificar a simplicidade do caso esperem para conhecerem a história completa.

— Natural — concordou Gahagan. — Esperemos.

— Então conte — atalhou Wotton.

"Paul Petrowski era um desses homens líricos que têm prodigiosa importância na política prática. Seu poder residia na circunstância de ser um poeta nacional e um cantor internacional. Isto é, tinha uma voz melodiosa e profunda, com que cantava suas canções patrióticas nas salas de concertos de metade do mundo.

No seu país, como era natural, era archote e arauto de esperanças revolucionárias, especialmente na época, em meio dessa espécie de crise internacional em que os políticos práticos desaparecem para dar lugar a outros homens nem mais nem menos práticos do que eles. Porque o verdadeiro idealista e o realista legítimo têm de comum pelo menos o amor à ação. E os políticos práticos vivem... às custas de apresentar objeções práticas a qualquer ação. O que o idealista faz pode ser utópico, e o que o homem de ação faz pode ser deshonesto; porém nada pode atingir a fama de um homem que não faz nada. E' curioso que estes dois tipos opostos tenham se achado nos dois extremos de um caminho que corria através dos pântanos: o poeta polonês, preso na cidade de um extremo; o soldado prussiano, chefe do acampamento na outra extremidade.

Porque o marechal Grock era, não somente inteiramente prático, como de todo prosaico. Nunca lera um verso; porém não era tolo. Possuía esse sentido de realidade que distingue os soldados; e isso o impedia de cair nos erros fatais dos políticos práticos. Não zombava das utopias; simplesmente desprezava-as. Sabia que um poeta ou um profeta podem ser tão perigosos como um exército. E havia resolvido que o poeta morresse. Era sua única concessão à poesia; e essa concessão era sincera.

O marechal estava sentado em frente à mesa de sua tenda; o capacete pontagudo, que nunca tirava em público, estava a seu lado; e sua cabeça maciça parecia inteiramente calva, embora em realidade estivesse completamente raspada. Tinha o rosto também raspado e um par de óculos fortes lhe dava uma expressão enigmática — a única — ao pesado semblante. Voltou-se para um tenente, um alemão de cabelos incolores, cujos olhos azues contemplavam o vácuo.

— Tenente Hocheimer — disse o marechal — Você disse que Sua Alteza chegará ao acampamento esta noite?

— Às 7,45, marechal — replicou o tenente.

— Então apenas temos tempo suficiente para você levar a ordem de execução antes dele chegar. Devemos servir Sua Alteza de qualquer modo; porém em especial evitando-lhe incômodos inúteis. Já terá bastante em passar as tropas em revista; trate de que tudo se ache à disposição de Sua Alteza. Ao fim de uma hora ele nos deixará de novo, para visitar o posto mais próximo.

O corpulento tenente pareceu voltar à vida em forma parcial e fez continência.

— Está bem, marechal. Todos nós devemos obediência a Sua Alteza.

— Eu digo que todos nós devemos servir a Sua Alteza — corrigiu o marechal.

Com um gesto mais rápido que o habitual, Grock tirou os óculos e os deixou na mesa. Se os olhos pálidos do tenente tivessem sido capazes de observar alguma coisa, ou tivessem podido abrir-se um pouco mais, ter-se-iam fixado na transformação operada por aquele gesto. Era como a substituição duma máscara de aço. Um momento antes o marechal Grock parecia um rinoceronte, com as largas bochechas caídas e o queixo grosso. Agora representava uma nova espécie de monstro — um rinoceronte com olhos de água. O frio, olhar de suas velhas pupilas, teria dito a qualquer observador que havia alguma coisa nesse homem, além da sua parcialidade. Diria pelo menos que uma parte de sua personalidade era feita de aço e não somente de ferro. Porque em todos os homens vive um espírito nem que seja diabólico.

— Digo que todos nós devemos servir a Sua Alteza — repetiu Grock. — Falarei com maior clareza e direi que todos nós devemos resguardar Sua Alteza. Não é suficiente que nossos reis sejam nossos deuses. Não basta que eles sejam servidos e defendidos. A nós compete servi-los e guardá-los.

O marechal falava e até pensava frequentemente como

muitas pessoas teóricas. E em geral se verifica que homens de seu tipo, quando pensam em voz alta, preferem achar-se na presença de um cão. Experimentam certo prazer em usar longas frases e elaborar argumentações diante do cão. Seria injusto comparar o tenente Hocheimer com um cão, embora o cão seja uma criatura muito mais sensível e vigilante. Seria mais exato dizer que Grock, num de seus raros momentos de meditação, tinha a certeza de que estava refletindo em voz alta, diante duma vaca ou dum repolho.

— Uma vez por outra, na história da nossa casa real, foi o servo que salvou o senhor — prosseguiu Grock — e frequentemente o servo tem recebido pancadas do mundo exterior, por esse fato, salvo quando choraminga sentimentalismos contra os triunfadores e os fortes. Nós somos triunfadores e somos fortes. Renegaram a Bismarck porque enganou a seu próprio senhor a respeito do telegrama Ems; porém esse engano converteu seu senhor em senhor do mundo. Paris foi tomada e nós ficamos em segurança. Esta noite Paul Petrowski deve morrer e estaremos novamente em segurança. Por isso o mandarei daqui a pouco com a sentença de morte. Compreende isto, e compreende que deve ficar lá até que se cumpra a ordem?

O rígido Hocheimer fez a continência; podia compreender muito bem isso, tudo. Tinha, apesar de tudo, as qualidades dum cão: era tão valente quanto um bull-dog e fiel até à morte.

— Deve montar e partir imediatamente — prosseguiu Grock — fazendo com que ninguém o atrase nem coisa alguma o impeça de cumprir seu dever. Sei com certeza que esse louco de Arrhein vai soltar Petrowski se a mensagem não chegar esta noite. Corra.

O tenente tornou o fazer a continência e mergulhou na noite; e montando um dos soberbos cavalos brancos que formavam parte daquele esplêndido corpo militar começou a galopar ao longo do estreito e alto caminho, ao longo das escarpas semelhantes a muralhas, que dominavam o horizonte cinzento e as indecisas cores daqueles pântanos.

Quando os últimos ecos do galope se perdiam no caminho, Grock ergueu-se, pôs o capacete e os óculos e saiu à porta da tenda. Os chefes da tropa, em uniforme de gala, aproximaram-se dele; e por todo o percurso das linhas mais distantes se ouviram as saudações do ritual e o alarido das ordens. Sua Alteza, o Príncipe, havia chegado.

Sua Alteza, o Príncipe, formava contraste, ao menos exterior, com os homens que o rodeavam. Usava também um capacete pontagudo, porém de outro regimento, negro, com reflexos de aço azulado; e havia alguma coisa incongruente na combinação desse casco e da barba flutuante, longa, negra, e os prussianos barbados. Como combinando com a barba flutuante, longa e escura, vestia uma capa larga, flutuante, azul, com uma estrela da mais alta condecoração real; e sob a capa azul levava um uniforme negro. Embora tão alemão como qualquer outro, era uma classe diferente de alemão; e alguma coisa em seu rosto orgulhoso e distraído estava de acordo com a lenda de que a verdadeira paixão daquele príncipe era a música.

O resmungão Grock inclinava-se a ligar essa remota excentricidade com o fato — para ele exasperante — de que o príncipe não procedesse imediatamente à revista das tropas. O príncipe, no entanto, abordou com impaciência o assunto que Grock desejava ardentemente esquecer: o assunto daquele endemoniado polonês, sua popularidade e o perigo que ela representava; porque o príncipe havia ouvido algumas canções do poeta em teatros de metade da Europa.

— E' uma loucura falar em execução dum homem destes — disse o príncipe, carrancudo. — Não se trata de um polonês vulgar. Ele constitui uma instituição europeia. Seria chorado e endeusado pelas nações, nossas aliadas, por nossos amigos e até por nossos compatriotas alemães. O senhor quer proceder como as mulheres sem senso que mataram Orfeu?

— Alteza — disse o marechal. — Poderão chorá-lo; porém ele estará morto. Poderão fazer dele um deus; porém ele estará morto. O que se queira fazer não poderá mais ser realizado. Qualquer coisa que se esteja fazendo, ficará incompleta. A morte é o fato supremo e eu sou um devoto dos fatos consumados.

— O senhor conhece alguma coisa do mundo? — perguntou o príncipe.

— O mundo não me interessa — replicou Grock — mais além da última fronteira da pátria.

— Santos céus! — gritou Sua Alteza. — O senhor teria enforcado Goethe!

— Para a segurança da vossa casa real — respondeu Grock — sem a menor vacilação...

Heuve um breve silêncio interrompido repentinamente pelo príncipe:

— Que quer dizer isto? — perguntou ele alarmado.

— Quer dizer que não vacilei um só instante — replicou o marechal, imperturbavelmente. — Já mandei minhas ordens para a execução de Petrowski.

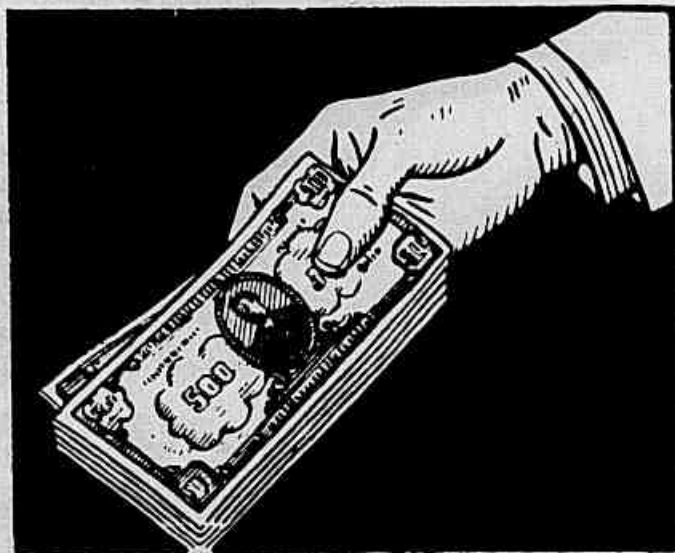
O príncipe endireitou-se como uma grande águia negra: as dobras da capa formavam as asas poderosas. Todos sabiam que a fúria, mais do que as palavras, faziam dele um homem de ação. Nem ao menos dirigiu a palavra a Grock; por diante dele, a plenos pulmões, chamou o segundo comandante, o general Voglen, um homem roliço, de cabeça quadrada, que permanecia na porta, rígido como uma pedra.

— Quem é que possui o melhor cavalo na sua divisação? Quem é o melhor cavaleiro?

— Arnold Schacht possui um cavalo que poderia ven-

SABE O QUE E' UM SEGURO MÚTUO? PARTE DO PRÊMIO LHE SERA' DEVOLVIDA!

Fazendo um seguro na "A UNIVERSAL" (seguros mútuos) o senhor pagará o prêmio comum. Mas, desde que pagou o prêmio o senhor é sócio da Companhia. Não terá responsabilidade nos riscos e participará dos 30 % a 50 % dos lucros que são distribuídos, podendo votar e ser votado em assembleias. A cota de lucros que lhe couber é uma virtual devolução do prêmio pago, o que torna o seguro mais barato.



Faça seus seguros contra riscos de incêndios, transportes marítimos e terrestres ou acidentes pessoais, na

Em caso de sinistro
A UNIVERSAL
paga em dinheiro
a vista

SOCIEDADE MÚTUA DE SEGUROS GERAIS

"A UNIVERSAL"

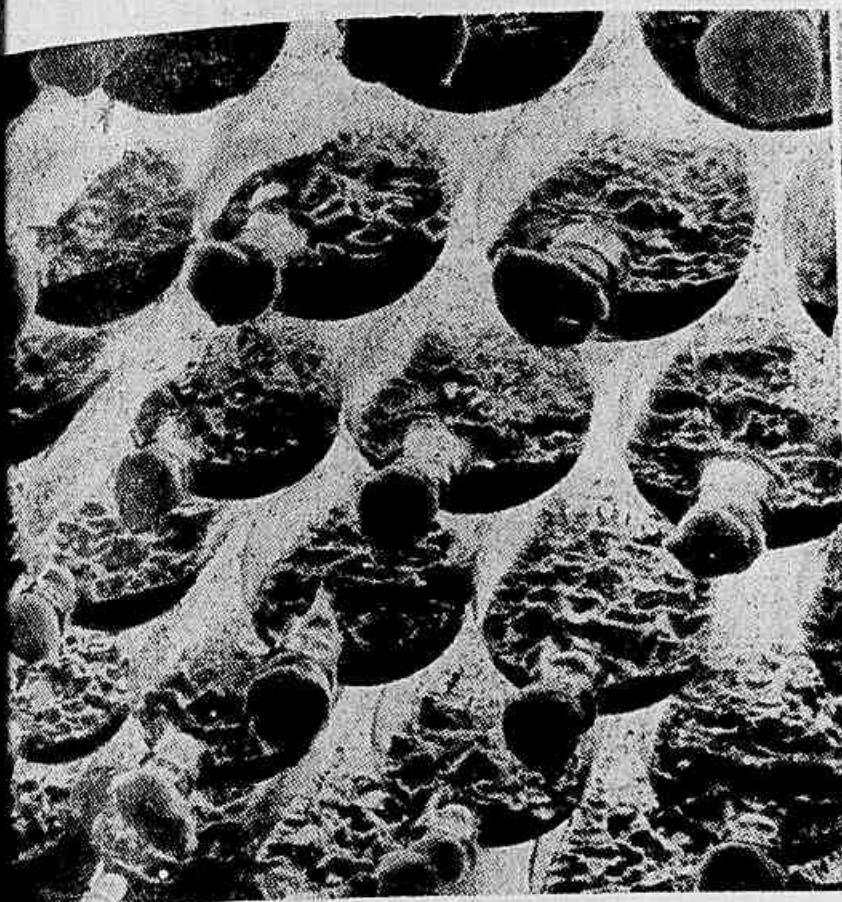
CAPITAL REALIZADO: Cr.\$ 1.595.000,00

Av. Graça Aranha n. 226 - 2.º andar — Rio — Tels. 42-5997 — 42-1382

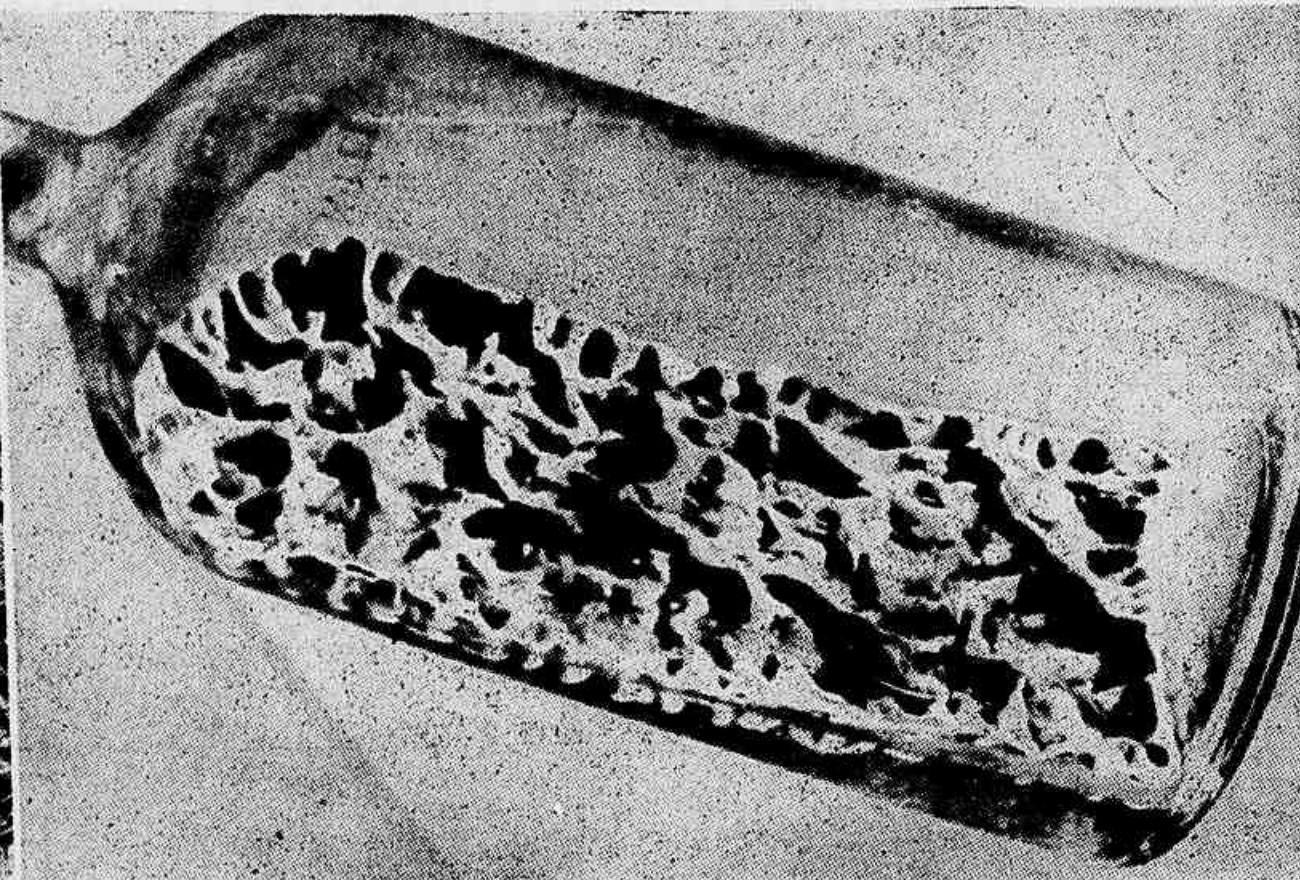
AGENTES NOS ESTADOS:

ESTADO DE S. PAULO: Companhia de Armazens Gerais. São Paulo (São Paulo) — ESTADO DE SANTA CATARINA: Indústria, Comércio e Seguros Knoi & Cia. (Florianópolis) — ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: Paetz & Cia. Ltda. (Porto Alegre) — ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: Calhau Irmão & Cia. Ltda. (Vitória) — ESTADO DO MARANHÃO: L. Guimarães & Cia. (São Luís do Maranhão) — ESTADO DO PARANÁ: Feliciano Guimarães & Cia. (Curitiba).

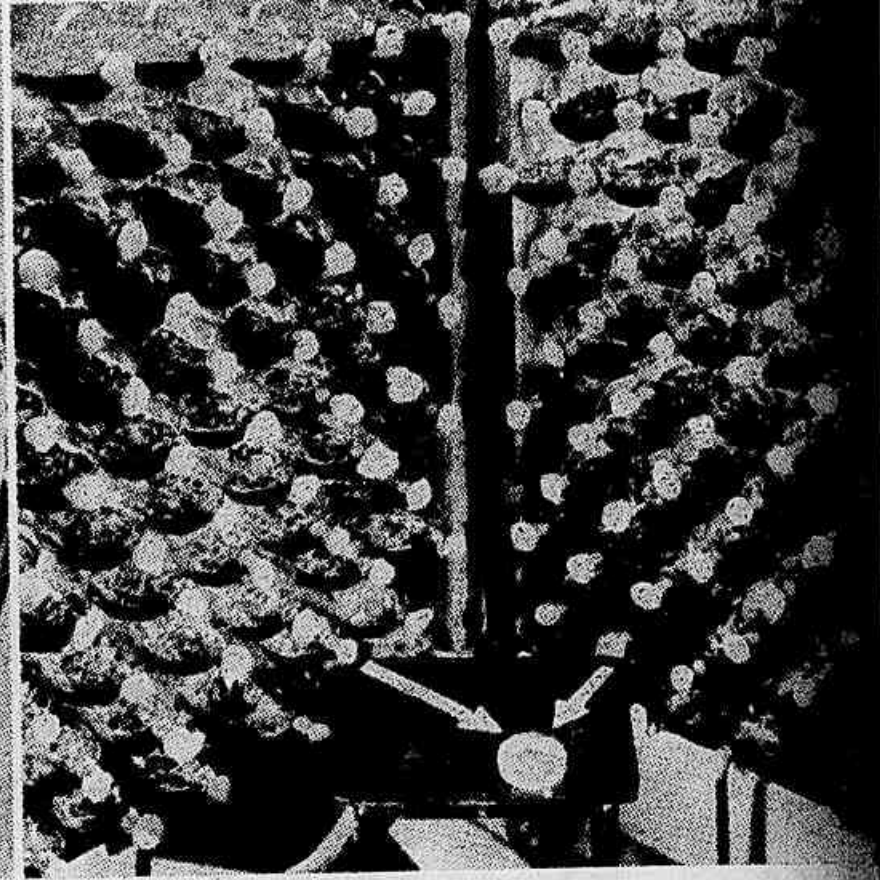
ADMINISTRAÇÃO DE BENS



CULTURAS DE MOFO são feitas dentro de frascos em incubadores nos laboratórios Squibb de New Brunswick, em Nova Jersey. A produção de um agente Penicilim uniforme e estável exigiu a solução de muitos problemas difíceis. O mofó mais eficiente teve de ser selecionado e combinado a um nutritivo eficiente. O Penicilim deve ser "colhido" no momento de desenvolvimento máximo.



O **MOFO DO PENICILIM** germina na superfície de uma solução nutritiva de água açucarada. No mofó podem vê-se gotículas brilhantes da solução natural do Penicilim excretadas pelo mofó. O Penicilim foi descoberto na Inglaterra pelo Dr. A. Fleming no Hospital de Santa Maria de Londres. Ele relacionou a destruição de culturas estafilocócicas a um mofó produzido por esporos que podem ser encontrados em toda parte.



A **DIMINUTA PRODUÇÃO** de dez gramas de sal de Penicilim é obtida de 160 litros de cultura de mofó após uma incubação de doze dias. Devido a sua alta potencia isto é suficiente para 100 doses padrão. Calcula-se que anos de estudo serão necessários para que se conheça bastante a composição química do Penicilim afim de sintetizá-lo.

QUE É O PENICILIM?

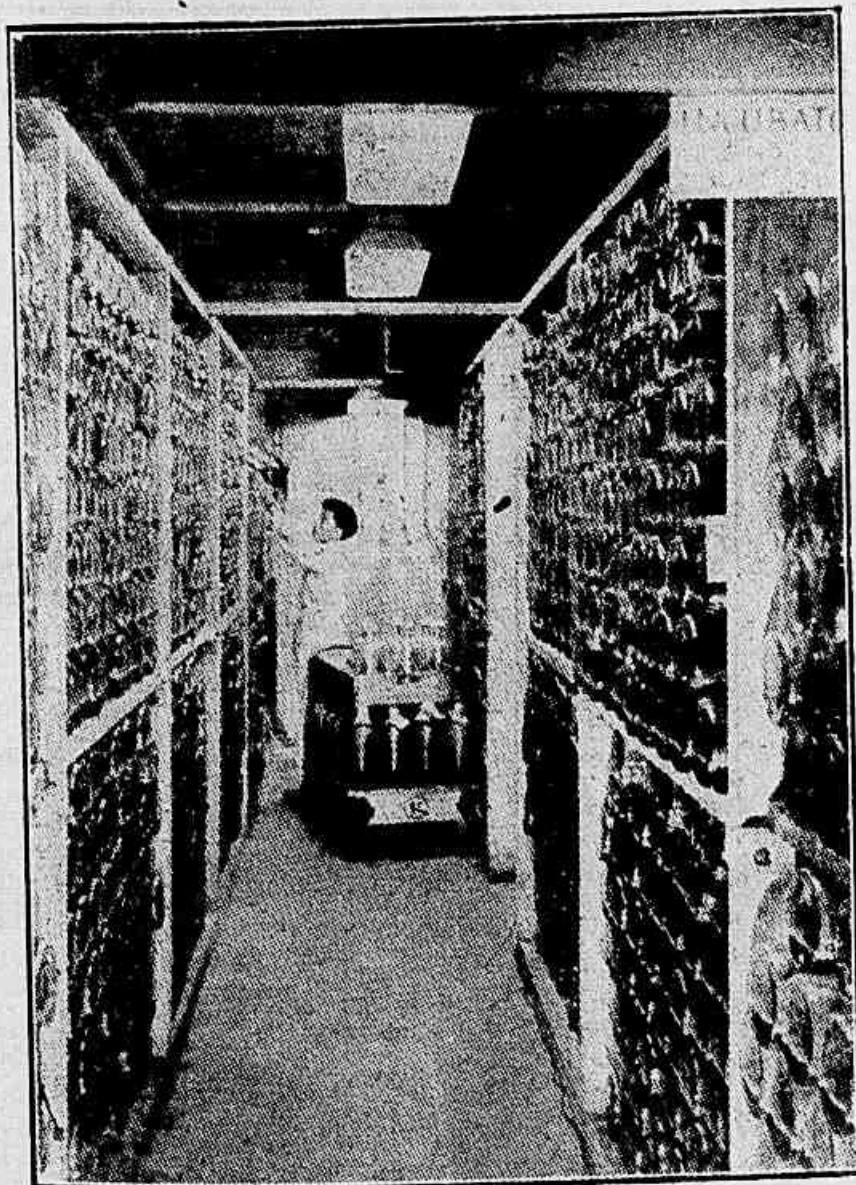
O Penicilim é um novo bactericida. Experiências de laboratório e "tests" clínicos indicam que, quando obtiver um uso generalizado, virá a substituir as drogas sulfurosas, ocupando o lugar "do bactericida mais poderoso entre os conhecidos para um importante grupo de organismos patogênicos". Este grupo abrange quase todos que resistem ao tratamento sulfuroso e os que não resistem. Sua potencia é tal que, diluído numa proporção de 1 para 100.000.000 destrói germes pato-

genicos. Em contraste com as drogas sulfurosas provou ser inteiramente inócuo ao homem.

A descoberta do Penicilim marca uma nova época na ciência médica. Difere das drogas sulfurosas, sintetizadas de frações de carvão de alcatrão, em que é um produto natural. É excretado no processo vital de um mofó vulgar do pão e do queijo, o "Penicillium notatum" do qual tira seu nome. O Penicillium é, além do mais, apenas um dos vários sub-produtos excretados pelos mofos e que prometem resultados espetaculares nos próximos anos.

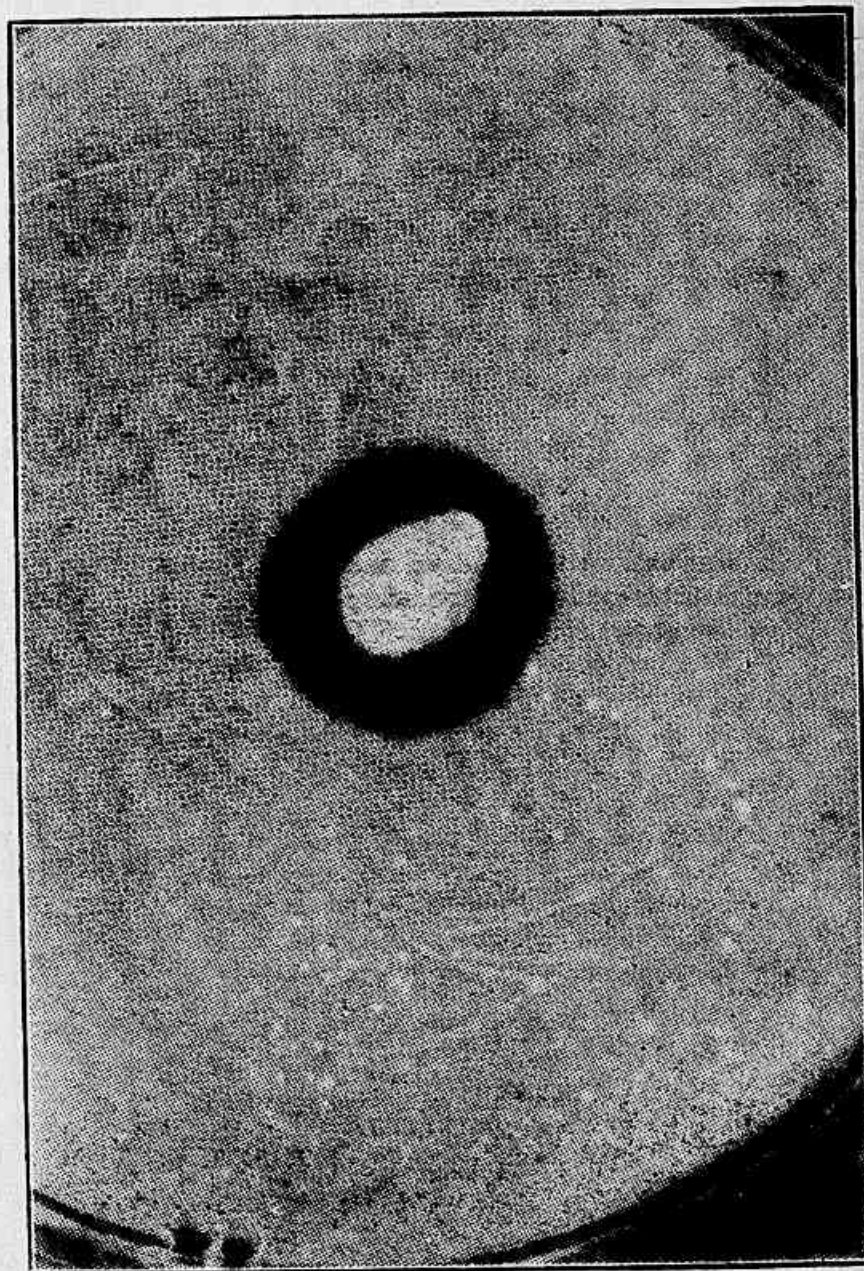
Haverá pouco Penicilim utilizável na prática médica por um período indefinido. Seu valor terapêutico foi primeiro estabelecido pelo Dr. H. W. Florey na Inglaterra há três anos apenas. Está agora sofrendo o

mais bem organizado aperfeiçoamento jamais sofrido por qualquer remédio. Graças ao Conselho Nacional de Pesquisas e ao Departamento de Pesquisas e Aperfeiçoamentos Científicos, Merck e Cia., Squibb e Sons e outros mais estão colaborando na difícil tarefa de produzir Penicilim. A produção limitada é racionada entre os médicos de várias partes do país, escolhidos para orientar "tests" clínicos coordenados. Em primeiro lugar a produção é canalizada para o exército.



EM INCUBADORES, as culturas de mofó são preparadas numa solução açucarada e sob temperatura controlada de 72°-74° F. Gotículas de Penicilim na superfície do mofó filtram-se num nutriente e são decantadas com o nutriente dos frascos, deixando nestes a massa do mofó. A extração do Penicilim é, então, um processo de três fases, envolvendo evaporação a baixa temperatura e a alta pressão.

AMPOLAS DE PENICILIM contêm quantidades diminutas do mesmo transportado num sal em pó (no fundo). Ao ser administrado ao paciente em injeção intravenosa é dissolvido em água esterilizada.



A **COLONIA DE MOFO** do Penicilim cresce aqui no centro de uma placa cheia de culturas estafilocócicas. As colônias vivas dos estafilocócicos são a área cinzenta da placa. O Penicilim é excretado pelo mofó já destruiu as culturas estafilocócicas no centro formando uma espécie de halo em torno do mofó branco. Este foi o efeito que o Dr. A. Fleming primeiro descobriu no Penicilim.

A Cara d' "êlé"...

A pessoa enve-
hecida e aba-
tida pela prisão
de ventre, reju-
venesce, toman-
do com regula-
ridade as

**PILULAS
DE
BRISTOL**

L&K

OS comprimidos
DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM
DE QUALQUER
DOR

TARQUINO

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evi-
tar as contrariedades provocadas por
uma dentadura postiça frouxa. FIXO-
DENT, um novo pó para polvilhar
a dentadura postiça, prende-a com
mais firmeza na bôca, proporcio-
nando maior comodidade. Não deixa
sensação pegajosa. É alcalino (não
ácido). Não amarga a bôca. Combate
o "cheiro de dentadura postiça".
Perfuma o hálito. Compre FIXO-
DENT hoje mesmo, em qualquer
farmácia ou depósito dentário.

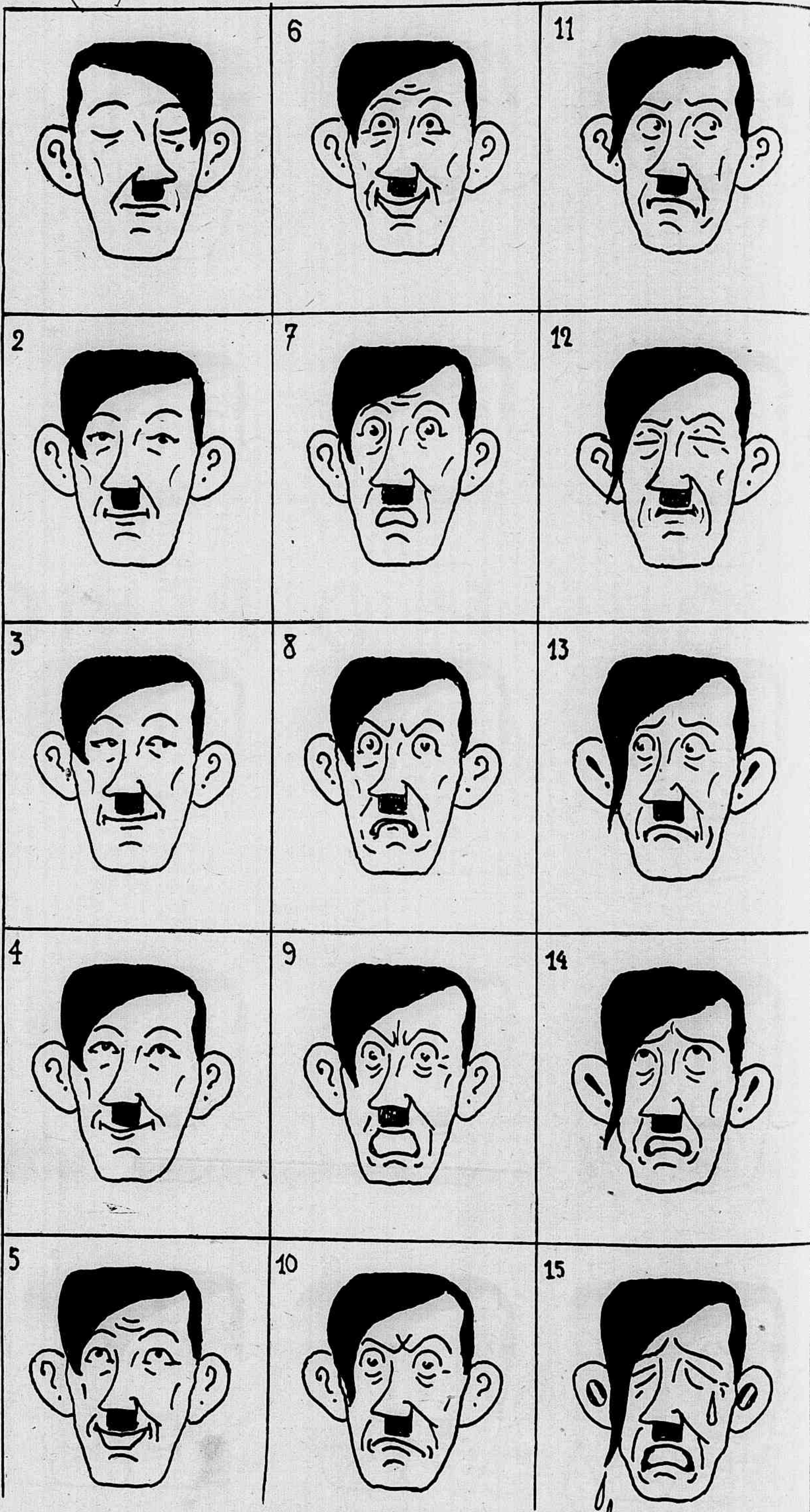
Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

SABÃO

TIMBORÔL



ASSEGURA A HIGIENE E BELLEZA DO
CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM



Film profético a ser revelado... na tela internacional dos
acontecimentos atuais, para o fim do programa.

R.



DE
SÃO
PAULO



**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succursora da
MAPPIN STORES
P. RAMOS DE ALVEIDO 5 PAUL.

CUIDADOS ESPECIAIS À CRIANÇA

As crianças requerem cuidados especiais e reme-
dios especiais. Para os males das vias respiratorias,
que provocam bronquites, tosse, rouquidão, asma,
coqueluche ou males similares nas crianças, o remédio
indicado é MASTRUÇOL, que pelos seus compostos
da flora brasileira dá completo alívio. MASTRUÇOL
tem o símbolo dos Laboratórios Cruz Verde, o que significa
que é um produto garantido.

**CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA**
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

De cima para bai-
xo: na primeira foto
da esquerda para a
direita, Sras. Ar-
manda Paranaguá,
Noemia Campos,
Conceição Neves
Santa Maria, duran-
te a linda exposição
de bonecas realizada
em favor da campai-
nha *A Vez do Solda-*
do e na qual julga-
ram 300 bonecas. Na
segunda, o general
norte americano C.
Hilman em interes-
sante instantâneo
quando visitava o
Instituto Butantan.
Na terceira, aspecto
apanhado quando o
Sr. Abelardo Ver-
gueiro Cesar, secre-
tário do Interior e
Justiça, acompanha-
do pelo Sr. Cecil B.
Cross, consul norte-
americano em São
Paulo, visitava a Le-
gião Brasileira de
Assistência, na ci-
dade de Ribeirão
Preto.

PRISÃO de VENTRE?



VARIZES EM SENHORAS

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um
medicamento vegetal para o tratamen-
to com ótimos resultados de varizes,
que prejudicam a circulação venosa.
Esta medicação, na dose de três coi-
heres das de chá ao dia, em água açu-
rada, restitue às pernas o seu estado
normal e a beleza estética. Em idêntica
dose debela os males causados pelos
mamilos hemorroidários internos e externos,
inclusive os que sangram. Não encontra-
do nas farmácias ou drogarias, peça dire-
tamente ao depositário: CX. POSTAL 1874
(um-oito-sete quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

Sucursal desta Revista no Uruguay

MORATORI & CIA. CONSTITUYENTE N.º 1746
Montevideo

Sucursal desta Revista na Argentina

INTER — PRENSA. FLORIDA N.º 229
TEL. 33 — AVENIDA 9109. BUENOS AYRES

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA



Noticiário Elegante



Na primeira foto ao alto a srta. Itala da Graça, autora do livro "Poemas" que acaba de sair.

Na segunda, a artista francesa Henriette Risner Morineau, organizadora, entre nós, de uma escola de declamação, que, no dia 26 deste, declamará no palco da A. B. I. interpretando uma cena de "Phédre", além de trechos de outros poemas em idiomas de seu país e do nosso.



SOCIAIS NO CASSINO ATLANTICO — A nova "boite" do Casino Atlantico afluê todas as noites uma multidão alegre e elegante, que ali, num ambiente de luxo e conforto, gosa horas de intenso prazer espiritual, assistindo ao magnifico "show" do Palacio do Posto Seis. A foto que aqui reproduzimos mostra um aspecto de uma das maravilhosas "soirées" do Cassino Atlantico.

ANIVERSARIO'S DA SEMANA

13: — Senhora Otilia Marques Lisboa. Senhorita Lody Costa. Senhores: prof. Estelita Lins; tenente-coronel Asdrubal Palmeira Escobar; Helcio Eugenio de Lima e Silva e dr. Carivaldo Lima.

14: — Senhora Evangelina Alves de Brito Cunha. Senhores: major Punaro Bley; Alberto Ramos; dr. Manuel Murtinho Nobre e dr. Cristiano Augusto Franco.

15: — Senhora Lenita de Lima Muniz. Senhoritas: Olivia Moreira e Maria Murcia. Senhores: dr. Carlos Reis; prof. Deusdedit de Souza; Spencer Luiz Mendes e Custodio Pereira Lima.

16: — Senhora Georgina do Nascimento Barbosa. Senhores: dr. João Neves da Fontoura e o nosso companheiro Moacir Simardi.

17: — Senhora Isa Araujo Lima Ferreira. Senhores: dr. Flavio Bueno Brandão e José Braga de Almeida.

18: — Senhora Maria Galvão de Oliveira Lyrio. Senhores: prof. Lafayette Rodrigues Pereira; dr. Ernesto Walter Faria e dr. Paulo Tavares.

19: — Senhora Guilhermina de Aguiño Lima. Senhores: dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros; dr. Edson Passos; dr. Ildefonso Simões Lopes e dr. José de Almeida Rios.



NA ESCOLA DE "GIRLS" DA URCA — A Diretoria do Cassino da Urca, com o fito de apresentar em seus shows um corpo de coristas digno de sua reputação, vem de organizar uma Escola de "Girls", onde as moças destinadas a figurar em conjuntos de bailados são rigorosamente selecionadas, sendo criteriosamente aproveitados todos os dotes físicos e intelectuais destas futuras atrizes.

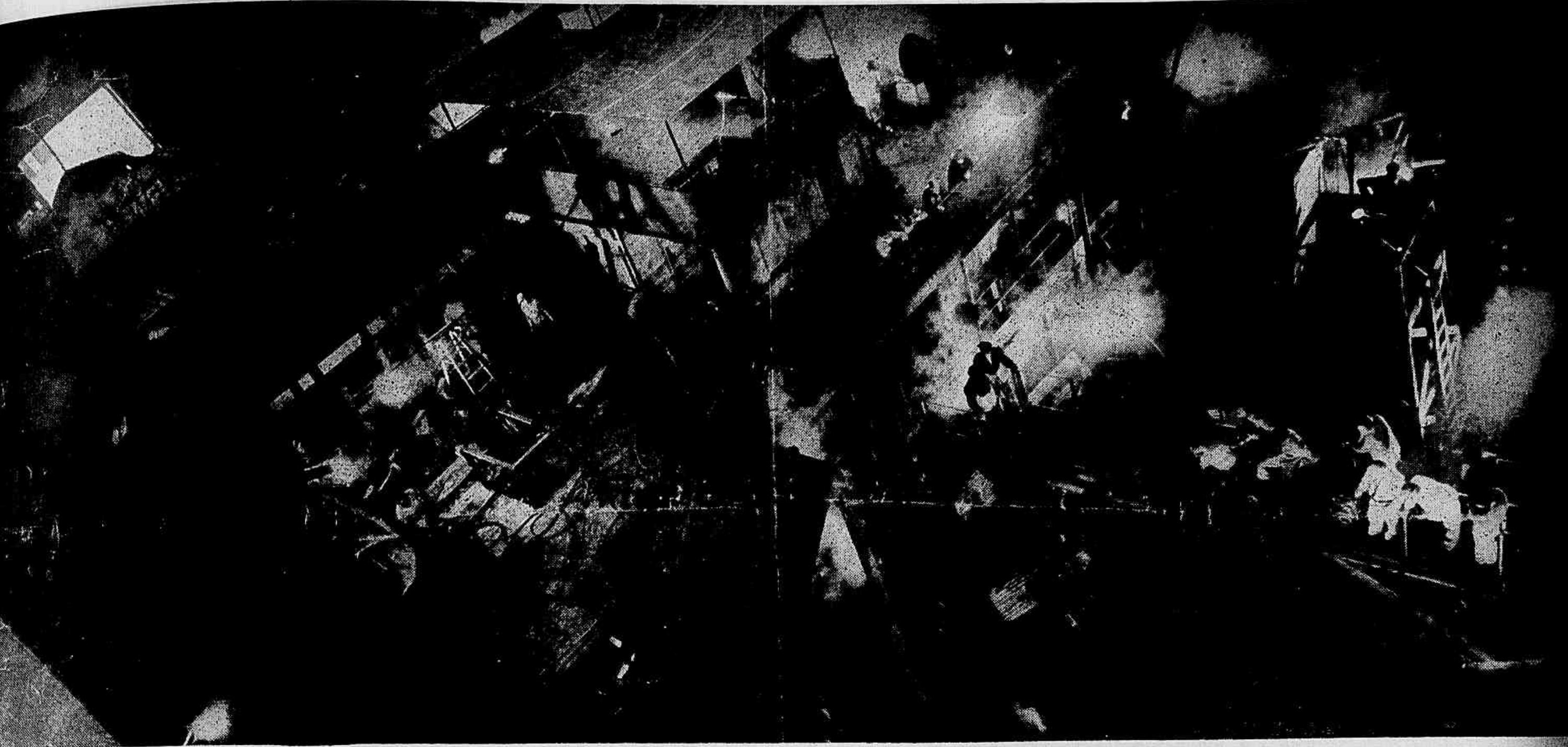
Na gravura acima, um flagrante de uma aula na Escola de "Girls" do Cassino da Urca.

NOIVADO

Verificou-se no dia 31 do mês p. passado o noivado da senhorita Maria Teresa Pinto Soares, filha do industrial Marcelino Pinto Soares e de sua esposa d. Laurinda Alves Soares, com o sr. Waldemar Vieira de Castro Gomes, destacada figura do nosso comércio.

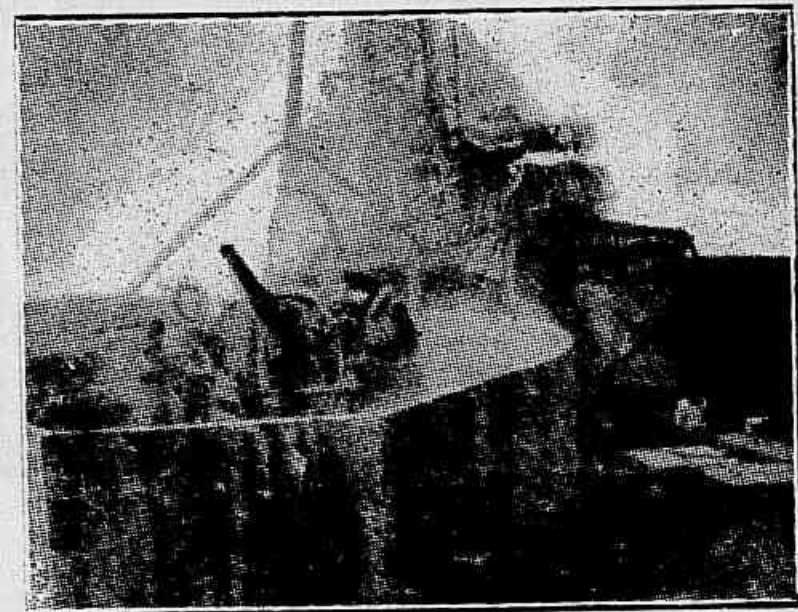


INTERVENTOR AGAMEMNON MAGALHÃES — No dia 5 do corrente, data natalícia do Interventor Agamemnon Magalhães, então nesta capital, seus amigos e admiradores renderam a s. s. tocante homenagem, mandando celebrar missa gratulatória na matriz de S. José, sendo oficiante o arcebispo metropolitano D. Jayme Camara, á qual compareceu elevado numero de pessoas, destacando-se altas autoridades, senhoras e senhorinhas da nossa sociedade. Estiveram presentes, entre outros, os srs. Luiz Vergara, representando o Chefe do Governo, ministros Eurico Gaspar Dutra, Aristides Guilhem, Apolonio Sales e Salgado Filho, prefeito Henrique Dodsworth, interventor Amaral Peixoto, generais Firmo Freire e Pinto Guedes, ministros Waldemar Falcão e José Linhares, coronel Nelson de Melo, snrs. João Daudt, Afonso Pena Junior, João Carlos Vital, Adherbal Novais, Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Gomes Oliveira, Hugo Napoleão. São da solenidade as fotografias que ilustram esta nota, vendo-se numa delas a ãra. Antonieta Magalhães, esposa do homenageado, quando, após a missa, era cercada por suas amigas.



PRISIONEIRO NO REFEITORIO de um navio-tanque que foi torpedeado, um dos membros da tripulação luta tentando escapar. A porta do refeitório fecha-se quando ele volta para buscar seu fonógrafo e suas recordações.

ESTE FILME IA CUSTANDO VIDAS



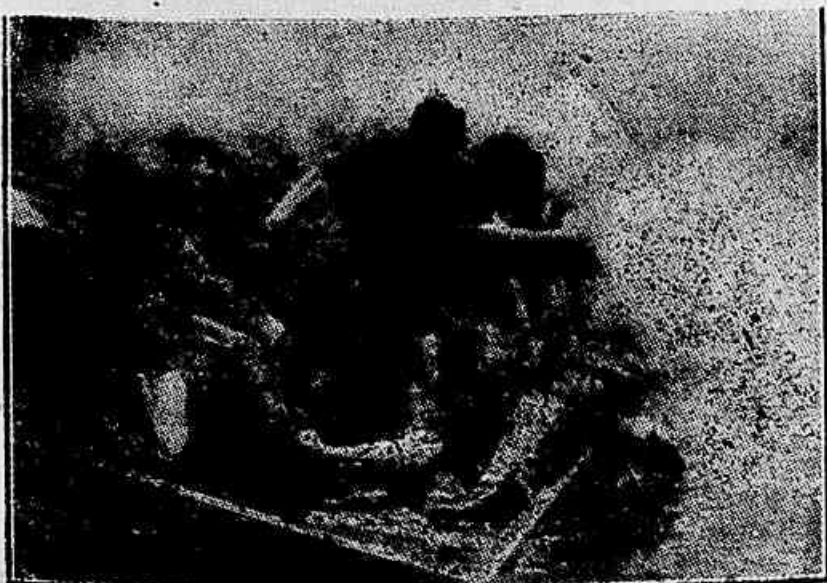
OS ARTILHEIROS DESSE NAVIO CARGUEIRO que se dirige a Murmansk, abre fogo contra um submarino que os perseguia. E' tarde e os homens preparam-se para a longa e temerosa noite que os espera.



ABANDONANDO O NAVIO os homens deslizam pelas cordas e mergulham no oceano. Embora as chamas os ameaçassem de perto durante estas cenas os atores não podiam usar máscaras protetoras.



EMPILHADOS NO BARCO SALVA-VIDAS, os homens saltam do navio. Num dado ponto do filme, a tripulação espalha óleo na ponte, incendeia-o e assim engana o submarino fazendo-o crer que atingiu o navio.



TORPEDEADOS POR UM SUBMARINO, os homens que abandonaram o navio em chamas saltam do bote salva-vidas e trepam para este destroço. Passam-se sete dias antes de serem socorridos.

O ENTERRO NO MAR ocorre quando aviões de bombardeio abatem oito homens da tripulação. A oração é lida pelo Primeiro Piloto Bogart, que assumiu o comando desde que o Comand. Massey tombou ferido.



NOSSA TERRA

De Pimentel Gomes
para "a Revista da Semana"

QUANDO se chega á Amazônia, vindo de qualquer outro ponto do Brasil, o que primeiro impressiona é a extensão. Tudo parece tremendamente grande. Na embocadura do rio Pará, em plena baía de Marajó, entre a ilha deste nome e o continente, o horizonte se arredonda no encontro da água e do céu, como em pleno mar. As ilhas erguem-se por aqui e por ali, em tufo de vegetação densa, exuberante, compacta, vegetação que não deixa entre si e as águas amareladas, barrentas, a mais ligeira fímbria de areia. Não ha nesga de solo que não esteja escrupulosamente aproveitada. Parecem, em sua quase totalidade, estarem tão virgens da intervenção humana quanto no tempo em que os primeiros europeus descobriram o rio mar e se perdiam no dedalo de ilhas, baías, rios, furos, igarapés e igapós que cobrem uma área equivalente á de Portugal. Quase todas têm nomes cantantes que soam bem aos ouvidos. Seu encanto aumentaria de muito, soubessemos nós o significado de todos êles.

Algumas são pequeninas. Surgem ao longe, das águas côr de barro, como tufo de capim numa ipueira. Depois avultam. As árvores crescem, tomam proporções, ás vezes, descomunais, velhos gigantes seculares, e poderosos, gigantes amigos em que as lianas se apoiam e galgam o espaço, até ao sol, fugindo do subosque humido e sombrio; as orquídeas, epífitas inofensivas se prendem, ás dezenas, ao caule rugoso e enfeitam com suas grandes e complicadas flores de uma alacridade gritante — manchas purpúreas ou violáceas, — a vegetação em que se notam todas as nuances do verde. Em sua nudez — as orquídeas — são os seres escandalosos do reino vegetal. Ha os parasitas variadíssimos que enterram os haustórios no golas benéfico e vivem de sua seiva. As outras árvores, o subosque, as touças de tabócas, os assaizeiros elegantes, os buritizeiros corpulentos, as gramíneas e ciperáceas, as felícíneas, os musgos ajudam a transformar as que a Natureza brinda aos adventícios.

Ha intensa vida animal nestas ilhas. Não são elas, como parecem ao longe, paraísos de tranquilidade, eremitérios da fauna e da flora. O estuário é quente, super-humido, estuante de vida. E onde ha vida, e vida tão intensa, tão transbordante, vida que não perde polegada de solo, que revestiria as próprias rochas, se as houvesse, que invade as águas, a Luta é tremenda. Luta do vegetal com o vegetal — disputa-se o solo e o ar — luta do vegetal com o animal, de um animal contra os outros animais.

Da fauna o vajor pouco percebe. Bandos de papagaios e curicás atravessam de uma para outra ilha numa algazarra de gurijs que saem da aula. Ali não são grandes folhas outônicas, passando do verde ao amarelo e ao vermelho em que o vento agita. São araras grandes, gritadeiras, escandalosas. Um grande macaco negro, um barrigudo, acomodou-se na forquilha daquela samaumeira, velha árvore de mais de quarenta metros de altura, com cinco de diametro na base, e faz a sesta. Os jaburus em vôos lentos, preguiçosos, zigzagando, um atrás do outro, formam compridas linhas que se deslocam no céu acinzentado, prometendo chuva. E chuva para breve. De humano, principalmente mais perto de Belém, as velas avermelhadas de dezenas de embarcações pequenas que percorrem o estuário e o delta, em todos os seus furos, em todos os seus paranás, os seus lagos e os seus rios, conhecendo bem este labirinto cuja magnitude somente visto do alto, de avião, se compreende melhor.

Algumas ilhas são pequeninas. Outras, médias. Terceiras, grandes. Ao lado de Ta-uoca que é um ramillete encantador onde os olhos se prendem, ha Marajó que com seus prováveis 43.000 quilômetros quadrados muito maior do que Sergipe (21.000k m2) ou Alagoas (28.000k m2) é tão grande quanto a velha província fluminense.

O vapor leva horas e horas subindo a baía de Marajó, o imenso estuário do rio Pará. Maior do que este, porem, é o do próprio Amazonas que se encontra entre as terras do Amapá e Marajó. No ponto mais largo, mede cerca de 230 quilômetros, sendo quase tão largo quanto Portugal em seu ponto mais amplo (240k m, no Algarve, 120). Portugal poderia ser apenas uma ilha na boca do rio Mar. E o Amazonas não se atrapalharia por isto... O maior comprimento de Portugal não ultrapassa de 550 quilômetros. (Do Rio a São Paulo, são 500. De João Pessoa a Recife, 120). De Belém a Manáus, pelo rio, medem-se 1640 quilômetros! De Belém a Rio Branco, são 4.141 quilômetros de navegação. E de Belém a Cruzeiro do Sul, 4.963! E a planície amazônica continua! O rio Tapajóz atinge a largura de 15 a 20 quilômetros em grande extensão de seu curso. O Negro, em Boi-ussú, tem 30 quilômetros de largura, mais parecendo um grande lago de águas côr de tinta. Visto do alto a impressão de grandeza aumenta. O Amazonas não é um canal único. É uma complicação de rios, furos e paranás, lagos e ilhas que interessam a uma faixa larga talvez de várias dezenas de quilômetros.

O transporte principal da planície imensa é o fluvial. Belém já se mostra, em tempos normais, com seus cais repletos de embarcações de todos os tipos.

Ha os grandes vapores do Loide e da Ita e alguns transatlânticos estrangeiros que navegam até Manáus, levando, ao coração da Amazonia e da América do Sul, as vantagens da navegação marítima. É uma viagem de vários dias — ás vezes seis a oito. O vapor sobe a baía de Marajó e enfia no estreito de Breves que liga o Tocantins ao Amazonas. A paisagem é então surpreendente. O vajor, se saiu á noite de Belém, amanece em pleno estreito. Acorda ao trinado do passaredo que sauda as galas do sol nascente. E se espanta. Se êle está a bordo de um transatlântico! Absurdo! Esfrega os olhos e apura os ouvidos. Não se enganou! Cantam os pássaros. E aquele cantor excepcional aquele tenor da selva, tenor que se apodera de nós e faz a navalha de barba parar a meio caminho, entre a pia e o rosto, deve ser o irapurú, cujo trinar cala e agrupa em torno de si o passaredo. Corre á janela. Olho extasiado. O vapor navega em plena selva. Os ramos das grandes árvores quase encostam no navio. Corre ao tombadilho. O canal

estreito, tortuoso, abre-se entre duas massas compactas de vegetação. As terras são alagadas. As casas que surgem de raro em raro, palafitas, colocam-se entre a mata e o rio numa clareira que mal as comportam. As taperas revestem-se de lianas e árvores; furam-lhes o tecto. E' a floresta que se recompõe e expulsa o intruso. As barracas não dispõem de dois metros de quintal, de uma árvore frutífera, de um canteiro de hortaliças, nem de uma galinha. E' o canal estreito e torcicolado, misterioso, cheio de encantos que de vez em vez se abre em outros semelhantes, a selva, o solo enxarcado, periodicamente alagado. Não lhe falta, porém, o trapiche nem a canôa — a montaria — que leva o habitante ás festas, á igreja, ao trabalho, á escola, á aldeia, ao cemitério. Um enterro é um desfile fluvial. Até os cemitérios têm trapiches.

Entra o vapor no Amazonas amplíssimo, com suas terras marginais dispondo de florestas em pestanas e enormes e belíssimos campos naturais. São várzeas tenras dispostas em ilhas ou no continente, baixas, parcialmente alagáveis, cobertas de gramíneas de um verde claro e tenro que admira. São os prados mais belos do mundo. Por aqui e por ali, fímbrias de florestas verde-negras, bosquetes, árvores isoladas, regatos de águas claras, pequenos lagos extremamente pitorescos. São as campinas do baixo Amazonas.

Seguem-se Santarém, ás margens do Tapajóz cuja linfa tem a coloração das águas do mar; O'bidos, grimpada a oitenta metros, ao lado de uma colina florestosa, onde se abriga uma fortaleza. Manáus, a cidade sorriso, banhada pelo amplo e belo rio Negro, que aí tem quase dois quilômetros de largura e dezenas de metros de profundidade.

Ha, ainda, em Belém, os vaticanos, grandes vapores de fundo chato, donde o nome de chatões, com mais de mil toneladas. São vapores fluviais dispondo do conforto dos vapores do Loide. De Belém vão a Manáus, sobem o Madeira até Porto Velho, o Purús até Boca do Acre, o Jurua até Cruzeiro do Sul. Vão a Iquitos que é no Perú.

As chatinhas são vaticanos pequenos, de pouco mais de cem toneladas de capacidade, dispondo de acomodações para passageiros, embora menores. Calam 1m,20. Viajam os altos rios e os rios menores. Saindo de Boca do Acre, por exemplo, sobem o Acre até Rio Branco, Xapurí e Brasília, que já se encontra em face da cidade boliviana, de Cobija; o Purús e o Iáco até Sena Madureira. Partem de São Filipe, no Jurua e sobem o Tarauacá até Seabra e o Embira (ou Envira) até Feijó.

Os "gaiolas" são vapores marítimos, pequenos, adaptados, ás vezes, á navegação fluvial. São menos chocantes do que os vaticanos e as chatinhas. Fazem viagens mais rápidas. Muitos pertencem a particulares. Algumas de suas viagens são extraordinárias, acorrendo êles, então, onde maiores se fazem sentir as necessidades de transporte.

As lanchas são ás centenas e dos tipos mais variados. Pululam em alguns pontos. Navegam, principalmente, onde não chegam os vaticanos, gaiolas e chatinhas. Enfiam os altos rios, percorrem todos os inumeros furos, frequentam lagos de águas tranquilas — verdes, azuis, escuras ou límpidas — esquecidos no recesso da selva. Vão até a Bolívia, até o Perú, até a Colombia. Atingem o Equador.

Seguem-se as canôas ou catraias, feitas em Santarém, e as ubás, uma reminiscência dos índios, abertas em um único tronco de árvore. Onde já não chegam as lanchas e balieiras vão as canôas e ubás. Sobem, por exemplo, o Acre até o Perú, até onde já não existe seringueira, e os veados, que não conhecem o homem, param da comer e fixam melhor o novo animal que passa.

A canôa está para o homem amazonico como o cavalo está para o gaúcho do sul, e o vaqueiro do nordeste e do centro oeste. E' a montaria. Sem ela, a vida é impossível.

As balsas com borracha que descem das ultimas ramificações dos rios e que levam meses navegando lentamente, em busca das chatinhas, vaticanos e gaiolas não podem ser esquecidas. Formam-nas bolas de borracha enfiadas em cordas. Sobre elas vão os condutores. A' noite, atracam numa praia, fazem as refeições, dormem. E continuam, águas abaixo, por dias e dias, numa viagem lenta, monótona, com raros incidentes.

As estradas de ferro ainda são poucas. A de "Bragança", no Pará, que liga Belém a uma zona agrícola, a maior zona agrícola da Amazônia a Madeira-Mamoré, no extremo oeste, perlongando a zona encachoeirada do Madeira, renovada, proporciona, hoje, um conforto inesperado aos viajores.

Surgem as estradas de rodagem, nos arredores de Belém, rompendo a selva em busca de localidades próximas. No Pará, a guerra deu algum impulso ás rodovias. Em Guaporé constroem-se uma estrada de rodagem, normal ao Madeira. Já atinge a cachoeira do Samuel, no Jamarí. É uma bela rodovia rasgada em plena floresta virgem.

No Acre, iniciou-se a construção de duas rodovias. Uma delas, saindo de Rio Branco, atingirá ás cabeceiras do Ituxi e terminará em Plácido de Castro, sobre o Abunã. Rasgará uma região que a falta de comunicações deixou quase intacta, região riquíssima em borracha, castanha e madeira de lei. Se se colonizar as suas margens, os benefícios serão extraordinários. Um trecho já foi entregue ao trafego.

Outra irá de Rio Branco a Sena Madureira. Ligará duas sedes de município — a bacia do Acre á do Iáco. Atravessa, tambem, vasta região desaproveitada e que se pode tornar grande produtora de borracha e castanha. Facilitará o povoamento. Um trecho já foi entregue ao publico.

A aviação está tomando na Amazonia um incremento notavel. Belém é um dos mais movimentados aero-portos do país. Partindo dele grandes bimoteres sobem o Amazonas até Iquitos. Outros vão a Porto Velho. Trimoteres põem Rio Branco a dois e meio dias de navegação aérea do Rio de Janeiro. Em breve outros trimoteres visitarão todas as sedes de municípios acreanos. Enquanto tal não acontece faz viagens irregulares entre os municípios acreanos um avião do governo do Acre.

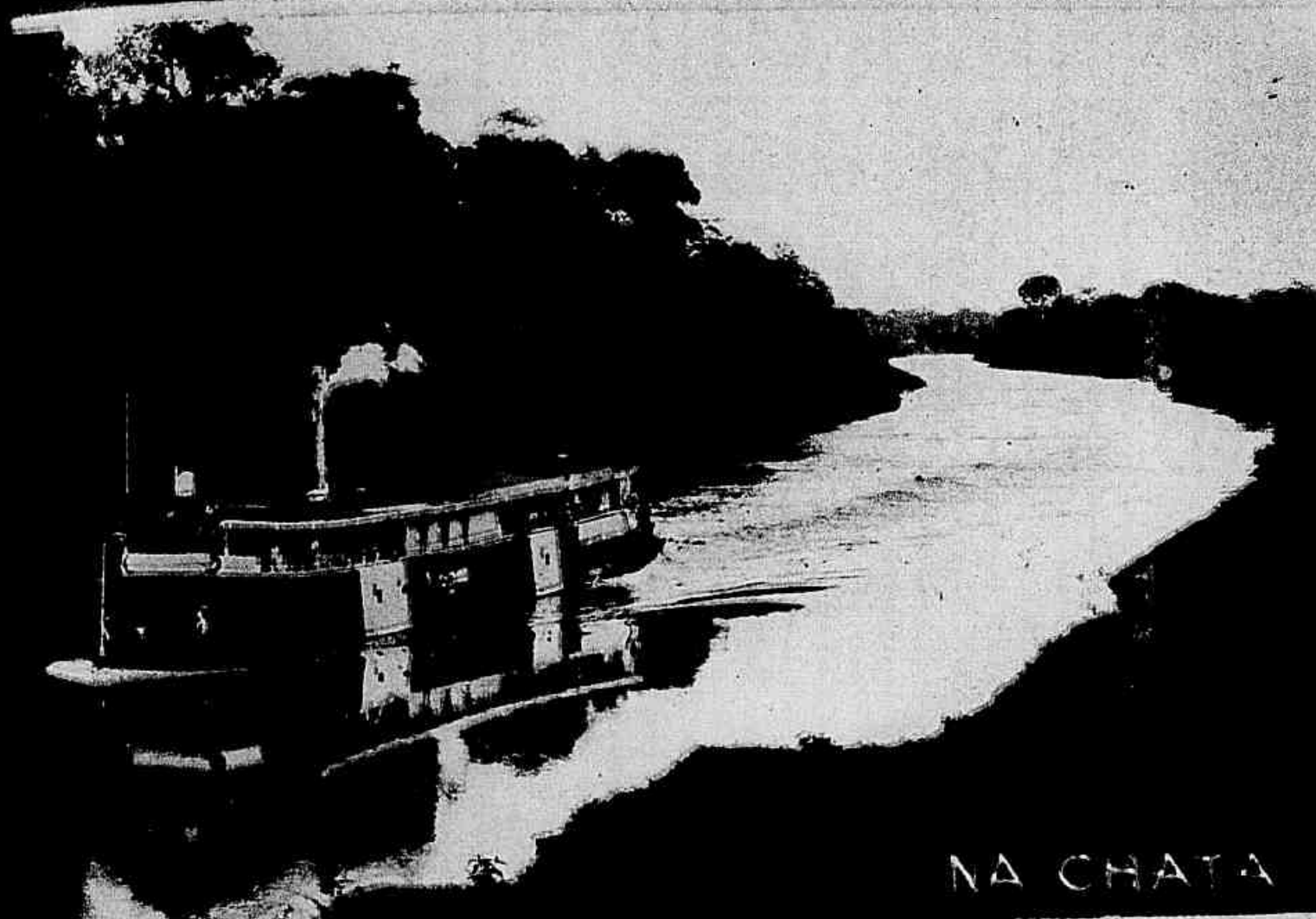
COMO SE VIAJA NA AMAZÔNIA

A black and white photograph showing a small boat on a river, with a forested bank in the background.

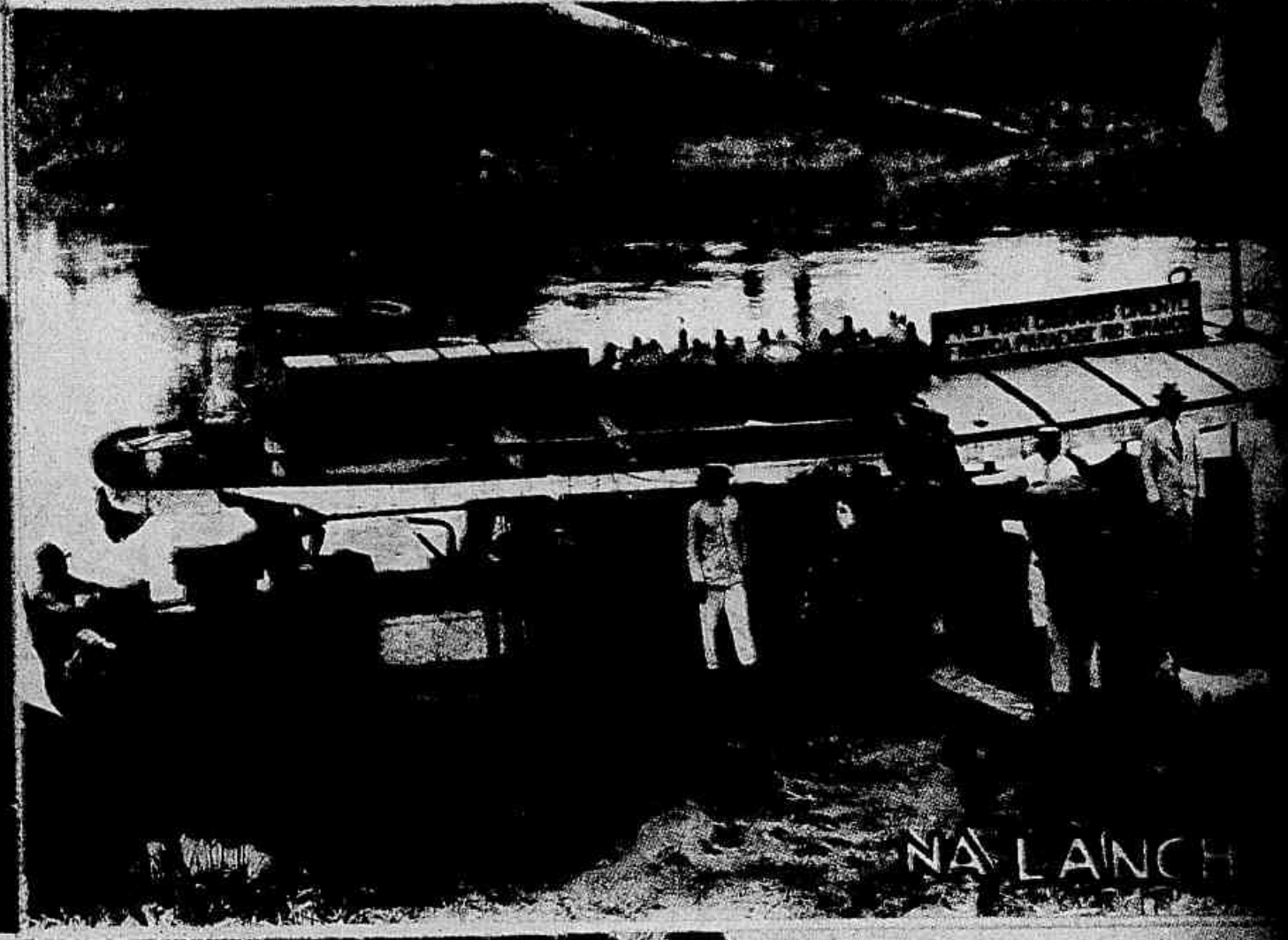
NO GAIOLA

A black and white photograph of a large steamship with multiple decks and a prominent smokestack. The name "CAMPINAS" is visible on the side.

NO VATICANO

A black and white photograph of a boat on a river, with a forested bank in the background.

NA CHATA

A black and white photograph of a boat on a river, with a forested bank in the background.

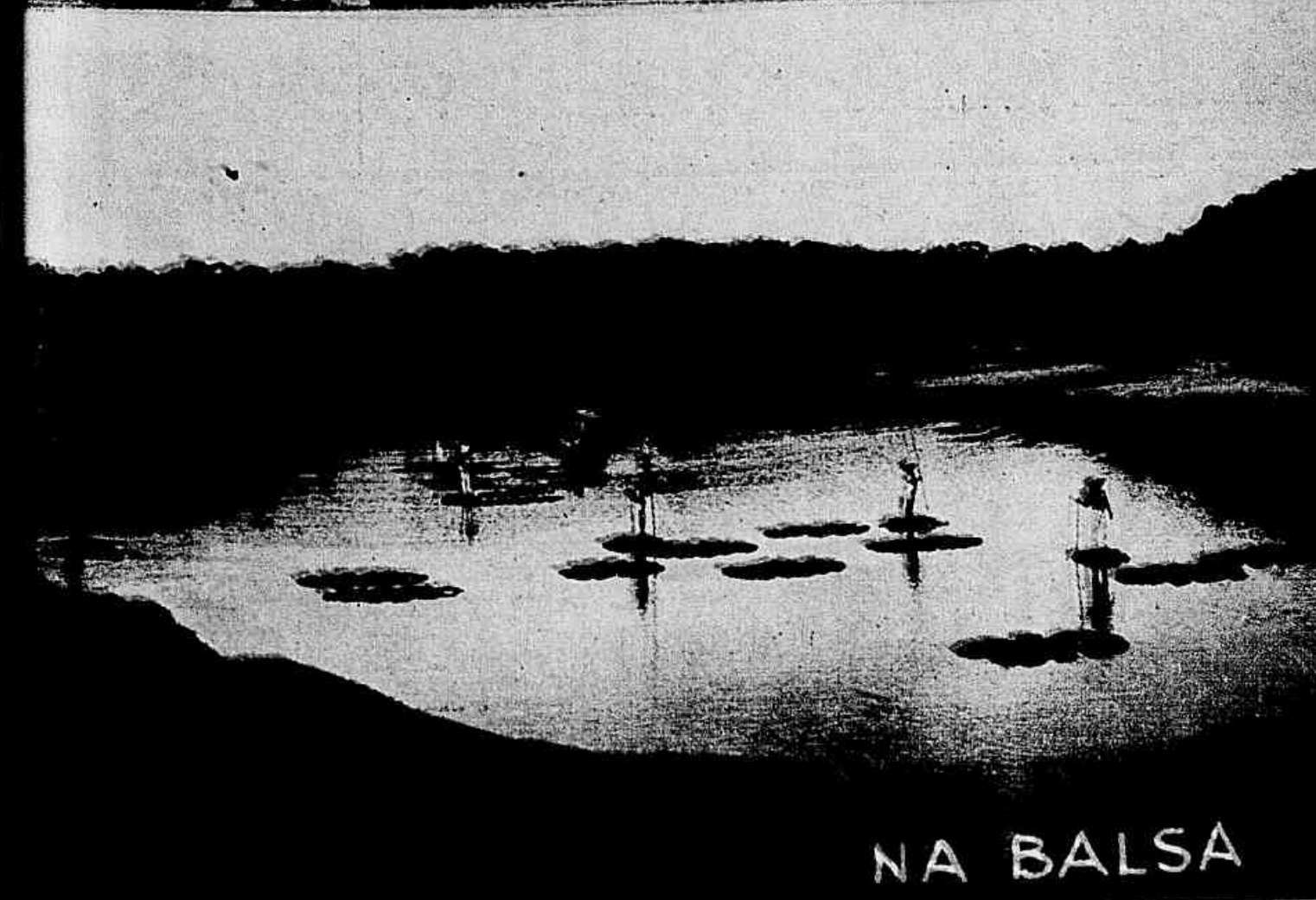
NA LANCH

A black and white photograph of a boat on a river, with a forested bank in the background.

NA UBA

A black and white photograph of a boat on a river, with a forested bank in the background.

OU PIROGA

A black and white photograph of a boat on a river, with a forested bank in the background.

NA Balsa

A black and white photograph of a boat on a river, with a forested bank in the background.

NA RODOVIA

QUE HA DE NOVO NO RIO?



Texto de

OCTAVIO TAVARES

e foto de

ARNALDO VIEIRA

O mar chegava até ali. Foi na praia humilde e deserta de então que Antonio Martins da Palma e sua mulher se sentiram atirados, escapos de um naufrágio. Enquanto o temporal açoitava a fragil embarcação, ele, crente em Deus, fez um voto: ergueria uma igreja, onde quer que aportasse, sob a invocação da Nossa Senhora da Candelaria, a santa que tantos milagres propiciava à sua distante ilha da Palma.

O templo pequenino, pouco mais que um santuário, pouco menos que uma capela, levantou o vulto acanhado no deserto ambiente. Em torno, porém, surgiram os arruados e as edificações, e a igreja humilde foi desaparecendo... Pensou-se, então, em dar majestade à minúscula casa de religião e, em 1776, o sargento-mór Francisco João Roscio traçou as linhas da igreja atual. Mais de um século consumiu a edificação suntuosa. A' justa, 122 anos. Trabalharam na sua execução figuras obras pelo engenheiro civil Antonio de Paula Freitas.

Tem o templo a fachada de granito extraído de uma pedreira que então foi denominada da Candelaria (ruas Bento Lisboa e Pedro Américo). O interior é de mármore. As abóbadas, de alvenaria, apresentam esculturas, ricos dourados e os notabilíssimos painéis de Zeferino da Costa. As portas são de bronze, devidas à arte peregrina de Teixeira Lopes.

O templo, entretanto, também se viu sepultado num mundo de sobrados, prestes a desaparecer. A sua majestade era apenas sentida, e nunca constatada à perfeição. Jamais ponde ser feita uma fotografia da frente, da fachada da Igreja. As obras da Avenida Presidente Vargas — em cujo eixo permanecerá o mais imponente dos templos da capital do paiz — vieram permitir a realização da fotografia que aqui estampamos.

A Ciganinha

Conto de Graça Aranha

Ilustração de
GOULART

Quando Milkau partiu, o juiz, ficando só, cismava em tudo o que acabava de entrever deliciosamente, nesse mundo a transfigurar-se, nessas ancias para novas e mais belas expressões da vida, nessa esperança luminosa e feiticeira... E, apesar do deslumbramento da visão, as atribulações do momento venciam-no.

— Tudo desmorona em torno de mim. Já ninguém aqui se entende, e não tarda que eu mesmo seja estranho a tudo e nada mais sinta de comum com aqueles que são os homens de minha terra... O que me resta é ainda este socego da família, este amor de mulher que me conforta, e esta creança que nos rejuvenesce, enquanto lá fóra tudo vai desabando.

Não ouvindo mais rumor de conversa no escritório do marido, a mulher de Paulo Maciel entrou aí discretamente, como tinha por hábito todos os dias antes do jantar. Era esbelta, magra e ainda muito jovem. A palidez brasileira, doentia e diafana, dilatava-lhe os olhos negros e faiscantes. Sentou-se no seu lugar de retiro e daí, arrancando o marido das cismas em que estava, foi-se reclinando suavemente para ele. Maciel, eternamente fascinado por ela, acalmou-se e sem demora, esquecido de suas devastadoras angustias e de seus revoltas, foi em sussurro entretendo com a companheira, como em fios de brande e macio cabelo de mulher, uma doce e infinda conversação. A noite vinha vindo, avançando e estendendo-lhes em silêncio os braços cheios de ternura misteriosa. E tudo foi uma volúpia casta e sutil.

Mas não tardou que passos miudos e velozes os sacudissem desse vaporoso adormecimento e logo invadissem o aposento a figura em desordem de uma creança. Trazia as faces vivas e acesas, tremia-lhe o narizinho; os cabelos vinham debandados, e pela testa corria um suor gelado. Caíu nos braços da senhora, vibrando, abafada:

— Mamãe!

Esta aflita e estupefacta, olhando-a sem ver, recolheu-lhe anciosa o corpinho.

— Gloria! Gloria! murmurou.

O marido achegou-se a ela, e tomando-lhe uma das mãos, beijou a creança.

— Soceguem.

Esta palavra foi dita varonilmente e trouxe lágrimas à mulher, como uma reação de alento, e Gloria, a creança, enterrou mais a cabeça no colo onde se agasalhara. Neste momento entrou no aposento a criada, que, agitada, começou a explicar a angustia da menina, reconstituindo com largos gestos e grandes vozes, quase numa algazarra, um episódio da rua. Passeavam ambas, quando uns imigrantes mendigos se acercaram delas, pedindo esmolas. Algumas mulheres do bando desejavam com mãos descarnadas apossar-se das joias da menina, e uma mais ousada beijou-lhe o rosto; e enquanto forçava por tirar-lhe a pulseira, o filho arrancou-lhe o laço de fita, correndo na gargalhada de triunfo. A criada defendera Gloria, repelindo o grupo com o chapéu de sol, mas a sua energia tonta correspondera uma vozeria desbragada. Se não fosse a intervenção de dois homens que passavam, a luta não se terminaria logo. Mal puderam escapar, partiram desvairadas para a casa, no meio de imprecações de fúria.

Durante a narração, a moça segurava a menina pela cabeça, beijando-lhe frequentemente os amortecidos olhos de sonâmbula. Paulo Maciel, para diminuir nesta o natural e inextinguível horror aos pobres, tentou disfarçar o acontecimento, sorrindo daqueles sustos. A creança encarou-o indecisa. O medo dava-lhe o justo sentimento do real, e tornava vãs as palavras.

Procuraram distraí-la e desviar para coisas alegres e diversas a sua atenção, pois já aos cinco anos uma precoce e morbida fantasia era-lhe doença da alma. A invenção dos grandes não foi feliz e fértil naquele momento; as ideias lhes fugiam; eles paravam, cismavam, e apenas como recurso lançavam-se ao argumento que nunca trêe, beijos, que foram então arquejantes...

A grande calma do crepúsculo aquietava-lhes, como num remanso, as perturbações, e só a menina de vez em quando tremia, segurando-se à senhora, a quem não sobrava regaço para ocultá-la, e abriga-la mais e envolvê-la com os braços, perdidamente, maternalmente.

— Tenho medo, mamãe!

Depois, um soluço histerico, outro, mais outro, sucedendo uma modorra interrompida de instante a instante pelo crisper de suas garrasinhas aferradas aos pulsos da senhora, que tentava inutilmente adormecê-la. Os seus sentidos saíam do pesadelo numa dolorida expressão de susto e de fadiga. Levantou a cabeça, fitou os outros com um sorriso leve, melancólico, que traduzia uma mansa agonia, rudimentar, inconsciente, a indizível tristeza das almas rudes, primitivas ou infantís. Moveu os lábios como quem ia falar, e os dois esperaram, em subita transformação de alívio, a sua voz.

— Ah! nós também fomos como eles, hein, mamãe! murmurou Gloria, brandamente.

A mulher de Maciel a princípio não percebeu toda a extensão daquele pensamento mas do pouco que compreendeu ficou aterrada. Maciel que estava a ler, deixou cair o livro e enfiou olhos agudos na menina.

— Sim, mamãe, há muito tempo, longe, noutra terra. Nós andávamos na rua toda a hora, dormíamos na rua, você me carregava, quando eu não podia mais; papai me dava tanto...

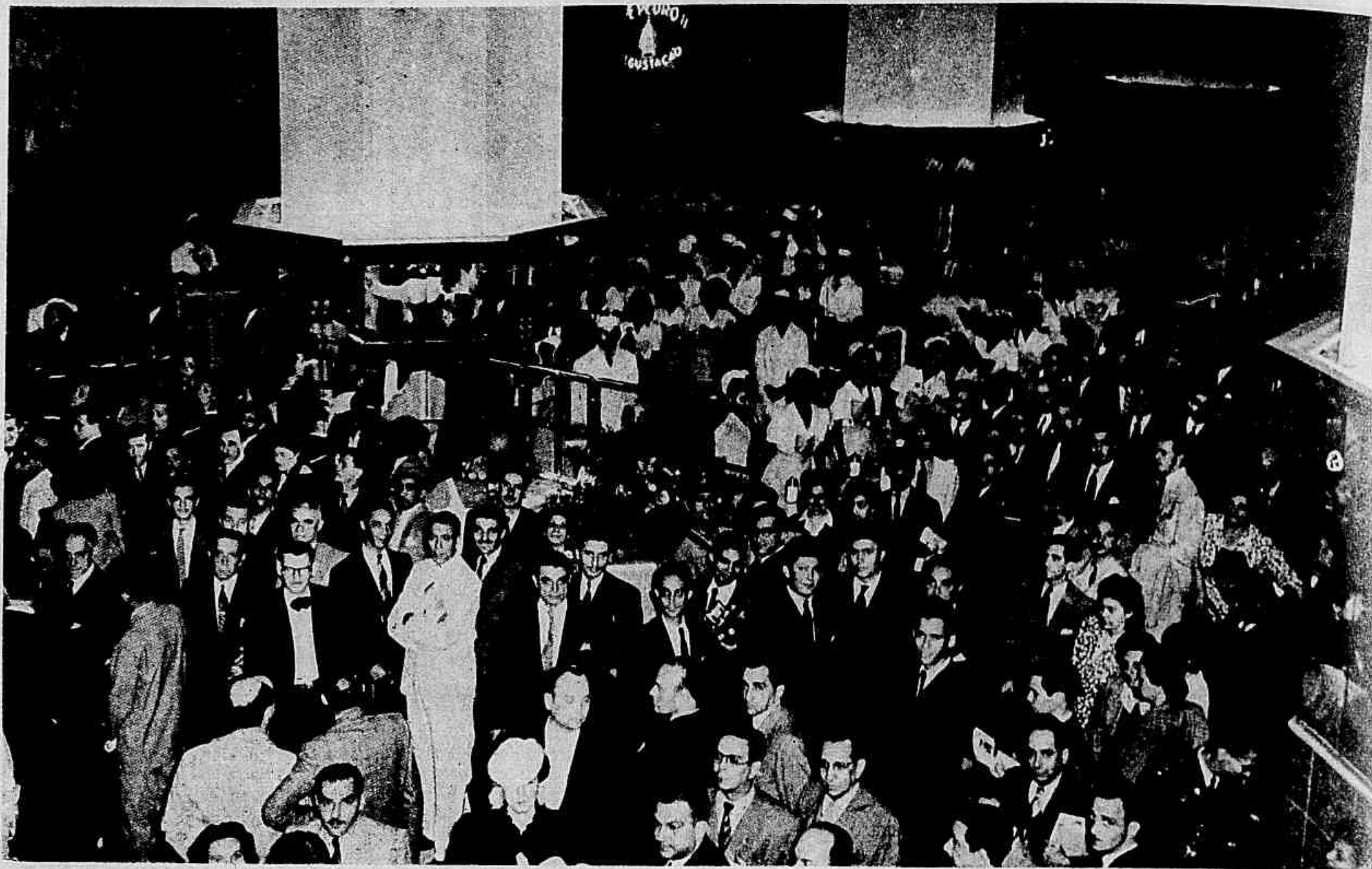
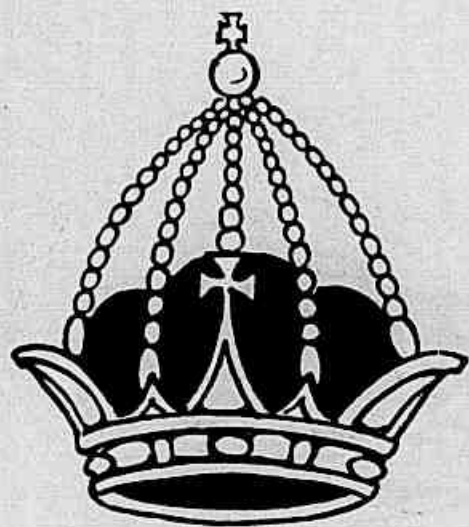
A sua fisionomia transfigurava-se com essa recordação e em extase, voltada para a janela, parecia buscar dias passados. Os outros cismavam.

— Você se lembra quando a gente não tinha que comer e ia pedindo dinheiro? Você me beliscava para eu chorar e me empurrava dentro das lojas para pedir comida...

— Gloria, disse Maciel, que tolices são essas? Não fale nisso...

(Continúa na pág 46)





Um régio presente para a Cidade

A INAUGURAÇÃO DO CAFÉ-RESTAURANTE "PEDRO II" ALCANÇOU ÊXITO SOCIAL SEM PRECEDENTES

Não se diga que vai ao exagero afirmar que a festa inaugural do Café-Restaurante "Pedro II" constituiu um dos acontecimentos sociais de maior repercussão, de 1943. Pode-se dizer que a cidade desfilou, entre surpresa e emocionada, pelos salões magníficos do luxuoso estabelecimento, recolhendo as emoções do deslumbramento que proporcionavam a riqueza do ambiente, a *fêrie*, a amplitude e minúcias das instalações, o bom gosto que a tudo presidia, enfim o conjunto esplendido que regorritava de um público seletivo, e que por isso mesmo mais valorizava as manifestações de incontido entusiasmo, e que até hoje, já decorrida mais de uma semana, ainda constituem agradável tema de pastras. E em meio ao borborinho, a figura estimada do seu idealizador e realizador — João Janides — a todos prodigalizava sorrisos e atenções, feliz em poder ofertar à metrópole aquele régio presente, que o carioca recebia com admiração e reconhecimento. E enquanto os acordes musicais enchiam o espaço, abafando as manifestações de louvor e alegria, e amadores e artistas do nosso *broadway* se faziam ouvir em interessantes números, eram servidos *champagne* e um esmerado e profuso *buffet*, quando então já se quebrara todo o protocolo, confundindo-se autoridade e povo, pois que era uma festa da cidade o que se via ali. Das 5 da tarde até depois da meia noite de 28 de Outubro, o desfile se fez no mesmo ritmo, as expressões de encantamento e surpresa eram as mesmas, em face daquele recanto de poesia, como bem disse o sr. Jonas Corrêa, ao saudar o sr. João Janides "pelo grande êxito de sua vida."

Esta página registra alguns aspectos dos festejos inaugurais do Café e Restaurante "Pedro II", a jóia encravada no majestoso edifício da Central do Brasil, que ficará nos anais da crônica da cidade como um dos capítulos mais empolgantes da sua vida social.

EM BAIXO — GRUPO DE AUTORIDADES PRESENTES À INAUGURAÇÃO. VENDO-SE, ENTRE OUTRAS, O SR. PEDRO DIAMANTOPOULUS, MINISTRO DA GRÉCIA; MAJOR ALENCASTRO GUIMARÃES, DIRETOR DA CENTRAL DO BRASIL; CORONEL JONAS CORRÊA, SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA; SR. JAYME GUEDES, PRESIDENTE DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ. NA FOTO APARECE O SR. JOÃO JANIDES, A QUEM SE DEVE A TÃO FELIZ INICIATIVA, LADEADO PELOS SRS. PEDRO DIAMANTOPOULUS E JAYME GUEDES.



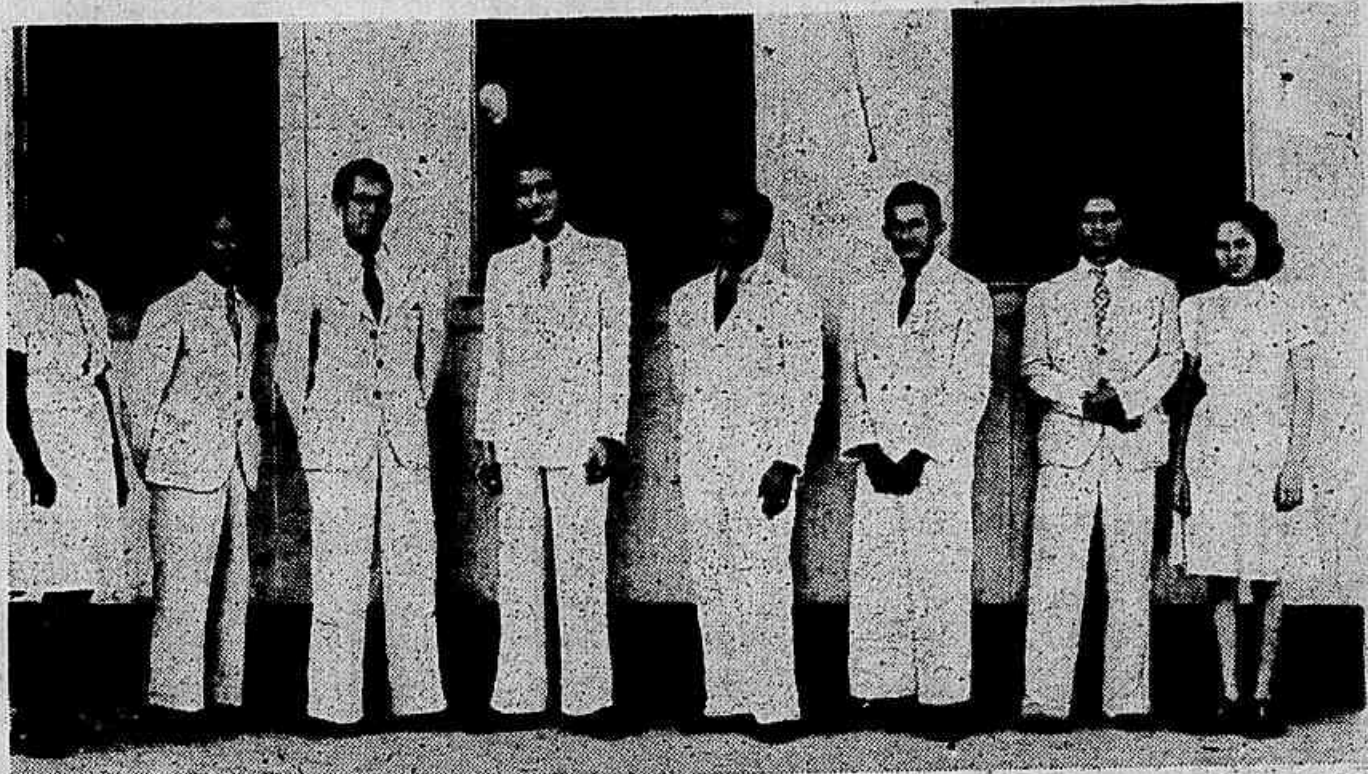
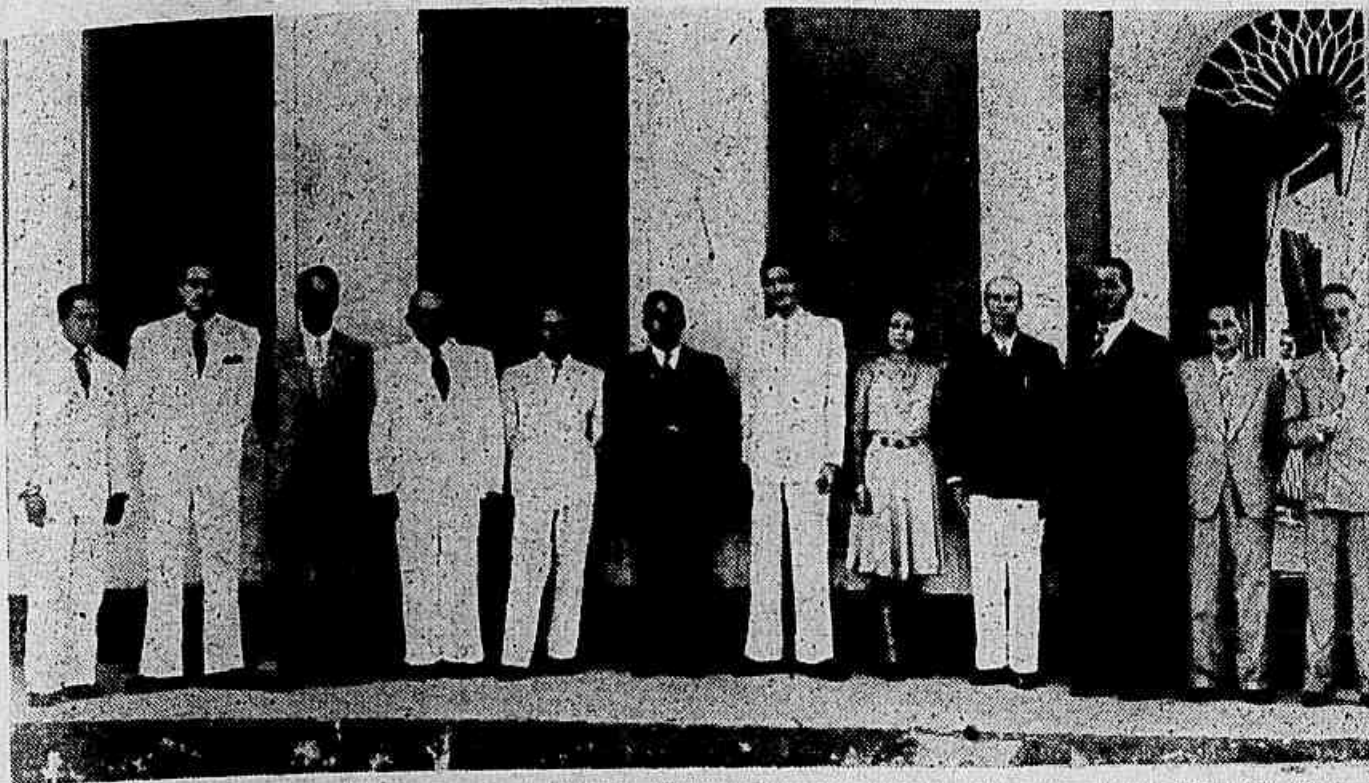
O PADRE JERONYMO BILLIOW ABENÇOA AS INSTALAÇÕES DO LUXUOSO ESTABELECIMENTO, DANDO INÍCIO À INAUGURAÇÃO.



O MAJOR ALENCASTRO GUIMARÃES MANIFESTA AO MICROFONE AS SUAS IMPRESSÕES SOBRE O GRANDIOSO EMPREENDIMENTO.



OS CONVIDADOS SABOREIAM GOSTOSO CAFÉ, UMA DAS ESPECIALIDADES DA CASA, QUE PODERÁ SERVIR 20 MIL CHICARAS POR DIA.



Do Acre

Publicamos acima quatro aspectos apanhados em Brasileia, no Território do Acre, um dos pontos da Amazonia onde é intenso o movimento resultante do trabalho que vem sacudindo aquelas paragens longinhas da Patria. Aparecem nestes flagrantes autoridades federais e municipais que lá exercem funções diversas, vendo-se também um campo agrícola, conquista do homem sobre a mata virgem, deixando descoberta a terra nova para receber sol, chuva e sementes. Na ultima foto, tecnicos agricolas e trabalhadores posam para o fotografo em um momento de descanso. Se a luta pela conquista da Amazonia na epoca corrente não apresenta as caracteristicas que oferecia ha tempos passados, o progresso pode hoje proporcionar ao homem, nem por isso deixam de mostrar renuncia, audacia e capacidade de ação os que lá se encontram agora plantando os marcos definitivos da civilização.



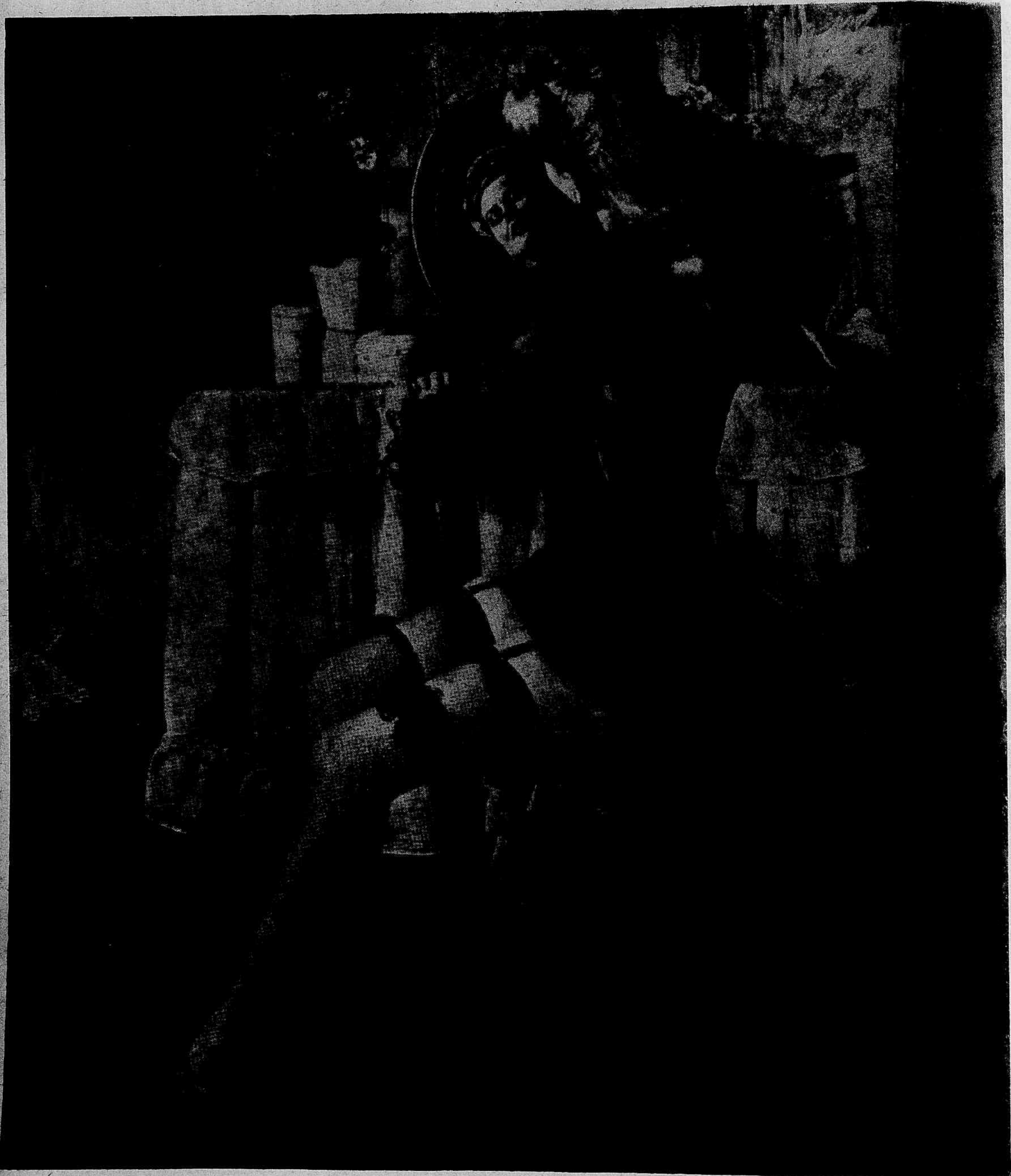
Um flagrante apanhado na residencia do tenente Henrique Shury Arnholdt e sua exma. esposa senhora D. Nair Gomes Arnholdt junto à mesa de doces que ofereceram aos amiguinhos de seu filho José Henir, no dia 22 de Outubro proximo passado, aniversario deste.

Princípios

Ricardo, filho do casal J. sé Assunção e Sra. D. Ione Assunção residentes, na capital do Estado de São Paulo.

As meias de algodão

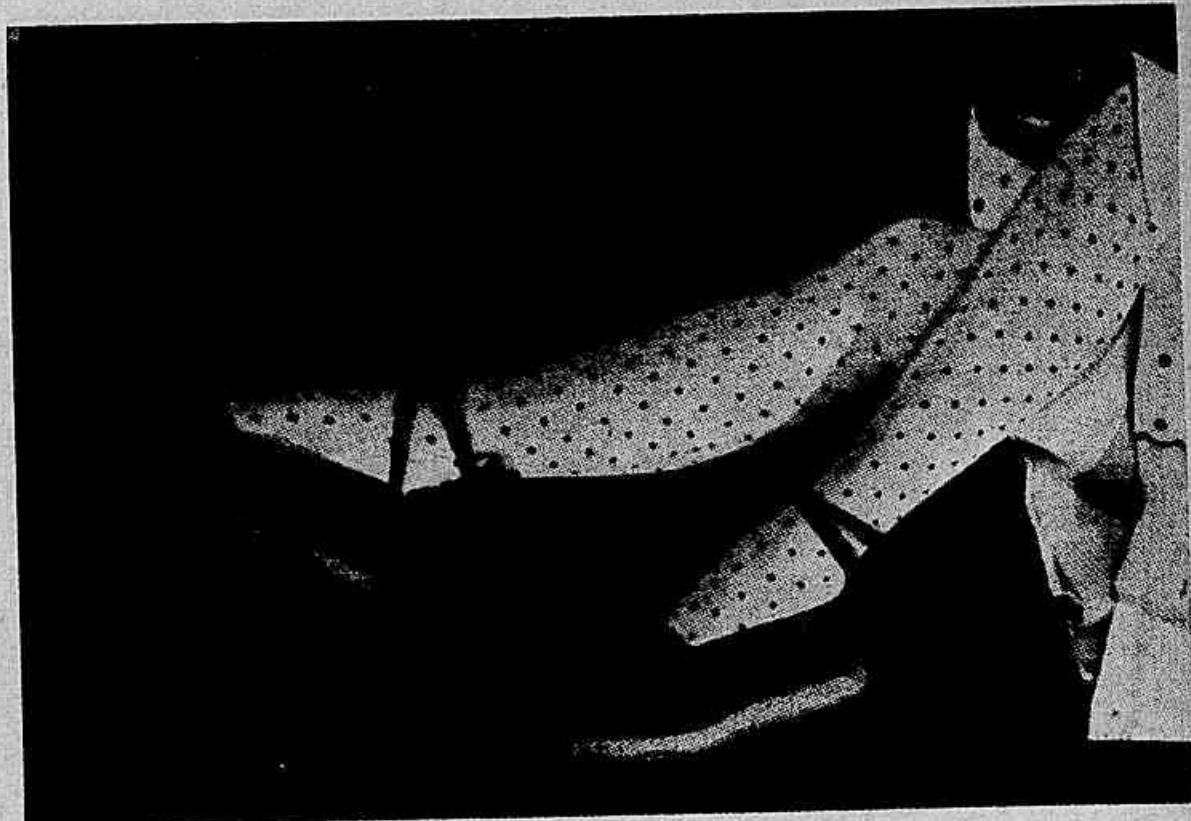
AS MEIAS DE MALHA E ALGODÃO, em preto (acima), róseo, verde ou azul são uma novidade para verão e custam \$1.65. O par extra de ligas ajuda a evitar que as meias fiquem frouxas nas pernas.



desafiavam o racionamento



ESTA ESPÉCIE DE MALHA é atraente em vermelho vivo, verde e azul.



SALPICOS CASTANHOS impressos sobre algodão branco parecem variola.

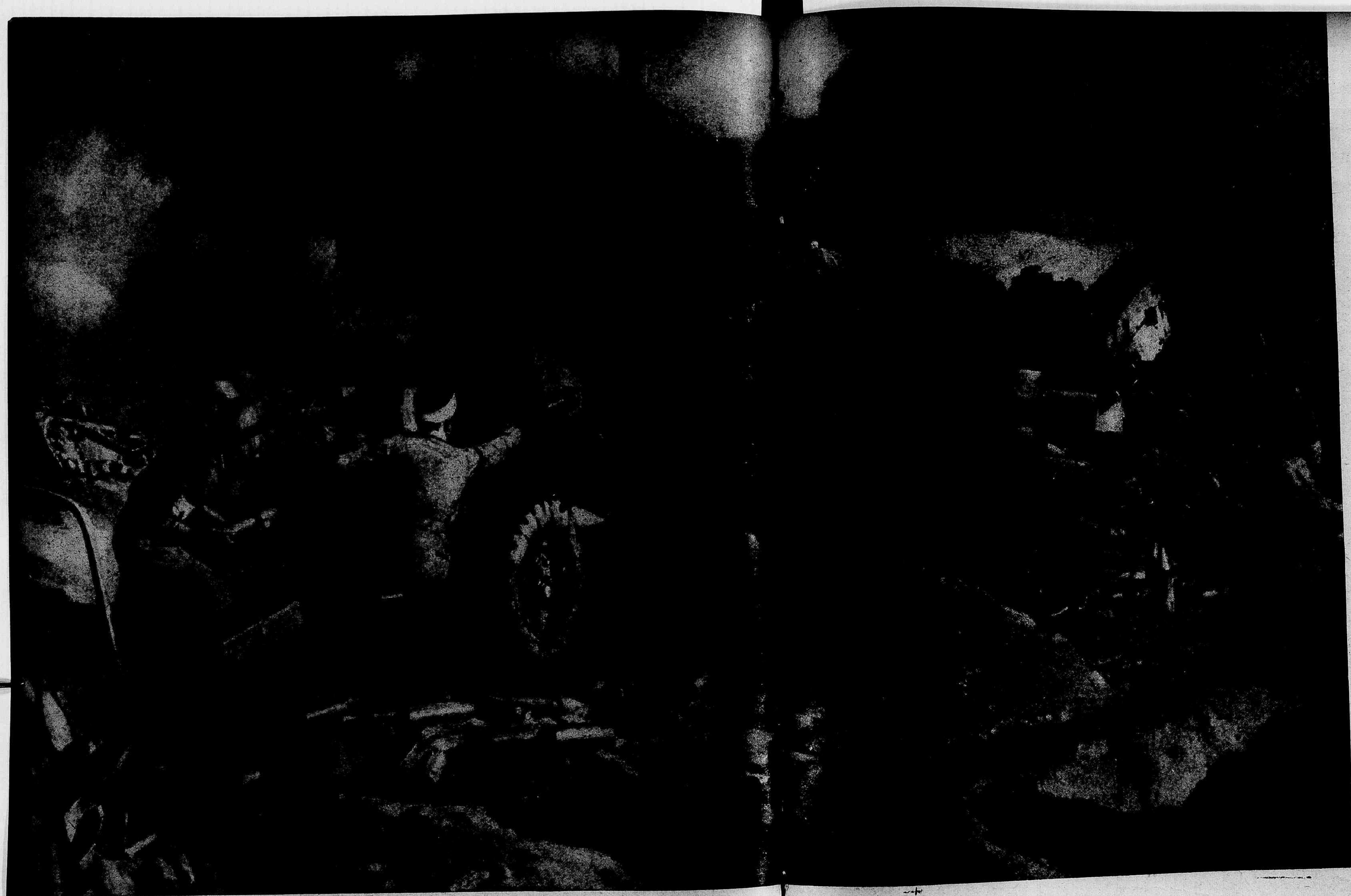
As atraentes meias de algodão preto que se vêem nesta página, bem como as outras alegremente decoradas, são mais uma prova de que o racionamento de época de guerra não pode matar a insensatez da moda. Na última semana apareceu nos Estados Unidos uma nova ordem do governo da qual poderia resultar, de acordo com o comércio de meias, a completa estandardização das meias de senhoras. A ordem que suscitou tantas disputas e protestos fixava o preço dos rayons, assentava; certos padrões mediante os quais deve ser reforçado o pé e o número de malhas nas pernas. Tal ordem, afirmava o comércio, arruinaria a livre competição e mataria toda iniciativa do lançamento de novas modas. No entanto, uma casa afamada no gênero, Lord and Taylor, desmentiu tal afirmação introduzindo uma série de novos estilos. Já que a restrição governamental atingia apenas o "rayon", tomaram algodão americano, tingiram-no, pintaram-no, imprimiram-no. As páginas que estampamos mostram como se saíram.



PEQUENOS BOTÕES DE ROSA, diluídos numa cor azul, produzem este estranho efeito.



ISTO NÃO É UMA GRAVURA DE 1890 mas uma fotografia de meias recém-pintadas.



AS GRANDES CENAS DA GUERRA

Londres. — Em Sidi Nisr, no norte da Tunísia, o 155.º Regimento de Bateria de Campanha travou uma das mais encarniçadas batalhas da sua longa e gloriosa história. Sidi Nisr fica situada nas colinas, a 12 milhas a leste de Beja, mantida pela 155.ª Bateria e pelos Hampshires, um outro batalhão do regimento que se distinguiu em Tabourba.

Na tarde de 25 de fevereiro não houve sinais visíveis do inimigo. O comandante da Divisão, o seu comandante da Artilharia Real e o oficial comandante do Regimento de Campanha ao qual pertencia a 155.ª Bateria, passaram duas horas examinando a região, sem que notassem qualquer cousa suspeita. Mas durante a noite começaram a ser lançados foguetes luminosos nas colinas ao redor de Sidi Nisr e, às 6 hs. 30, na manhã seguinte, o inimigo abriu um violento fogo de morteiros. Após um bombardeio de 45 minutos foi desfechado um ataque direto. Os tanks germanicos começaram a descer pela estrada de Mateur. Quatro canhões de projétil de 25 libras entraram em ação nesse momento, especialmente o No. 1, colocado no tope de uma colina para cobrir a visinhança de Mateur, atirava à vista do inimigo. Três tanks contrários foram atingidos, quando tentavam atravessar um campo de minas, e a estrada ficou bloqueada. Detidos no avanço inicial, os alemães enviaram contingentes de infantaria em caminhões, que contornaram o flanco sul da bateria protegidos por uma colina.

Ao meio-dia 30 tanks germanicos, com canhões de propulsão própria, e apoio de infantaria, haviam contornado os dois flancos e se encontravam a uma distância de 600 jardas. A bateria poderia ter evitado muitas perdas, se houvesse concentrado o fogo dos seus canhões numa distância de 1.200 a 2.000 jardas contra os tanks e a artilharia nazistas, cujas colunas desciam pela estrada de Mateur. Mas o seu primeiro dever era proteger as companhias do Hampshire.

Perto de 15 hs. 30 a batalha estava quase terminada. Pelo menos era o que acreditavam os alemães. O que devia ser o golpe mortal fôra desferido por uma coluna de tanks que corra ao longo da estrada até o coração da posição da bateria. Treze outros tanks protegiam os primeiros com canhões e metralhadoras. Um Mark IV conduzia o ataque, mas o tank foi atingido três vezes na torre pelo canhão No. 1. Um Mark IV tentou passar através dos destroços, e foi demolido pelo mesmo canhão, que incendiou um terceiro tank. Os tanks sobreviventes recuaram, concentrando o fogo em um canhão, cada vez matando os serventes e incendiando as munições que restavam.

Quando tudo parecia acabado os alemães avançaram novamente, mas esperava-os uma surpresa. Em sua agonia, a 155.ª Bateria ainda podia ferir. O canhão No. 1, cujos serventes haviam se mostrado heróis entre os heróis, destruiu o tank da frente e, pouco depois, com um tiro direto, o adversário matava todos aqueles serventes. Sem mais um homem, o canhão No. 1 silenciou. Os nos. 2, 3 e 4 continuaram o fogo. Um oficial, um soldado, os cozinheiros, enfim todos os elementos que restavam, correram de canhão em canhão, servindo cada um por sua vez. Embora a luta estivesse decidida, combateram o dia todo até o último homem, em distâncias variando entre 50 e 10 jardas. Ao cair da noite um canhão de projétil de 25 libras e varios canhões Bren ainda continuavam a atirar, de distancias entre 10 e 20 jardas, contra os tanks inimigos que se infiltravam pela posição, destruindo a ultima resistencia. Poucos minutos antes fora enviada a derradeira mensagem pelo radio: "Os tanks estão sobre nós", seguida da letra "V", batida em Morse. Junto aos canhões, nos postos de comando e nos de observação, havia 9 oficiais e 121 soldados quando começou a batalha. Nove sobreviveram, dos quais dois feridos.

HOMENS EM AÇÃO



"Não gema tanto assim... Faça força!"



"Posso fazer isso, Sargento, si o senhor ao menos sair do caminho..."

"Não se importe com seu chapéu... Trave essa roda!"



Eles o chamam "treino proposital". Em vez de tomar um pelotão, leva-lo ao pátio e submetê-lo a uma seção de ginástica, dão-lhe um canhão para brincar. Isto requer muito mais energia. É muito mais interessante. E constitui um valioso treino de batalha.

O que acontece é contado com facilidade. Um pelotão, que varia em número conforme o calibre do canhão, recebe a missão de impelir um canhão através de determinado percurso, cheio de obstáculos. Estes obstáculos — armadilhas contra tanks, trilhos de ferro, montes de areia, crateras de obuses, árvores caídas — são as espécies de inimigos que se encontram nesta batalha, e pertencem justamente à classe de obstáculos para os quais até mesmo um exército mecanizado precisa de braços humanos para vencer.

Os canhões variam desde os da infantaria até os enormes canhões de campo, de grosso calibre. A maioria dos homens que se põem a trabalhar tal jogo nunca os viram antes. (A idéia que preside a tudo isso é que a necessidade de empurrar um canhão a braço pode sobrevir a qualquer espécie de soldado, quer seja infante, artilheiro ou pertença às forças motorizadas).

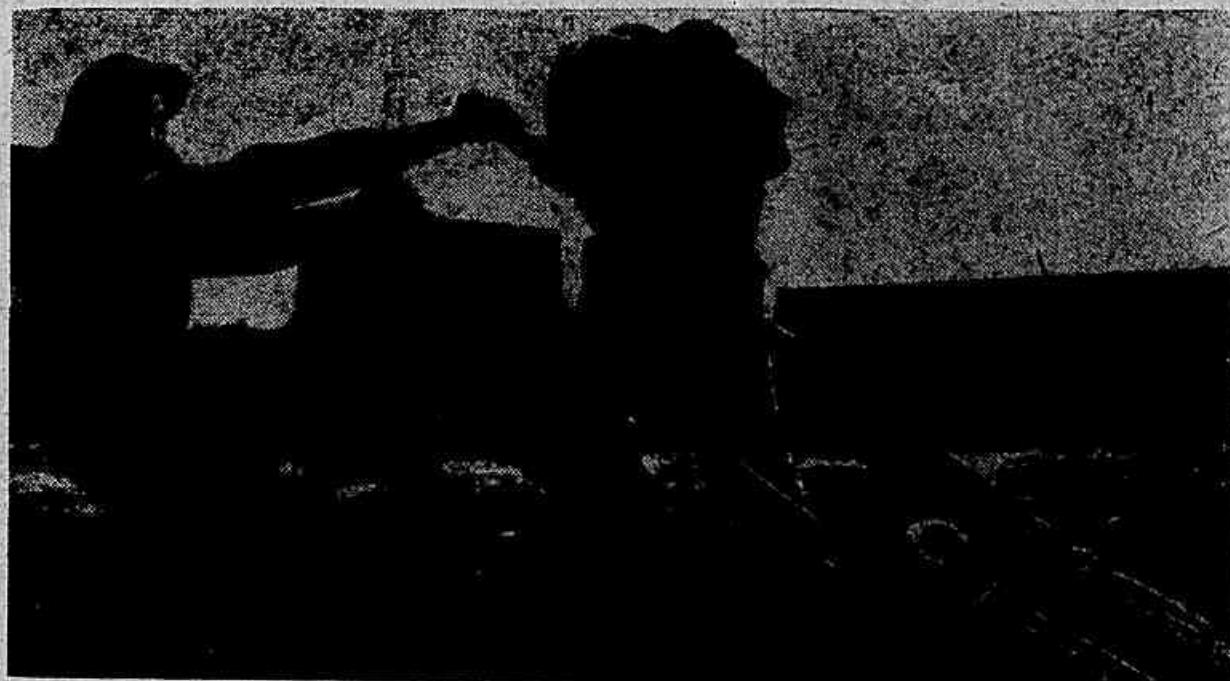
Devido a ser o treinamento baseado nas condições do campo, os homens agem em ordem de batalha. Finalmente, têm de fazer a tarefa sem nenhum auxílio, exceto duas cordas e duas alavancas de mão, que são transportadas no canhão. Não lhes é permitido, por exemplo, empregar qualquer espécie de escora para impedir que o canhão deslize numa inclinação. A teoria é que poderão futuramente encontrar-se num terreno — o deserto, por exemplo, — onde não encontrem nenhuma ajuda.

E si não houver ajuda que usarão eles? Eis onde aparece o mérito peculiar desta classe de treinamentos. Poder ser que, a primeira vista, a idéia de se colocarem homens empurrando um canhão terra a fora pareça inteiramente inútil. Na melhor das hipóteses, pensará o leigo, servirá a estragar o canhão; na pior servirá a estragar os próprios homens. De qualquer maneira, o exercício é um test de força, mas não um substituto da ginástica. Eis onde erra o leigo.

É certo que, si um homem normal fosse posto a impelir um canhão sem uma direção técnica, acabaria sem dúvida por perder a calma e a esgotar-se. Mas é também certo que um canhão vencerá o homem mais forte da terra si este não souber aplicar sua inteligência ao problema, tanto quanto seus músculos. O fascinante do exercício está em que qualquer soldado comum pode ser cientificamente treinado a fazer coisas que ninguém — inclusive ele próprio — acreditaria possíveis.

A base do exercício — que foi desenvolvido por um atleta, o Major F. A. M. Webster — é ensinar os homens a usar sua força com economia e ciência. Antes de defrontarem os canhões eles recebem explicações de força aplicada e mecânica. Ensinam-lhes diversos truques e como capitalizar o momento propício. Aprendem o peso dos canhões, seus objetivos e hábitos peculiares. Isto é muito importante. Cada canhão tem seus segredos. Puxa-los sem discernimento são piores que animais feridos; mas tratados com ciência, agirão como um pacífico burrico.

Quando a teoria já foi ensinada, os homens se familiarizam com a aparência e o mecanismo dos próprios ca-



Eis o que eles estavam fazendo. Um canhão antitank, tinha de ser empurrado para fora de uma armadilha contra tanks de dez pés de altura.

"Está de colher para vocês... E ainda não podem?"

"Posso fazer isso melhor sozinho."



nhões. Mostram-lhes como devem amarrar as pontas da corda às rodas do canhão. A maneira de usar as alavancas ficando-as sob diversos ângulos na cauda é também explicada. Finalmente recebem um esboço dos métodos mais corretos que se empregam para vencer os obstáculos.

Passada a primeira fase começa o exercício. O grupo não se esforça conjuntamente, e empurra mal. Vencem os obstáculos com dificuldade, porque aplicam sua força nos lugares piores e nos piores momentos. Quando defrontam um problema mecânico tentam vencê-lo com os músculos e não com a cabeça. No entanto, durante todo esse tempo, o canhão desafia-os a empregar novos métodos. E, por fim, o grupo suarento e praguejante dos homens chega triunfante à conclusão do test.

Logo aprendem a usar seus capacetes como travas sob as rodas do canhão. É a única maneira de resolver o problema quando não se dispõe de travas. Descobrem a roda sobre qual tem de convergir seu esforço. Conseguem perceber o momento exato de empurrar o canhão. Chegam mesmo às vezes a surpreender os instrutores pela ingenuidade de seus métodos.

Dia a dia as melhoras são maiores. Recentemente um grupo de 22 homens, após uma semana de treino, levou 1 hora e 35 minutos a impelir um canhão para dentro e para fora de uma armadilha contra tanks, com dez pés de altura. No fim de três semanas, 12 dos mesmos homens faziam a mesma coisa em 9 minutos. E antes de fazê-lo tinham empurrado dois canhões através seis milhas numa hora e 40 minutos, e completado uma dura corrida de obstáculos.

O exército é persistente em suas idéias. Instrutores retirados de unidades existentes em todo o país estão recebendo um curso especial na Escola de Educação Física do Comando Oriental. Quando voltarem eu ensinarei a todos vocês como devem empurrar um canhão.

"Estão prontos... Eia, então..."

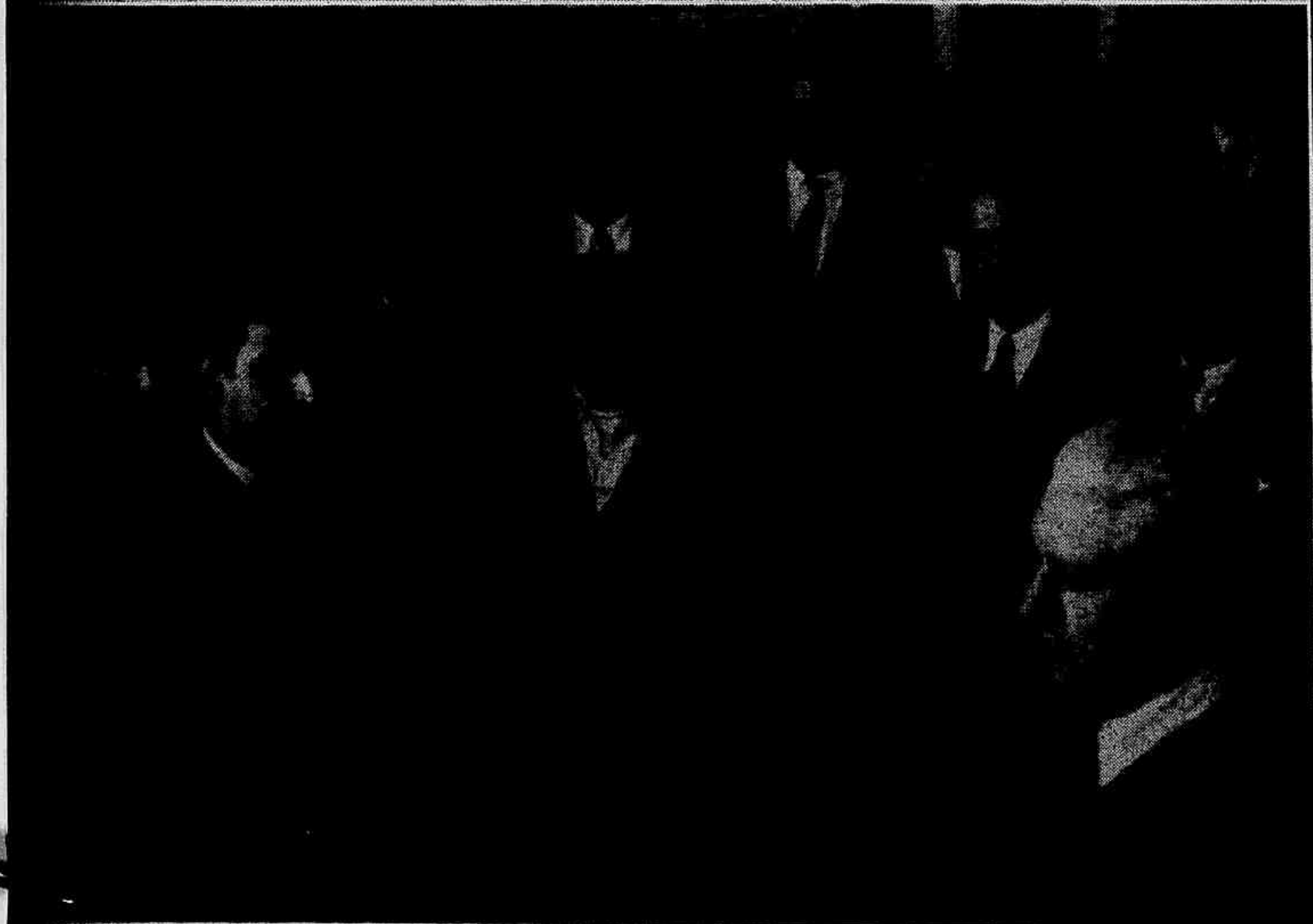
"E chamam isso exército mecanizado..."

"Ah! Si isto fôsse Hitler!..."





O JOCKEY CLUB MUNDANO



A gravura acima nos mostra o jockey Anesio Barbosa, na tribuna da imprensa do Hipodromo da Gavea, recebendo um presente que lhe foi oferecido pelo Sindicato dos Empregados do Comercio, das mãos dos srs. Newton Pacheux e Vitor Rocha, representantes daquela associação de classe.

No decorrer da reunião turfistica de domingo ultimo no Hipodromo da Gavea, a nossa reportagem fotografica, enquanto as graciosas aficionadas do nobre esporte passeavam pela "pelouse" ou assistiam entusiasmadas os lances emocionantes das carreiras, colheu os quatro sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.

O Teatro da Moda

Elisavinda de Almeida



Muita gente ainda se queixa de que o Brasil é o país da "fila". Mas poucos sabem que a "fila" hoje em dia está difundida em todas as partes do mundo. A "fila" é uma consequência do racionamento. E o racionamento por sua vez é consequência da guerra. Entretanto, elegantes do Brasil, se vocês aqui fazem "fila" para a obtenção do açúcar, da manteiga, da carne e outros gêneros alimentícios, nos Estados Unidos, além disso, ainda existe "fila" para a compra das meias Nylon e, às vezes, com prejuízo das vitrines dos armazéns que, não raro, são destruídos como aconteceu, há pouco, na tenda de Belas, em Asheville. Com Bergdorf Goodman que exibia os últimos tipos de calçado aconteceu o mesmo. E as americanas se dizem pacientes! Os vestidos longos e muito trabalhados foram suprimidos e para a noite a grande maioria usa trajes curtos e substitue os chapéus pelos "snoods" ou malhas de seda cobertas de rosas, flores diversas em tons variados foscos ou brilhantes. Assim, na temporada de "ballet" em Los Angeles, observamos um verdadeiro desfile de trajes curtos: Mrs. Richard Smart, por exemplo, passou lindamente vestida num modelo curto "cyclamen" com abrigo de "mink" e "snood" coberto de rosas de vários tons, caindo sobre os ombros. Mrs. L. de M. Sencillo, muito loura, usava um traje curto orquídea-lilá, com "snood" de violeta. Madame Duvivier com sugestivo manto cô de safira e "snood" de jacintos de vários "nuances" de azul claro. Miss Fyrtenthal, muito elegante num modelo branco com decote quadrado preso com dois clips de rubis e diamantes. Deanna Durbin, em negro com numerosos colares de pérolas tendo sobre os cabelos um fulgurante "snood" de malhas negras, cumprimentava Ann Sothorn, também em negro com maravilhosa mantilha de lantejoulas douradas, que acentuava, mais ainda, o brilho de ouro dos seus cabelos. E o desfile continuou com a predominância dos "snoods" floridos onde as rosas, belos. E o desfile continuou com a predominância dos "snoods" floridos onde as rosas, de tonalidades diversas, imperavam seguidas pelas tulipas, camelias, jacintos, etc.

Nesta parada de elegância californiana, Delman, com seus calçados confeccionados a mão e bastante adornados para combinarem com os trajes curtos, logrou uma esplêndida vitória. Principalmente no que concerne às fivelas de vidro ou de metal trabalhado, num regresso à moda de vinte anos atrás.

Tudo isso se passa em Los Angeles. Em Washington, porém, Mrs. Mary Brewster White, do Bureau da Campanha de Guerra, afirma que "a moda lançará mais mulheres no trabalho que os discursos políticos" porque só quando as mesmas se sentem verdadeiramente elegantes realizam integral e proficuamente as tarefas que lhes são confiadas.

E declara textualmente:

— É necessário que tudo que se relacione com a roupa, com os acessórios, e seus produtos de higiene e de beleza sejam fabricados tendo em vista a mulher que trabalha na defesa, no maior número neste instante. Devemos dar ao traje da mulher deste momento histórico o estilo e a dignidade que seu prestígio requer. Demais não nos devemos limitar à roupa de trabalho. Torna-se necessário existir uma relação de harmonia entre o que usamos em nossos labores e o que devemos usar nos momentos de folga. Precisamos de uma elegância sadia, eficiente, prática, e de linha reta.

Os joalheiros escutaram Mrs. Brewster White e apresentaram coleções de obras de arte confeccionadas em barro, porcelana e gesso. Joias, como vêem, que prescindem de metal e pedras preciosas.

A esse respeito conclui Germaine de Bainville — e aliás muito espirituosamente — "Devido a isto roga-se às senhoras que não atirem ao cesto os restos dos pratos quebrados, porque desta mesma matéria fabricaremos os clips da próxima estação."



"Na escolha do detalhe, diz Kitty Carlisle da Universal e uma das dez mulheres mais bem vestidas dos Estados Unidos, está o mais difícil da ciência do bem vestir."

E tem razão.

Uma flor, uma joia, um *clip*, quando bem escolhidos, podem aumentar centenas de vezes o valor de conjunto assim como desvalorizar quase que totalmente, quando mal combinados, as *toilettes* mais caras e mais graciosas.

Entretanto, essas "elegantíssimas" da Warner Bros. juntamente com Kitty Carlisle, apresentam maravilhas de minucias especialmente para Novembro.

Julie Bishop, por exemplo, aparece com lindo adereço em prata e água-marinha combinando com o rico modelo de crepe e rendas próprio para noite. Acrescem o chic do traje as luvas de cano longo. Em outra foto, em que combina também renda e finíssima seda — desta vez porém harmonizando em branco — tem, como única joia, um anel com esmeraldas e uma flor nos cabelos.

Minucias
em



Fay Emerson — a original — adora estampados vistosos. E combina esses elegantíssimo vestido para jantar com adereço em prata trabalhada que nos lembra a curivesaria turca.

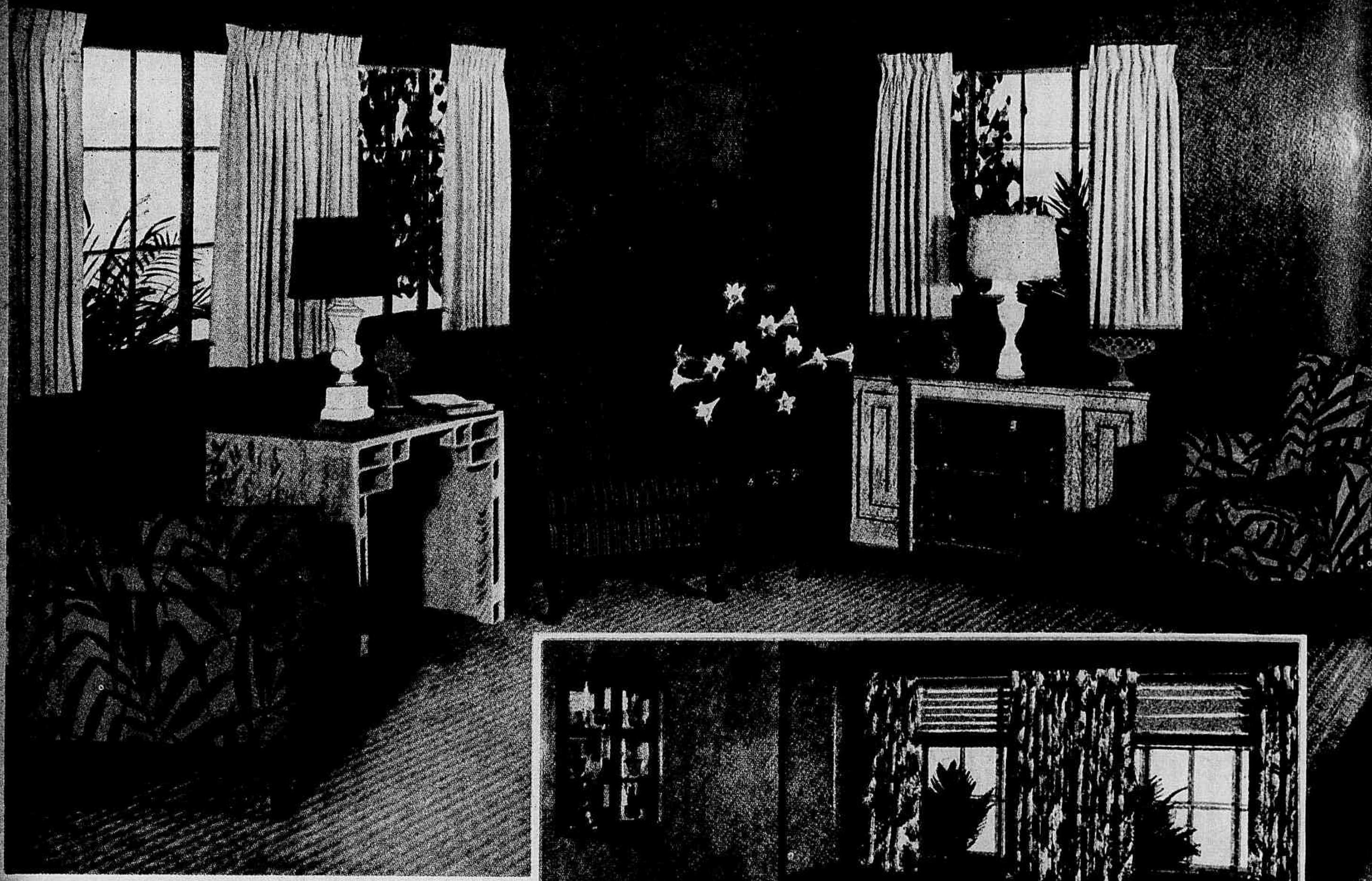
Joyce Reynolds — a de expressão ingenua — gosta de se adornar de rosas e rendas. Tem um que de antigo e de distante como uma figurinha que a gente vê num livro precioso e que espera um dia torne à vida, como Galatéia.

Com suas flores inseparáveis mas, desta vez, tendo sobre a cabeça, linda mantilha de renda, Joyce Reynolds aparece para "sugerir".

E finalmente Kitty Carlisle num modelo especial para as senhoras, onde os lindos motivos aplicados e presos por pequeninas lantejoulas na blusa simples e nas mangas "ultra chic" atestam, de sobejo, a justiça da fama que tem: a de ser uma das dez mulheres que se vestem melhor nos Estados Unidos.



Novembro



O Lar

Interiores Policrômicos

A primavera é uma grande decoradora a cuja magia ninguém sabe resistir. Vai revestindo as casas de cores alegres e os móveis estofados apresentam-se forrados de estamparia tão brilhante e — por uma estranha analogia — onde o verde e o vermelho predominam com a própria evocação dos campos floridos.

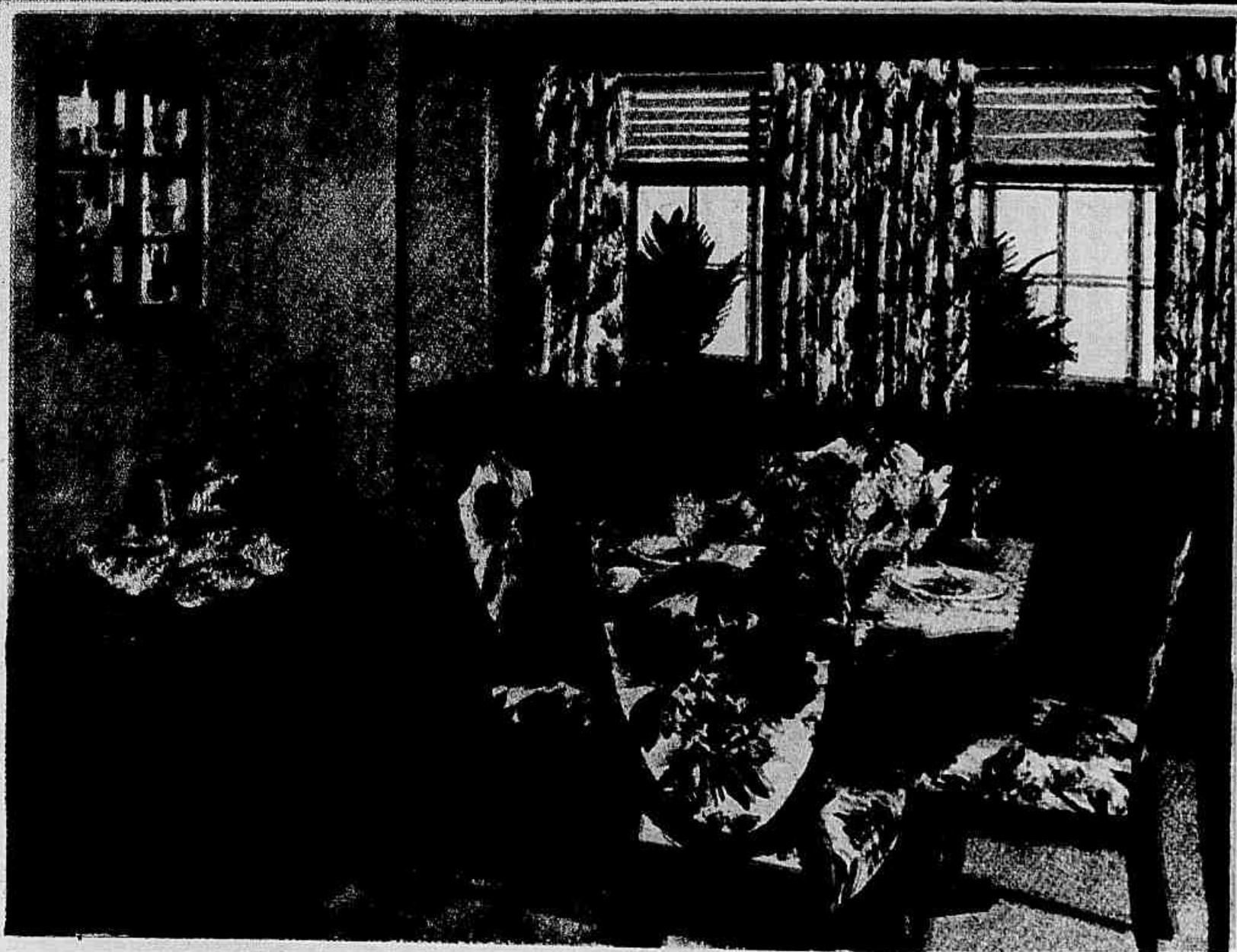
Neste *living-room*, por exemplo, duas poltronas onde folhas elegantes aparecem sobre um fundo *beige* harmonizam-se com a terceira de listras em varias tonalidades de verde. Cortinas claras sobre as vitraças das largas janelas. Um grande tapete claro, a pequenina estante repleta de volumes: Byron, Shelley ou Walt Whitney? Thomas Mann, Wilkie ou Saroyan? Talvez todos esses e Shakespeare — quem sabe?

E aquela escrivaninha onde, possivelmente alguém a escreveu uma carta que começava assim:

"My darling..."

Um *abat-jour* branco e outro *abat-jour*, verde.

Folhagem lá fêra e lírios na pequenina jarra de cristal. Mas que *living-room* adorável.



...E a salinha de almoço com as cortinas de estamparia floral vermelha combinando com o forro das cadeiras! Um pequenino armário sobre a parede guarda os cristais da família, dos quais aquele jogo para chá e café na bandeja de prata, sobre a mesinha proxima, é bem um complemento adequado à policromia desta salinha — tão bonita, tão alegre como um dos contos de Perrault.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

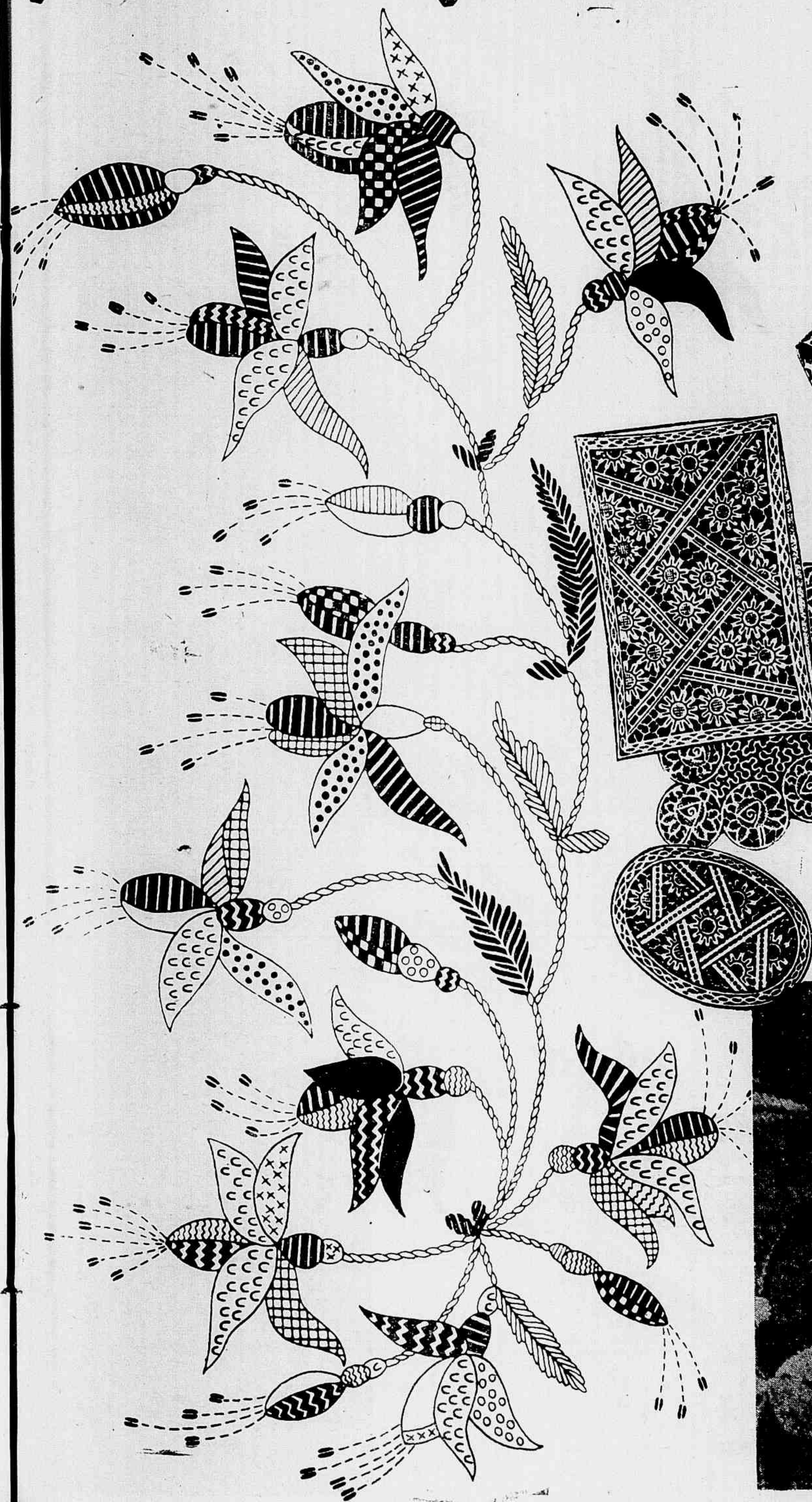
UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Para o "Living-Room."



Apresentamos nesta página linda almofada e o respectivo risco. Deve ser executada tal como nos mostra a gravura e usando-se linhas brilhantes. Oferecemos também algumas sugestões para centros de mesa e panos de enfeite, em *sou'ete*.





Noite de Baile



AS TRES VALSAS

Crônica de S. R.

Valsas de Strauss evocadoras de Viena... "Valsa do Adeus" que revelou ao mundo o romance da vida de Chopin...

E a valsa triste de Sibelius, tão nostálgica como um crepúsculo roseo sobre os "fjords" escandinavos.

Sentada próximo àquela mesinha do canto — onde o "champagne" brilha como um topázio diluído nas taças, aquela senhora, de perfil impecável e cabeça grisalha, pensa...

Em outro salão, há muitos anos, no primeiro baile:

"Eu te amo, disse ele e repetiu: 'eu te amo'."

"Desde quando?"

"Desde o princípio das cousas".

"E até quando?"

"Até o fim das origens."

"Poeta!"

"Não, apenas apaixonado e todo apaixonado tem um pouco de poeta..."

"Mas os poetas possuem um grande defeito: jamais chegam à realidade."

"E isso é um bem, querida, porque entre os limites do que as mulheres chamam realidade só cabem a amizade e a compreensão: nunca o Amor."

"Por que?"

"Porque o Amor existe apenas no mundo das imagens e das reminiscências."

"Reminiscências?"

"No mais absoluto sentido platônico. Por exemplo: eu já te conhecia muito antes de te encontrar, e já sabia como era tua voz antes mesmo que proferisses a primeira palavra. Habitavas na minha imaginação e por isso eras tão palpável ao meu espírito como hoje às carícias de minhas mãos. Esta foi a razão pela qual, quando 'tu alma me

fascinou em tu mirada como uma remota hermana nunca vista, reconhecida milagrosamente em um encontro mudo por um caminho misterioso", não me surpreendi absolutamente.

"Verdade?"

"Duvidas?"

"Querido..."

"Hum?"

"Eu também te amo."

"Meu amor."

Alguns anos, mais tarde, numa festa em Viena. "Estás mudo?"

"Quererias que eu falasse depois do que vi?"

"Não sei a que te referes."

"Nem mesmo sei o que pensar de tudo isso... Enquanto eu aturava o embaixador X, com aquela mania aborrecida de só falar em política internacional, riste, dansaste e possivelmente 'flirtaste' com aquele barãozinho húngaro."

"Carlos!!!"

"Perdoa-me querida. Mas a culpa é ainda tua, embora involuntária. Tua é esta valsa. Se soubesses como estás bonita! Quando passas todos os olhos te procuram e eu já ouvi mais de uma vez a teu respeito: 'Que bonita aquela mulher! Pensas que sou um coração de ferro?'"

"Penso, pelo contrario, que és um tolinho muito ciumento. Entretanto não dizes nada dessas senhoras que vivem junto de ti como mariposas em torno da luz."

"Bobinha!"

Agora tinham regressado outra vez. Havia pouco, ela completara quarenta anos, mas ambos continuavam jovens e belos vivendo ainda aquele mundo de imagens e reminiscências.

"Carlos, chamou docemente, quando o marido a convidou para dançar a 'valsa' antiga. Carlos, vê Susy?"

"Sim. Lá está ela. E parece muito atenta ao que o Julio está dizendo."

"Está linda, não?"

"E' a moça mais bonita da festa, sem favor algum, querida."

"Pai coruja!"

"Mamãe corujinha". Estou preocupado: que será que o Julio está perguntando?"

"Não sei. Mas, também, não achas que Susy é ainda muito criança para responder 'sim'?"

Nancy Coleman, a encantadora estrela da Warner, apresenta os vestidos correspondentes às três épocas.

O primeiro em "faillé" branca abotoado na frente. Corpete justo e bicos no decote. Mangas três quartos e saia ampla completam o feitio. Especial para debutantes.

Em tafetá quadriculado e com feição novecentista é o outro modelo próprio para mesdames. Um grande anel combinado com os clips e o penteado antigo aumentam o encanto do vestido.

Finalmente, em crepe negro e babados de rendas, é este maravilhoso modelo feito para as balzaqueanas. O adereço de pérolas, as mangas justas e compridas acrescem a distinção deste bonito conjunto para noite.

O Cristo do Oceano

Conto de Anatole France

Naquele ano muitos pescadores de Saint-Valéry, que tinham ido para o mar largo, deixaram de voltar. Os seus corpos vieram ter à praia, com os destroços das embarcações; e durante nove dias, pela estrada íngreme que conduz à igreja, se viram subir caixões levados à mão e atrás dos quais iam viúvas chorando, com mantos negros, como mulheres da Bíblia.

O patrão João Leonel e seu filho Desidério foram depositos na nave central, onde pouco antes se suspendera, em oferenda a Nossa Senhora, um navio com todos os acessórios. Eram homens de bem e tementes a Deus. E o reverendo Truphème, vigário de Saint-Valéry, depois de dar a absolvição, proferiu, em voz molhada de lágrimas, estas palavras:

— Nunca foram entregues à terra sagrada, para aí esperarem o julgamento de Deus, melhores homens, melhores cristãos do que João Leonel e seu filho Desidério.

E enquanto as barcas, com os seus patrões, davam à costa, sossobravam ao largo os grandes navios e não se passava dia sem que o oceano deitasse à areia algum destroço de naufrágio. Ora, certa manhã alguns rapazinhos que governavam uma barca viram uma figura deitada na água. Era a de Jesus Cristo em tamanho de homem, esculpida em madeira rija, pintada ao natural e com todos os sinais de obra antiga. Nosso Senhor flutuava nas ondas, com os braços abertos. Os mocinhos içaram a imagem para bordo e levaram-na para Saint-Valéry. Cingia-lhe a fronte a corôa de espinhos; nos pés e nas mãos havia os buracos dos cravos; faltavam, porém, estes, como faltava a cruz. Com os braços ainda abertos para se oferecer e abençoar, Jesus se mostrava tal como o haviam visto José de Arimatéia e as santas mulheres, no momento de o enterrarem.

O vigário Truphème, ao recebê-lo das mãos dos jovens pescadores, disse:

— Esta imagem do Salvador é obra antiga e de certo quem a fez morreu há muito tempo. Embora os negociantes de Amiens e de Paris vendam hoje por cem francos e até por menor preço estátuas admiráveis, havemos de convir que os santeiros de outrora tinham o seu mérito. A mim, porém, o que sobretudo me rejubila é pensar que, se Jesus Cristo assim veio, de braços abertos, a Saint-Valéry, foi para abençoar a paróquia tão cruelmente posta à prova e mostrar como se compadece dos pobres que vão à pesca, arriscando a vida. E' o Deus que caminhava sobre as águas e abençoava as redes de Céfas.

E o vigário Truphème, depois de mandar depor o Cristo sobre a toalha do altar-mór, foi encomendar ao carpinteiro Lemerre uma bela cruz de cerne de carvalho.

Terminada a cruz pregaram nela Nosso Senhor, com cravos novos, que ainda não tinham servido, e ergueram-na em plena nave, sobre o banco da Confraria. Então, se viu que os seus olhos se enchiam de misericórdia e como se humedeciam de celeste piedade. E um membro da Irmandade que assistia ao assentamento da cruz, julgou ver lágrimas correndo pelas divinas faces.

No dia seguinte, de manhã, quando o vigário entrou na igreja com o menino de câro para dizer missa, ficou surpreso ao ver a cruz vazia no lugar onde ficara e o Cristo deitado no altar. Apenas terminado o santo sacrifício, mandou chamar o carpinteiro e perguntou-lhe por que motivo havia despregado Nosso Senhor. O homem, porém, respondeu que nem sequer lhe tocara; e o sacristão assegurou que ninguém entrara no templo desde a colocação do Cristo sobre o banco da confraria.

Teve então o sacerdote o sentimento de que se tratava de coisas maravilhosas e devia, portanto, proceder com muita prudência e após longa meditação. Na prática do domingo seguinte, falou do caso aos paroquianos e convidou-os a contribuir com os seus donativos para a erecção de nova cruz, mais bela que a primeira e mais digna de sustentar Aquele que resgatou o mundo. Os pobres pescadores de Saint-Valéry deram o dinheiro que puderam, e as viúvas ofereceram as suas alianças. Assim o reverendo Truphème pôde ir logo depois a Abbeville, encomendar uma cruz de pau preto, reluzente, encimada por uma placa com a inscrição INRI em letras de ouro. E, dois meses depois, cravava-se no mesmo lugar a nova cruz e nesta se pregava o Cristo entre a lança e a esponja.

Mas Jesus, durante a noite, abandonou-a como à primeira e foi se estender no altar. Ao chegar de manhã, o vigário caiu de joelhos e longo tempo ficou em oração.

A notícia do milagre espalhou-se pelas redondezas e as damas de Amiens fizeram peditórios para o Cristo de Saint-Valéry. O reverendo Truphème recebeu de Paris dinheiro e joias. A esposa do ministro da Marinha, sra. Hyde de Neuville, mandou um coração de diamantes. E com todas essas riquezas, um ourives da rua de Saint-Sulpice confeccionou, levando nisso dois anos, uma cruz de ouro e pedrarias que foi, com grande pompa, inaugurada na igreja de Saint-Valéry, no segundo domingo depois da Páscoa do ano de 18. Mas Aquele que não recusara a cruz dolorosa, abandonou aquela cruz tão rica e foi de novo estender-se na toalha branca do altar.

Com medo de o ofender, deixaram ficar assim mesmo. E lá estava havia mais de dois anos quando Pedro, filho de Pedro Caillou, foi participar ao vigário que encontrara na praia a verdadeira cruz de Nosso Senhor.

Pedro era amalucado e como não tinha jeito para ganhar a vida, davam-lhe de comer aqui e além, de esmola. Gostavam dele, porque não fazia mal nenhum. Mas dizia coisas sem nexo e ninguém o escutava.

No entanto, o vigário Truphème, que não cessava de refletir sobre o mistério de Cristo do Oceano, impressionou-se deveras com aquilo que o pobre insensato lhe dizia. Dirigiu-se com o sacristão e dois homens da confraria ao lugar onde o rapaz dizia ter visto uma cruz; e encontrou duas pranchas que o mar andara muito tempo atirando de cá para lá e que realmente formavam uma cruz.

Eram destroços dum antigo naufrágio e em que havia alguns pregos. Num delas distinguíam-se duas letras a tinta negra, um J. e um L. Não podia haver dúvida; tratava-se de João Leonel que, cinco anos antes, perecera nas ondas com seu filho Desidério.

Diante daquilo, o sacristão e os da confraria desataram a rir do mentecapto que tomara dois fragmentos duma barca naufragada pela cruz de Jesus Cristo. Mas o vigário pôs termo à caçoadá. Muito meditara e rezara desde o aparecimento do Cristo do Oceano e parecia-lhe que começava a vislumbrar o mistério da infinita caridade. Ajoelhou na areia, disse a oração pelos fiéis defuntos. Em seguida ordenou aos homens que levassem os destroços para a igreja. E, feito isso, tirou o Cristo do altar, colocou-o sobre as pranchas da barca e por suas mãos o fixou com os pregos que o mar enferrujara.

Por ordem sua, aquela cruz ocupou, no dia seguinte, o lugar da cruz de ouro e pedrarias. Desde então não mais o Cristo se despregou. Quiz ficar para sempre naquela madeira sobre a qual tinham morrido homens invocando o seu nome e o nome de sua Mãe. E ali, entreabrindo a boca dolorosa e augusta, parece dizer: "A minha cruz é feita de todos os sofrimentos dos homens, porque sou verdadeiramente o Deus dos pobres e dos desgraçados."

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e radiante volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipótese.

Não cometa esse erro!

por SILVIA ROGER

Muito se tem escrito sobre homens de talento que desposam mulheres medíocres — do ponto de vista da inteligência — só porque se deixam prender por um par de olhos bonitos e por um corpo de Tanagra. Exemplos inúmeros são apontados na história de todos os países e eu mesma sei de vários, verdadeiramente deploráveis. Um deles se passou e é vivido ainda por um de meus melhores amigos, aliás um dos rapazes mais bem dotados que conheci — quer física ou mentalmente. Muito moço ainda já conquistara com livros básicos de literatura e história um lugar de destaque entre a intelectualidade de seu país e prometia muito, tanto no setor da pesquisa histórica e literária como na carreira que abraçara: a diplomacia. E... ficou apenas nos dos livros escritos ainda quando solteiro. No entanto, no que concerne ao casamento, onde estava a clarividência de L.? Hoje ele próprio se admira como chegou a cometer tal erro. Culpa sem dúvida a pouca idade que tinha quando desposou X. A verdade porém é que X era linda, terrivelmente graciosa e petulante, fútil e atrevida, e tudo isso infelizmente atua sobremaneira sobre os sentidos do homem. Entretanto, diz em interessantíssimo artigo o Dr. Antonio Pita, que o homem vulgar busque o que lhe falte no aspecto físico da mulher e devido a isso mesmo — com o tempo — ou acentue a sua tendência à poligamia já que nele o "amor à primeira vista" é tão frequente, ou aprecie, todo dia a repetição da conversa sobre o futebol, o preço dos legumes, a manha dos pimpolhos ou sobre as joias e os vestidos das amigas comuns, vá lá. Mas o verdadeiramente superior — aquele que abarca toda a paisagem feminina no que tem de sensual, moral, e intelectual — nunca poderá "conviver" com a mulher inferior. E se o faz, por uma questão puramente moral ou para atender às contingências sociais, um irremediável e intransponível abismo cava-se entre ambos. As preocupações e as divergências domésticas, à medida que se intensificam, diminuem a sua capacidade de concentração e de trabalho. Eis porque muitos talentos perdem-se na obscuridade da incompreensão conjugal.

Mas que diremos então do caso oposto? Sim, o da mulher dotada de uma grande inteligência, cultura superior e finíssima sensibilidade, como o da escritora Z. que desposou um rapaz possuidor de um diploma de um título de Dr. porém eminentemente prático. Um ser cujo espírito, preso demais às coisas da terra, nunca atingiu o infinito das perquirições filosóficas e jamais compreendeu e respeitou a sublime quietude de uma contemplação interior. Um noivado rápido — no qual se constatou apenas aquela "estranha atração física" — impediu a evidência da diversidade espiritual. Esta apareceu, entretanto, nos longos silêncios que se interpunham entre os dois, logo após o casamento. Consequência: o desquite. Motivo: A impossibilidade dele chegar até ela e dela descer até ele.

Entre os que se amam e entrelaçam suas vidas pela doçura da compreensão o silêncio é o elo precioso que revela um entendimento tão completo, uma satisfação interior tão grande que as mais belas palavras resultariam inúteis para explicá-lo. Nesses momentos é que o casal pode evocar e sentir em toda plenitude os versos do poeta árabe: "Nós nos calávamos. Entretanto nossas almas se interrogavam e se respondiam". Entretanto nos seres que não têm aspirações semelhantes e que não palmilham o mesmo solo espiritual, o silêncio é o começo do tédio. A distancia. O fim. Ninguém descreve melhor tal situação que a poetisa americana quando declara ao homem vulgar que ela "julgou" amar, um dia e ao qual se acha presa pelos vínculos do matrimônio:

"Ha tal ausencia nos meus gestos
E abstração, se estamos sós.
Que tens ciúme do silencio
Hoje um terceiro, entre nós dois.

Soube, por outrem, que me espreitas
— E com indizível sofrimento —
Quando percebes me liberto,
Na eternidade de um momento.

Portanto — senhores intelectuais, cientistas ou escritores — que estais presentes ao "conjugio vobis", observai se a pessoa amada, além do rosto bonito e do corpo perfeito, possui inteligência e compreensão — quando não possa apresentar uma cultura consistente. Caso contrario, procurai outra para compartilhar vosso destino e lembrai, á guisa de consolo, que se o Tempo consegue transformar um lindo retrato numa terrível caricatura não pode extinguir frutos de uma inteligência ou tornar estante uma fonte de compreensão



MAU HALITO produzido pela fermentação

ODORANS
O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

A fermentação das partículas de alimento, que ficam nos interstícios dos dentes, é a principal causa do mau hálito. Destrua esse mal com o uso de Odorans — o dentifrício medicinal, de alto poder germicida — que impede a fermentação e elimina o mau hálito. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições, para completa assepsia da boca.

**2 HORAS
APÓS AS
REFEIÇÕES**

TRES CAVALEIROS

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 12)

— Um corredor famoso — replicou o general. — E monta melhor do que um jockey profissional. É um dos Hússares Brancos.

— Está bem — continuou o príncipe no mesmo metal de voz. — Diga-lhe que parta imediatamente atrás do homem que leva aquela mensagem, e o detenha. Dar-lhe-ei autorização, ao que o distinto marechal não se oporá, creio. Tragam-me imediatamente pena e tinta.

Sentou-se, recolhendo a capa, e escreveu a ordem com mão firme, anulando todas as anteriores, para que se perdoasse e se pusesse em liberdade a Petrowski, o polonês.

Depois, em meio dum profundo silêncio, em que o velho Grock parecia um ídolo de pedra dos tempos prehistóricos, o príncipe saiu do aposento. Estava tão aborrecido que ninguém se atreveu a lembrar-lhe a revista das tropas. Arnold Schacht, um rapaz de cabelos ondulados, quase uma criança, porém com diversas medalhas na farda dos Hússares Brancos, fez a continência e recebeu o ofício que o príncipe lhe entregou. Depois montou a cavalo e partiu, pelo caminho alto, como uma flecha de prata ou uma estrela cadente.

O velho marechal voltou tranquilamente à sua tenda; entrou tranquilamente, tirou o capacete e os óculos e os pôs sobre a mesa, como antes. Depois chamou uma sentinela e lhe ordenou que procurasse o sargento Schwarz, dos Hússares Brancos.

Um minuto depois apresentou-se perante o marechal um homenzinho com uma cicatriz no rosto, muito moreno para ser alemão; as inclemências do tempo e o fumo das batalhas haviam-lhe mudado a cor da pele. Saudou o chefe e permaneceu firme, enquanto o marechal levantava os olhos para ele, com lentidão. E vasto como fosse o abismo entre o marechal do Império e este húsar obscuro, o certo é que, de todos os homens que figuram nesta história, eram estes dois os únicos que se entendiam quasi sem palavras.

— Sargento — disse o marechal, incisivamente. — Eu o vi duas vezes antes. À primeira creio que quando você ganhou para todo o exército o concurso de tiro de fuzil.

O sargento inclinou-se e não disse nada.

— E a segunda — continuou Grock — quando o interrogaram sobre o fuzilamento daquela maldita mulher que não nos quis dar informações sobre a emboscada. Esse incidente deu muito que falar na ocasião, até em nossos próprios círculos. No entanto, houve uma influência a seu favor, sargento. Minha influência.

O outro fez de novo a continência e permaneceu em silêncio. O marechal continuou falando com um estranho acento de ingenuidade:

— Sua Alteza o Príncipe foi mal informado, foi enganado, a respeito de um assunto essencial para sua própria segurança e a segurança da pátria. Assim, acaba de mandar o perdão para o polonês Petrowski, que será executado esta noite. Repito: que será executado esta noite. Você deve montar imediatamente a cavalo e seguir Schacht, que leva o indulto e detê-lo.

— É difícil que possa alcançá-lo — disse o sargento Schwarz. — Ele tem o cavalo mais veloz do regimento e é um perfeito cavaleiro.

— Eu não disse que o alcance. Disse-lhe que o detenha. — E acrescentou com vagar — Um homem pode ser detido por meio de distintos processos... Gritos ou tiros... A descarga de um fuzil poderia por exemplo chamar-lhe a atenção...

Então o sargento moreno fez outra continência e seus lábios finos se apertaram ainda mais.

— O mundo se transforma — prosseguiu Grock — não pelo que se diz nem pelo que se condena, nem pelo que se aprecia, mas pelo que se faz. O mundo não corrige nunca o que se consumou. Neste momento, a morte de um homem é uma coisa que se deve consumir... — Seus olhos brilhantes fixaram o olhar de aço no outro. E juntou: — É claro que estou me referindo a Petrowski.

O sargento Schwarz sorriu. Levantando a tolda da entrada da tenda, montou a cavalo e partiu.

O último dos três cavaleiros era menos propenso que o primeiro a entregar-se a idéias imaginativas. Porém como homem, afinal de contas, não podia deixar de sentir, em semelhante noite e com semelhante missão, a opressão daquela paisagem extrahumana.

Enquanto galopava por aquela ponte abrupta, estendia-se a sua volta, até o infinito, alguma coisa mil vezes mais extrahumana do que o mar. Porque um homem não poderia nadar ali, nem nenhum barco navegar. O homem naufragaria sem luta naquele oceano de solidão.

O sargento olhou vagamente a presença de um pântano primitivo que não era sólido nem líquido, nem capaz de nenhuma forma; e sentiu sua presença detrás da forma de todas as coisas. Era ateu, como muitos milhões de homens, inteligentes; não, porém, à maneira dessa casta feliz de pagãos que consideram o progresso da humanidade como um fruto natural da terra. Este mundo que se abria diante dele não era uma planície onde a erva e as coisas animadas crescessem e frutificassem: era apenas um abismo, no qual as coisas vivas naufragavam, como num poço sem margens.

Schacht devia possuir com efeito um cavalo velocíssimo, para conseguir adiantar-se tanto; porque, apesar de tudo, fazia relativamente pouco tempo que havia partido. Como Schwarz o afirmara, dificilmente o alcançaria; porém um sentido real das distâncias cobertas dizia-lhe que faltava bem pouco para lhe deitar a vista em cima. E de repente, quando o desânimo começava a invadi-lo naquela paisagem desolada, Schwarz viu por fim o homem que perseguia.

Ao longe, correndo furiosamente, apareceu um pontinho branco, uma silhueta, de tamanho bastante para que Schwarz pudesse distinguir a faixa alaranjada que cruzava o uniforme branco do regimento dos húsares. O campeão de tiro do exército havia feito alvo em pontos menores do que aquele...

Levantou o fuzil; e um rumor desusado espalhou-se por toda a solidão dos pântanos. O sargento Schwarz não

prestou atenção a esses ecos. O que lhe interessava era que, ainda a essa distância, podia ver que a figura branca se encurvava, mudava de forma; Schwarz, com as pupilas habituadas à sua larga experiência, convenceu-se de que a vítima fôra ferida pela bala e, quasi com segurança, bem no coração. Logo atingiu o cavalo com um segundo disparo e o grupo equestre tombou, sumindo como um relâmpago branco no declive escuro da plataforma.

O sargento estava certo de ter cumprido as ordens recebidas. Os homens de sua classe são, geralmente, muito meticolosos nas coisas que fazem; por isso mesmo erram tão frequentemente. Schwarz tinha traido a camaradagem que é a alma dos exércitos; havia assassinado um garboso oficial que cumpria o seu dever; havia enganado e desafiado seu soberano e cometido um crime comum, sem atenuante de legítima defesa; porém obedecia a seu superior hierárquico, e ajudava à execução do polonês.

Estas duas últimas circunstâncias ocupavam-lhe no momento o pensamento; e marchou de volta para informar ao marechal Grock o que ocorrera. Não tinha nenhuma dúvida sobre a consumação do fato que lhe havia encomendado. O homem que levava o perdão havia morrido, com toda a certeza; e ainda que, por milagre, por um milagre, só estivesse moribundo, não poderia reanimar o cavalo — morto ou também moribundo para correr à cidade e impedir a execução. Não: o mais prudente e o mais prático era voltar agora para junto de seu protetor, para junto do homem que ideara aquele projeto. Com todas as suas forças, Schwarz se entregava à força de seu grande marechal.

E de fato o marechal era poderoso; depois da monstruosa empresa que havia concebido não tratou de dissimular os acontecimentos. Ele e o sargento, uma hora mais tarde, marchavam juntos a cavalo pelo caminho para chegar a um sítio determinado. Grock desmontou. Disse ao sargento que continuasse a marcha para a cidade, afim de ver se tudo estava tranquilo depois da execução, ou se havia algum perigo de levante popular.

— É aí mesmo, marechal? — perguntou o sargento em voz baixa. — Pensei que tinha sido mais longe; porém a verdade é que este caminho infernal parecia aumentar como num pesadelo.

— É aqui — replicou Grock, aproximando-se do parapeito e olhando para baixo.

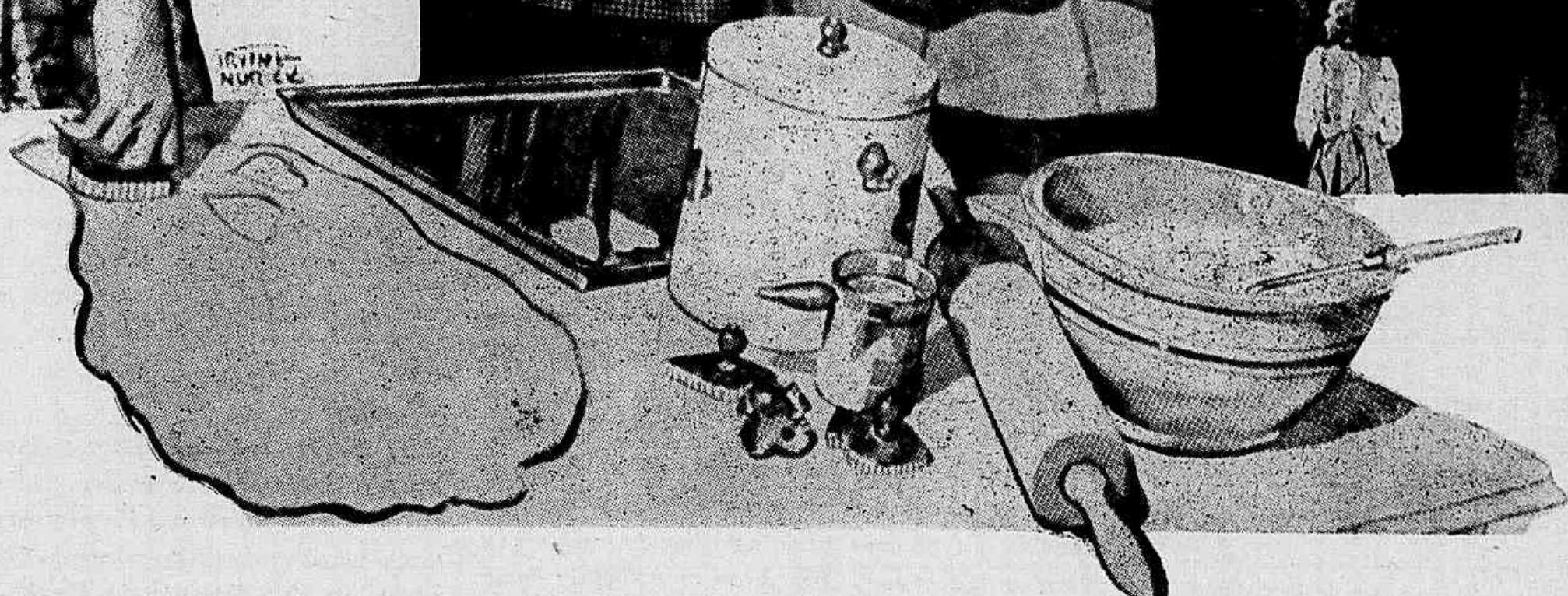
A lua surgira entre os pântanos, iluminando as águas turvas; e ao pé do declive jazia uma coisa como umas ruínas radiantes; tudo o que restava de um daqueles magníficos cavalos e de um daqueles brancos cavaleiros da velha brigada. A identificação não era duvidosa: a lua punha uma espécie de auréola nos dourados cabelos do

(CONTINUA NA PAG. 47)

E' um tiro em tais males...

É nos dias chuvosos e quando a temperatura cai que mais facilmente se verificam os males das vias respiratórias. Bronchites, traqueobronchites e as tosses rebeldes ganham incremento e supliciam os que escolheram para suas vítimas. É então quando mais certamente se aconselha o uso do **MASTRUÇO CREO SOTADO**, produto do Laboratório Cruz Verde que é um tiro em tais males.

Vista-se bem para ir à Cozinha



TORTAS:

DAMASCO — Prepare uma massa da seguinte fôrma:

Ponha na mesa 200 gramas de farinha, abra uma cova e no centro ponha 2 gemas, 1 colher de água e 2 colheres de manteiga; faça um creme e misture com a farinha. Não bata. Arrume na fôrma, fure toda para não estufar.

Só retire da fôrma quando estiver fria.

Arrume por cima um creme de maisena e por cima compota de damasco, formando flores. Ao redor tirinhas, formando xadrez.

Com a calda dos damascos faça a gelatina.

Leve ao fogo com 1 colherinha rasa de fécula de batatas e 1/8 de folha de gelatina vermelha, cõe e enquanto quente cubra de leve os damascos.

BISCOITOS — Faça uma compota de ameixas com 250 grs. de ameixas, 1/2 litro de água, 200 grs. de açúcar e casca fina de limão verde.

Ferva bem e escorra a calda. Fôrre uma fôrma com biscoitos "palitos franceses", amoleça-os com conhaque. À parte faça o seguinte creme: 1/4 de litro de leite, a calda das ameixas, 1 colher de sopa de manteiga, 2 colheres de sopa de açúcar, 5 gemas, 1 colher de canela em pó e 1 colher de maisena.

Leve ao fogo mexendo sempre até tomar consistência. Deite este creme intercalado com as ameixas sem caroços sobre os biscoitos. Cubra com as claras em neve e misturadas com açúcar (1 colher para cada clara) e leve ao forno brando.

BOMBOCADO — Faça uma calda com 300 gramas de açúcar em ponto de fio.

Retire do fogo e junte 1 colher de chá de manteiga e pouco depois um copo de caldo de laranja. Deixe esfriar sem mexer a panela. Junte 5 gemas, 2 claras e 50 gramas de farinha de trigo.

Passa 2 ou 3 vezes por peneira e leve ao forno em forminhas untadas com manteiga e no fundo da fôrma umas gotas de caramelo. Leve ao forno em banho-maria.

DOIS PRATOS GOSTOSOS:

ARROZ COM FIGADO — 200 grs. de arroz, gordura, cebola picada, salsão, 300 grs. de figado, sal, 5 a 6 chicanas de caldo de carne. Refoga-se o arroz na gordura quente com a cebola e salsão picados. Juntam-se-lhes o caldo de carne e o sal, e cozinha-se tudo durante 15 minutos. Pica-se o figado que se refoga em bastante gordura com cebola picada. Deixa-se frigar até parar de sangrar. Mistura-se este figado com o arroz e serve-se imediatamente. Querendo, arruma-se em uma fôrma com o formato de anel e vira-se sobre um prato redondo.

POLENTA COM RAGOUT — Prepara-se um picadinho da seguinte maneira: Pica-se um pedaço de carne de vaca ou se passa o mesmo na máquina de moer carne. Faz-se um refogado com cebolas, tomates, sal, pimenta do reino, pimenta malagueta e cheiro verde. Junta-se a carne. Tapa-se a panela, deixando-se cozinhar lentamente com pouca água. Pouco antes de servir, acrescenta-se um pouco d'água, engrossando-se o molho com uma colher de farinha de trigo. Prepara-se a polenta que se despeja em uma fôrma com o formato de um anel. Vira-se esta fôrma sobre um prato redondo, colocando-se o ragout no centro.

cinco... prepare bons docados



CREMES GELADOS

CREME DOS INGENUOS — Rale um côco e despeje por cima 1 garrafa de leite fervendo. Cõe, passando por um pano grosso e molhado.

Depois junte 150 gramas de açúcar, 1 colher de sopa rasa de manteiga, 2 gemas e 4 colheres de sopa (rasas) de maisena e leve ao fogo para engrossar.

Quando estiver cozida a maizena tire para uma fôrma molhada e deixe na geladeira para gelar.

CREME DE LARANJAS — Tome 6 laranjas bonitas, corte ao meio, retire a polpa e o bagaço, fazendo assim umas tigelinhas.

Com o caldo faça um creme com 4 gemas, açúcar a gosto, maisena e um pouco de casca ralada da laranja. Leve ao fogo para engrossar e enquanto quente misture 2 claras em neve. Arrume este creme nas cascas. Com as claras restantes, faça um suspiro com 4 colheres de açúcar e com um saco de ornamentar faça pequenos suspiros à volta do creme e no centro um suspiro um pouco maior. Para se tornar mais interessante usa-se uma uva preta na ponta do suspiro.

Sirva gelado.

Use esses aventais ou vestidinhos caseiros, confeccionados em algodão e que são úteis, práticos e no genero muito interessantes não obstante a sua simplicidade. Porque, para o fim a que se destinam, só podem ser assim.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

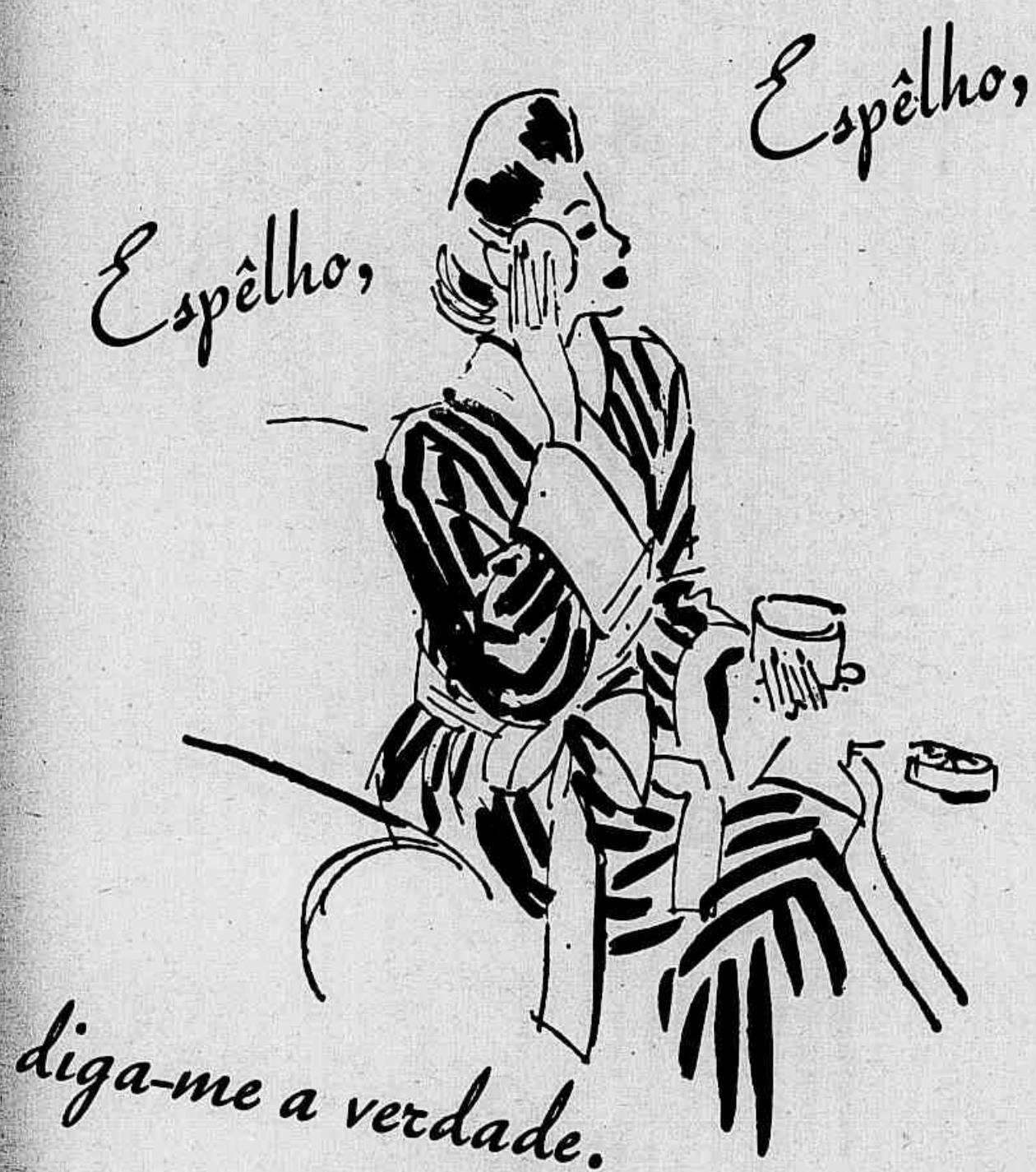
Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.



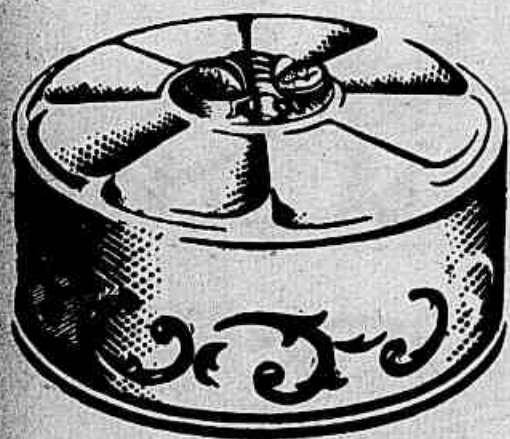
Defile de modas

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



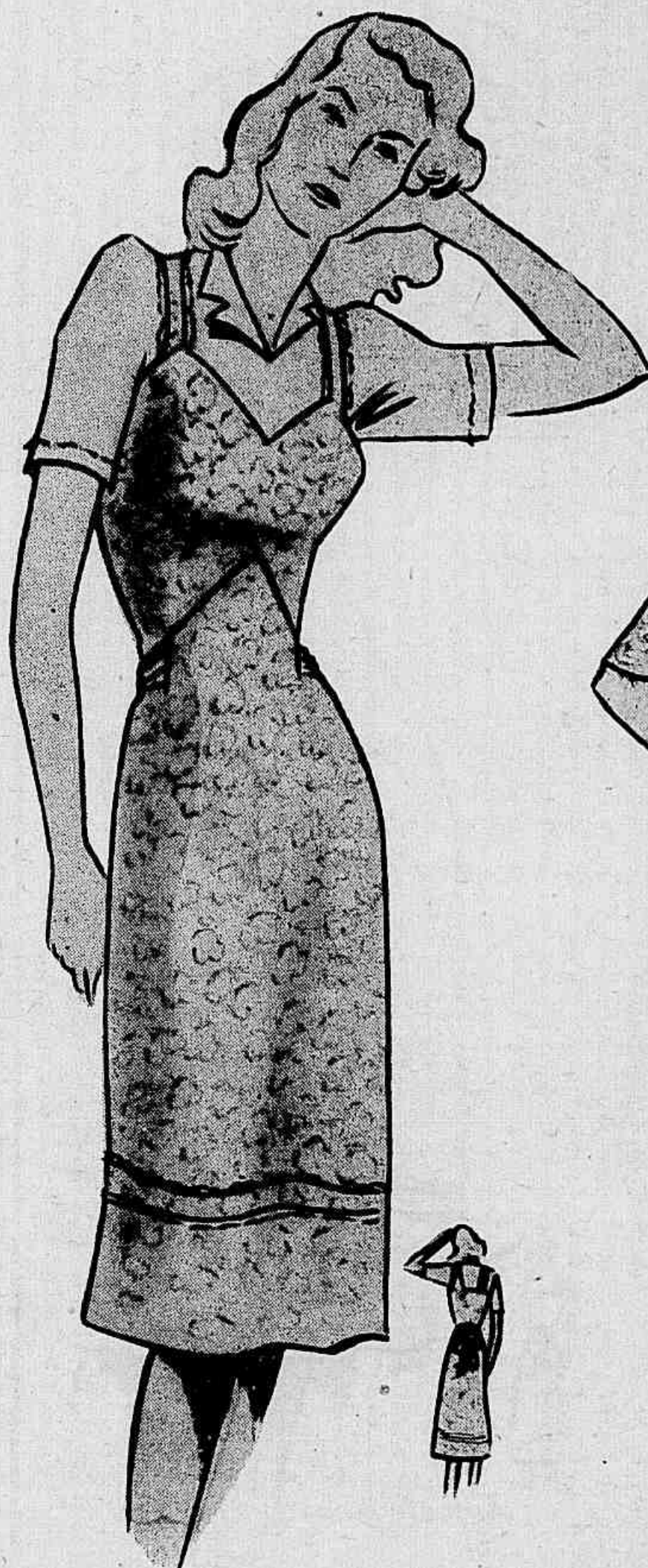
Acaricie a sua cutis com pó de arroz Bond Street, de Yardley, e o seu espelho lhe dirá quanto você se torna adorável! Tonalidades tão sutis, de consistência tão encantadora e fina, misturam-se artisticamente com o seu colorido natural, dando-lhe um novo e admirável esplendor.



Yardley
de Londres

Lembre-se: ainda chegam às lojas pequenos fornecimentos de Cremes de Belezas Yardley e Talco Lavender. Assim, veja se obtém o seu quinhão.

11 OLD BOND STREET - LONDON - ENGLAND



PELES

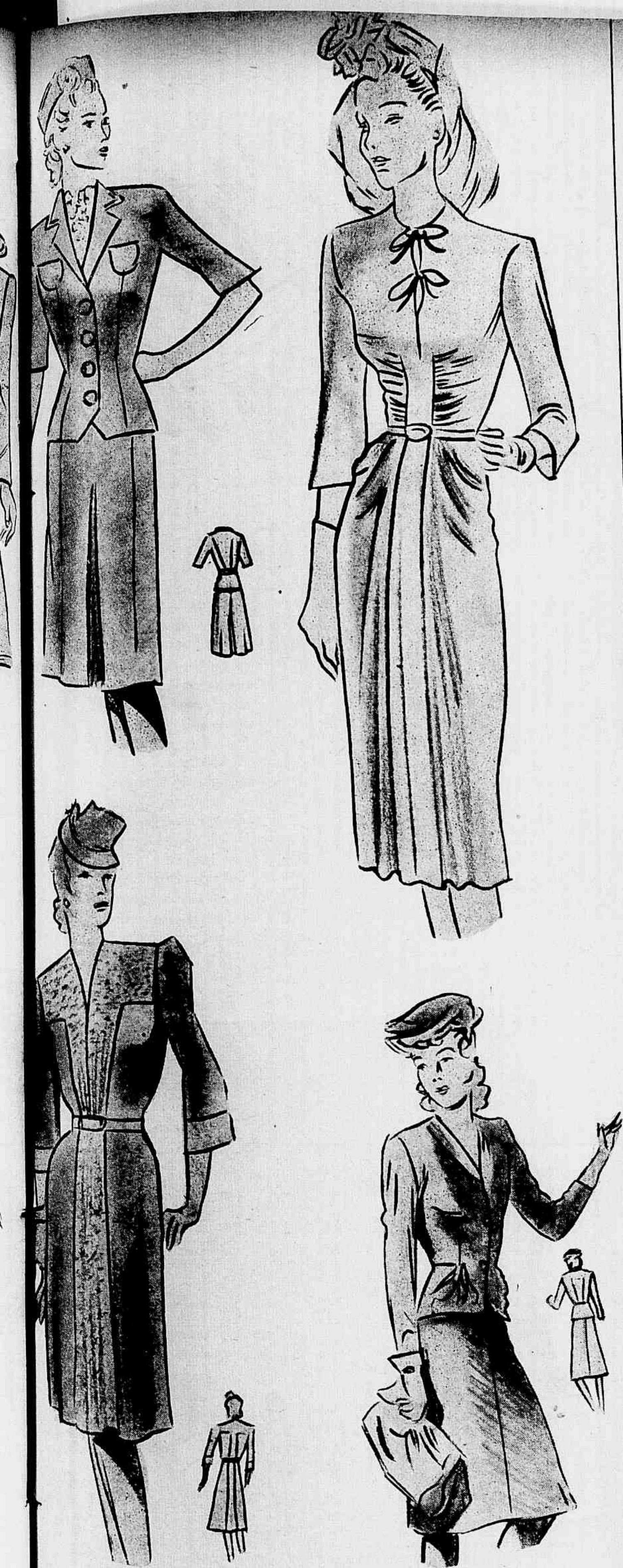
RUA DO PASSEIO, 42

Lebelson

MODAS

SEMPRE
NOVIDADES

FONE 22-4617 - RIO



Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO
como o
CYMA



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLIO D VIOLTAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNÉA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

MATINAL: — em algodão estampado, ornado de rendas, este modelo é proprio para o agradável mister da jardinagem.

PRIMAVERIL: — em *shantung* estampado, mangas tres quartos e um pequenino *jabol* realçando a sua simplicidade este vestido é proprio para um passeio, numa tarde quente.

"PROMENADE". — E' a denominação dada a este encantador costume em panamá azul marinho, para senhoritas.

MARTINI — Elegantissimo em mangas curtas em tropical verde-pistache e *jabol* de crepe branco, proprio para a hora do *cock-tail*.

RÉUNION — Especial para recepções, em *jersey* negro, ornamentado com franzidos, mangas originalissimas. Toque com plumas cereja e véu negro.

DISCREÇÃO — Numa feliz combinação de tecido liso marrom e estamparia havana num fundo amarelo, apresentamos esse modelo proprio para senhoras. Observem o comprimento das mangas e a discreta elegancia do vestido.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE



Senhoras!

CAPSULAS

MENAGOL

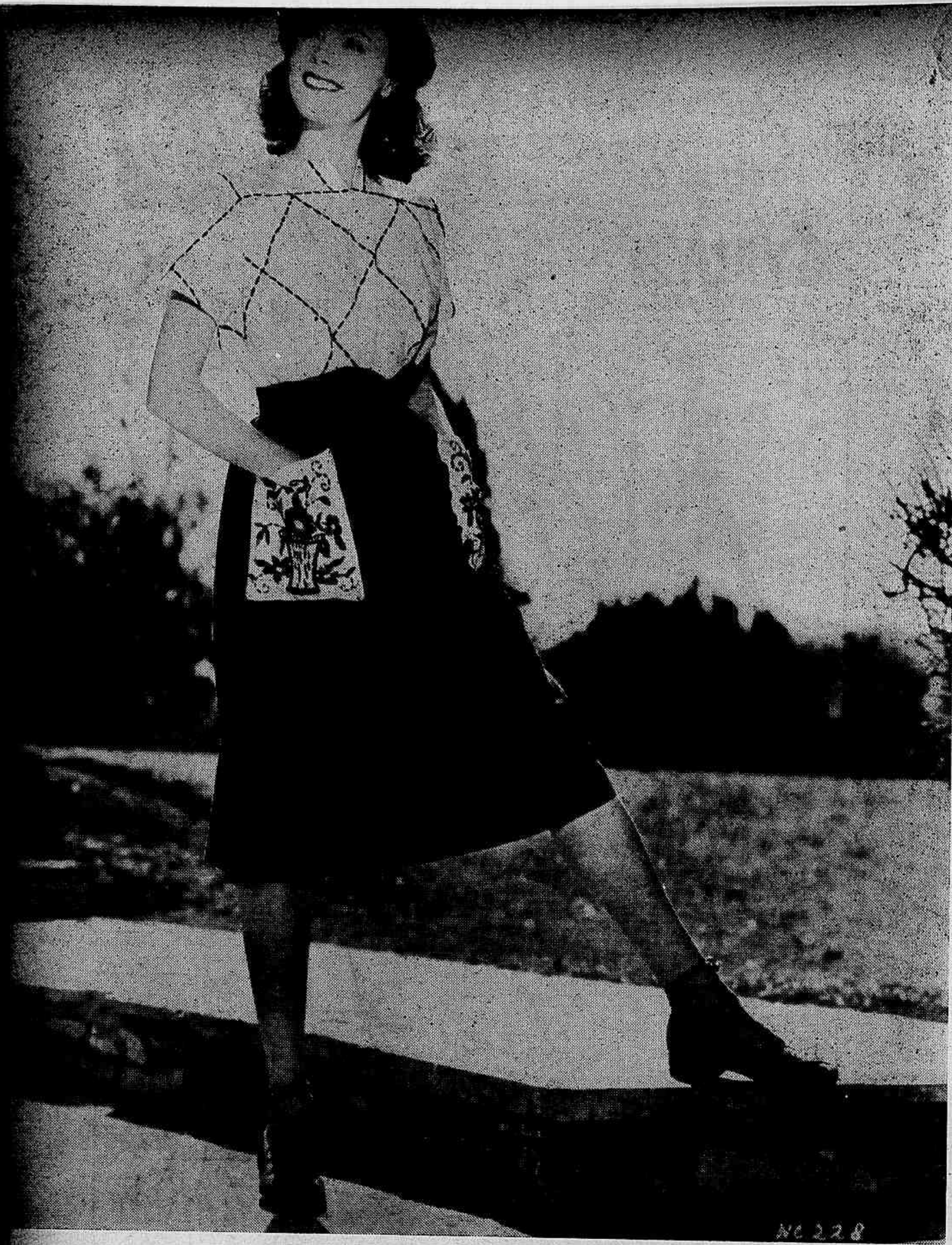
PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

APR. PELA CENS. SANIT. N. 80. J. 6

TEA FOR TWO — encantador costume de seda em tom azul-plumbeo, chapéu de *faillé* da mesma tonalidade, Bolsa e luvas brancas.

UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

giencarelli

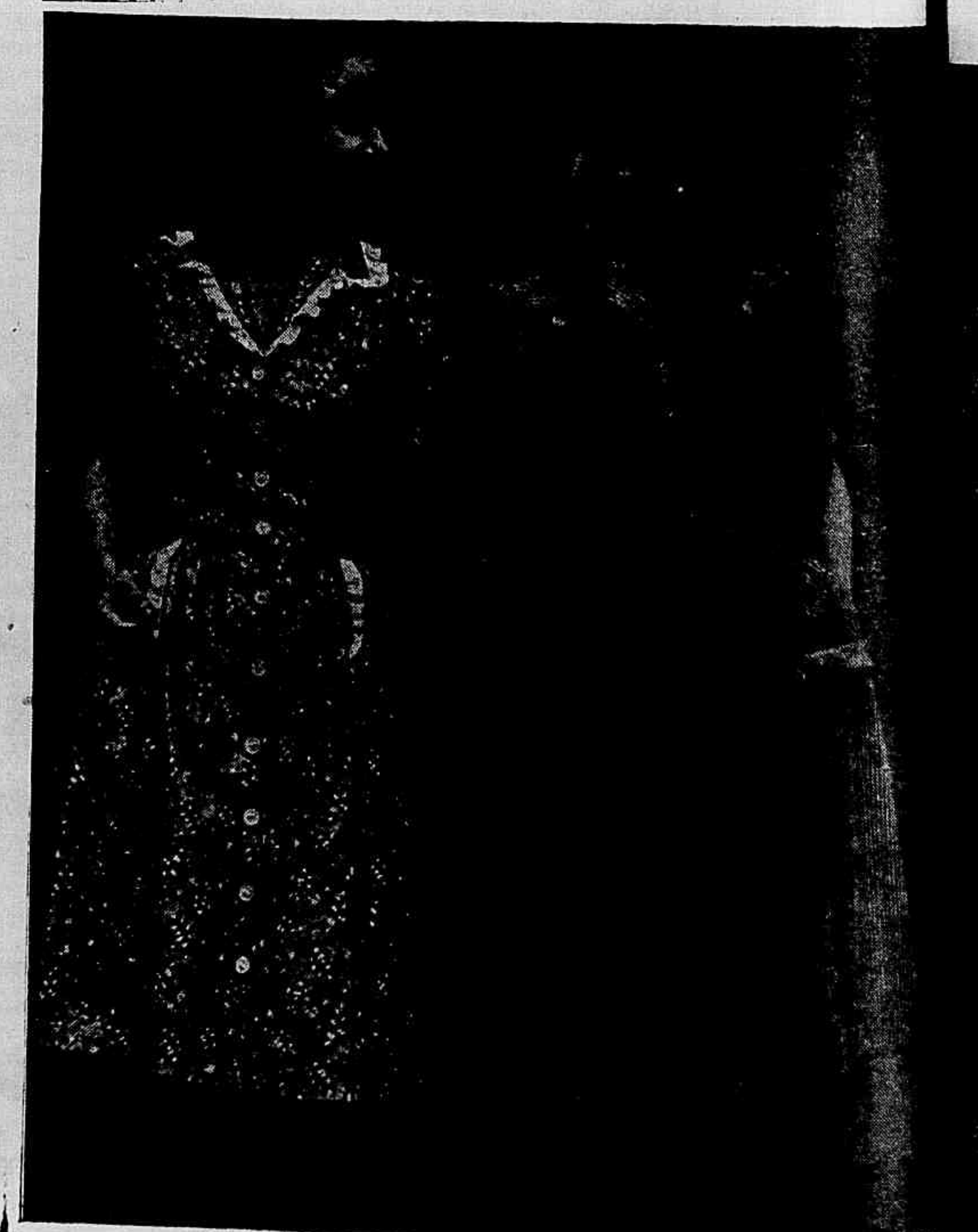
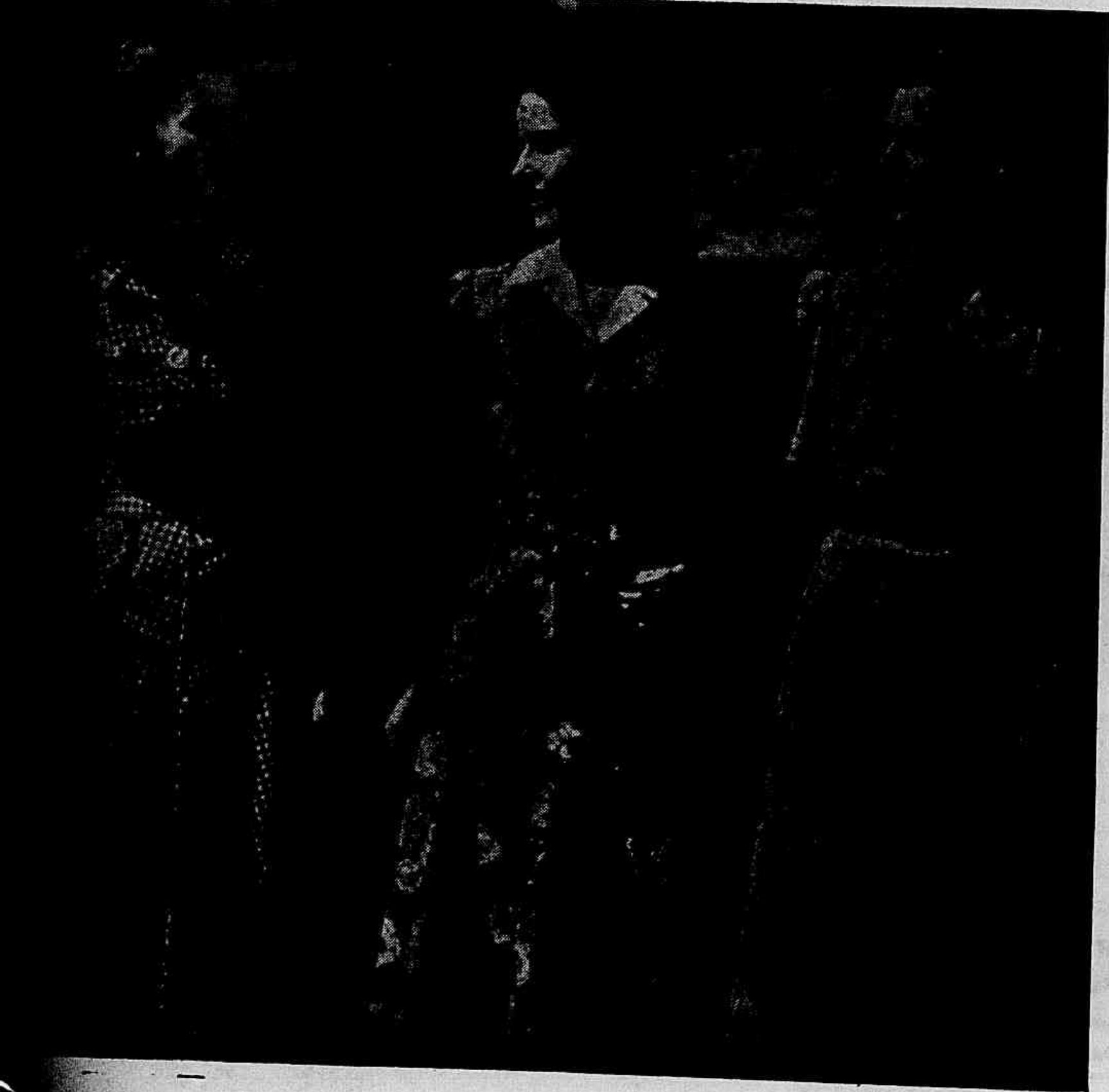


Côres vivas em algodão

Dos campos do sul, das terras fidalgas da orgulhosa Virginia chegam às cidades industriais fardos e fardos de algodão. Depois os químicos fazem o resto e as lojas apresentam vestidos estampados, lisos ou listados em cores vivas e brilhantes como um dia de festa.

Dos campos do sul, das terras fidalgas da orgulhosa Virginia vieram esses modelos graciosos, frescos e joviais como as pequenas que os vestem.

Nancy Coleman, por exemplo, aparece numa deliciosa combinação branco-vermelho onde os bolsos bordados a ponto mati-



*Moda
da década*

sado fazem o encanto do modelo.

E os outros então? Para todos os gostos, abotoados por inteiro com babadinho na gola e nos bolsos, ou com lacinhas brancas e enfeite de sinhaninha, com rendas, de xadrês com saia franzida, em duas peças ou com bolsos em diagonal; e, los numa interessante sucessão de graça e colorido numa sugestão de Virginia somente para você.



A CIGANINHA

(Continuação da pág. 21)

A menina moveu para ele o rosto. Quedou-se um momento calada, obedecendo à intimação. Ouvia-se um grande suspiro. Mas, daí a pouco, como que irresistivelmente: — Ah! que frio fazia lá. Aqui não se treme, não cáe neve. Porque, mamãe?... Você se lembra daquele chapéu que você tirou do menino na rua e me deu? Ih! correram atrás de nós, não foi, mamãe? Mas nós nos escondemos naquela casa escura, e eu fiquei com o chapéu bonito...

— Gloria! Gloria! teve a moça forças de exclamar.

Paulo Maciel levantou-se convulso, tomou-a ao colo e mostrou-lhe uma estampa que tirou precipitadamente do armário.

— Que bonito! não se conteve a criança. Me dá, papae?

— Dou, se não disseres mais tolices.

Ela pagou-lhe com um beijo. Voltaria à realidade o seu espírito desanuviado das nevoas que o envolviam? pensou Maciel. E pousou Gloria no chão com a gravura. A criança, porém, pouco se demorou em admirar-la; voltou à senhora que estava a chorar:

— Mamãe, não chora. Você tem tanto dinheiro... Você não apanha... Não é papae?

Fazia-se escuro. A criada tardava em trazer o candieiro. No completo repouso da casa, à sombra que abafava os últimos clarões da luz, a figura e as palavras de Gloria, como a imagem e a voz de um passado horrível que ressurgia em meio da felicidade, tinham ares de monstros. E ainda assim, Maciel gosava um absurdo e requintado prazer intelectual, naquelas tenebrosas visões da criança...

— Você não era assim, mamãe, como agora, bôa para mim. Eu não tinha boneca, não tinha criada: nem cama! Andava suja. Não era? Você não tinha vestido bonito, não tinha dinheiro, não tinha anel!... Tinha uma pulseira que aquele moço lhe deu... Papae ficou zangado, você aporhou muito, hein, mamãe!...

A pobre moça desalentada parecia ver lagrimas no rosto do marido.

— O moço dormiu lá, quando papae foi preso pelos soldados. Me dava dinheiro, dizia que eu era filha dele, mas eu queria era meu papae... Papae voltou... você disse que ele era tonto... aquela mulher contou tudo...

Levantando os braços num imenso esforço de quem suspende algemas, Paulo avançou esboçando no espaço gestos inúteis para tapar aquela boca maldita e inocente.

— Mamãe também mordeu na rua a mão da menina para tirar o anel. Eu vi. Pensa que eu não vi? Agora a gente não tira mais de ninguém. Papae, cadê o homem que você quiz matar com aquela faca?...

De repente, voltou-se para a senhora:

— Amanhã vou passear com o vestido côr de rosa? Levo a boneca maior, a Dulce, sim?



Seus pratos
SERÃO APROVADOS POR TODOS...

...si preparados com a saborosa **Maizena Duryea**. Sopas, pudins e demais pratos preparam-se facilmente com **Maizena Duryea** e ficam mais saborosos e altamente nutritivos.

Aqui está o segredo de alimentos deliciosos e apetitosos e de fácil digestão — **MAIZENA DURYEA**.

À VENDA EM TODA PARTE

Murmurando umas desculpas, a criada penetrou no gabinete trazendo o candieiro aceso.

— Emilia, Emilia, amanhã... gritou Gloria, partindo ao seu encalço.

A mulher de Paulo Maciel abraçou-se a ele como a um rochedo. Agarrados um ao outro, fulminados pela sensação, olhavam correr a criança. A sua caridade amorosa colhia os frutos amargos de Chanaan. Havia dois anos, num grande desespero de incerteza, tinham aberto o coração àquela filha de uns imigrantes hespanhóis. E agora, das células obscuras e implacáveis dela, surgia-lhes, como um castigo, uma existência de outros, um passado alheio...

(CHANAAN)

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**, Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



Do Rio G. do Sul

Do alto para baixo e da esquerda para a direita: flagrante apanhado na Exposição Pecuária em Uruguaiana quando da última visita do Presidente da República àquela cidade; aspecto do "cock-tail" oferecido ao Chefe do Governo na sede da 2.ª Divisão de Cavalaria; no almoço oferecido a S. Excia. no recinto da Exposição; grupo feito no Instituto de Educação em Porto Alegre também por ocasião da recente visita do Presidente Getúlio Vargas ao Rio Grande do Sul.

TRES CAVALEIROS

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 39)

jovem Arnold, o segundo cavaleiro, portador do perdão; e o brilho de prata não cintilava somente nos alamares e nos botões mas também nas medalhas do jovem e nas fitas de seu posto.

Grock tirou de novo o capacete; e embora seja possível que aquilo fosse a vaga sombra de uma cerimônia respeitosa para com os mortos, o efeito visível era que a cabeça raspada e o pescoço paquidérmico brilhavam com a lua, como a cabeça nua e o pescoço de algum monstro da Idade da Pedra.

Grock não pronunciou nenhuma oração nem experimentou compaixão; porém seu pensamento seguiu um negro roteiro: porque até o pântano sombrio se move às vezes como uma criatura viva. E Grock formulou sua profissão de fé ante a lua tranquila e o universo mundo triste:

— Antes e depois da morte, nossa vontade permanece imutável. Não a atingem nem as mudanças do tempo, nem ela conhece o arrependimento. Fica à margem dos dias, como se fosse de pedra, olhando para o passado e para o futuro, da mesma maneira.

O silêncio que se seguiu foi bastante longo para que o marechal gozasse sua fria vaidade; como se uma figura de pedra tivesse falado em voz alta num vale de silêncio. Porém o silêncio começou a perturbar-se uma vez mais com um ruído distante que era o débil eco dos cascos de um cavalo; e um momento depois o sargento chegou a galope; e seu rosto tinha uma aparência sinistra sob a lua.

— Marechal — disse, fazendo a continência com estranha rigidez — vi Petrowski, o polonês.

— Ainda não o enterraram? — perguntou o marechal enquanto olhava para baixo, distraído.

— Se o fizeram — respondeu Schwarz — Petrowski levantou a lage e ressuscitou dentre os mortos.

Quedou-se rígido, contemplando a lua e os pântanos. Porém não via essas coisas, longe como estava de ser um temperamento sonhador; contemplava antes as coisas que tinha visto. Tinha visto, com efeito, Paul Petrowski, passeando são e salvo pela avenida principal da cidade polonesa que ficava mesmo na extremidade do caminho; não podia enganar-se com aquele rosto comprido, de barbicha à francesa, espalhado pelos albuns particulares e pelas revistas ilustradas. E atrás dele Schwarz tinha visto a cidade polonesa coberta de bandeiras e galhardetes, percorrida pelo povo entusiasmado, menos hostil talvez para o governo que conservava seu herói nacional.

— Você quer dizer — gritou Grock com uma súbita estridência na voz — que se atreveram a deixá-lo em liberdade, apesar de minha ordem?

Schwarz fez novamente a continência:

— Já o haviam soltado; e não receberam ordem nenhuma.

— Você quer que eu acredite, afinal de contas — articulou Grock — que nenhum mensageiro chegou à cidade.

Houve um silêncio mais longo e logo Grock explodiu: — Que diabo aconteceu, com todos os demônios? Você pensa nalguma coisa que possa explicar isto?

— Vi alguma coisa — respondeu o sargento que talvez me ajude a explicar as coisas...

Quando Mr. Pond chegou neste ponto de sua narrativa, fez uma pausa.

— Bem — disse Gahagan com impaciência. — E você sabe qual foi a explicação?

— Creio que sim — fez Mr. Pond, humilde. — Quando o assunto chegou a meu departamento, a solução me interessou muito. Tudo proveu dum excesso de obediência. E proveu também dum excesso de outra fraqueza: o desprezo.

E de todas as paixões que cegam e tornam loucos os homens transviados, a peor é o desprezo.

Grock havia falado muito comodamente diante duma vaca e, em tom mais confidencial, diante dum repolho. Desprezava os homens estúpidos, ainda que pertencessem à sua própria raça e ao seu próprio exército; e tratara Hocheimer, o primeiro mensageiro, como uma figura apenas decorativa, porque o considerava imbecil; porém Hocheimer não era tão imbecil como parecia. Ele também compreendeu o que o grande marechal queria dizer, com tanta lucidez como o entendera aquele sargento cínico que levou a cabo a missão mais infame de sua vida.

Hocheimer compreendera também a peculiar filosofia moral de seu comandante: que um fato é incontestável, embora seja indelével. Sabia que o marechal desejava, simplesmente, o cadáver de Petrowski: que o queria de qualquer modo, à custa de qualquer decepção principesca ou da destruição de soldados. E quando percebeu que um cavaleiro voava atrás dele, Hocheimer percebeu também, como o próprio Grock o tivera feito, que o novo mensageiro levava o perdão assinado pelo príncipe.

Schacht, aquele jovem e galante oficial, era digno da circunstância que o fizera arauto de uma política mais generosa. E Hocheimer obedeceu. Deteve-se; freiou o cavalo; voltou-se na sela; sua mão ergueu o fuzil e disparou, ferindo o rapaz entre os olhos.

Depois continuou correndo, levando a sentença de morte do polonês. Atrás dele, homem e cavalo caíram do aterro; e por isso o caminho estava deserto. E ao longo do caminho deserto chegou por sua vez o terceiro mensageiro, estranhando o infundável de seu trajeto; até que viu por fim o inequívoco uniforme do húsar. E também atirou. Apenas não matou o segundo mensageiro, mas o primeiro. Por isso não chegou nenhum correio vivo naquela noite à cidade polonesa. E por isso saiu vivo da prisão o condenado. Parece-lhes exagerado dizer que o marechal Grock teve dois homens fieis... e um deles fiel de mais?

Correspondência

Aí estão as sugestões que nos pediu para a confecção dos jogos para o seu enxoval. São modelos bonitos que podem ser executados em rayon, crepe, setim, cambraia e jersey — se bem que, no que concerne a este último, torna-se necessário que seja de muito boa qualidade. Os modelos mais recentes são enfeitados de renda, preguinhas ou bordados delicados em ponto turco.

Esperando que tenham sido uteis nossas sugestões ficamos inteiramente ao dispor da gentil noivinha paulista.



ciã

PARA O
ENXOVAL
DE
MARIA
CÂNDIDA

Cidade de
S. PAULO



DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.

MOBILIÁRIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E POSTOS EM AMPLOS MOSTRUÁRIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza n.º 100/10, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.

FOSFATOS E SAUDE

Todo mundo sabe que o corpo humano elimina diariamente quantidade apreciável de fosfato. É pois evidente que se precisa recuperar e assimilar certa quantidade deles para conservar o bom funcionamento do organismo.

A deficiência ou perda de fosfato, qualquer que seja a causa, conduz mais ou menos rapidamente a uma situação mórbida. Na vida de hoje ela provém em geral do excesso de trabalho, de preocupações, contrariedades. Para restituir ao organismo o excesso de fosfatos perdidos temos entre nós o excelente preparado NUTRO-PHOSPHAN, que é uma concentração dos fosfatos indispensáveis ao organismo, aliados a tónicos, em veículo xaroposo e agradável. Aprovado pela Saúde Pública n.º 1468 em 1923, o TONICO NUTRO-PHOSPHAN faz reaparecer a TRANQUILIDADE dos NERVOS e o bem estar do corpo. Centenas de pessoas empregam diariamente o NUTRO-PHOSPHAN com satisfação e proveito. Façam como eles, comprando hoje em sua Farmácia um vidro de

NUTRO-PHOSPHAN

É um produto dos Laboratórios "VERIS", Senado, 15 - Rio.

Numeros atrasados desta Revista no Pará

Pedir a

ALBANO H. MARTINS & CIA.
Tremembé Campos Sales, 85 - Belém

Hitler ...

1. Adolfo Hitler, nascido na Austria, a 20 de Abril de 1889
2. Eu quero ser um artista! É o grito histérico de Hitler aos sete anos de idade
3. O jovem Adolfo é rejeitado pela Academia de Viena, por ser inteiramente incompetente (1908)
4. Adolfo em Munich. Tem 24 anos e é um pessimo pintor de paredes (1913)
5. Convencido da sua incompetencia na pintura, Hitler decide envolver-se pela politica (1919)
6. Sonhos de conquista do mundo, em "MEIN KAMPE" escrito nas muitas horas de lazer, quando na cadeia (1925)
7. Feito Chanceler incendeia livros e Sinagogas (1933)
8. Ataca a Polonia desencadeando a guerra (1939)
9. Hitler: o maior criminoso de todos os tempos

... Chaplin

1. Charlie Spencer Chaplin, nascido em Londres, a 16 de Abril de 1889
2. Eu sou um artista, Charlie representa aos sete anos
3. O jovem Charlie realiza uma tournee pelos Music-Halls, com grande sucesso (1908)
4. Charlie vai para Hollywood. Tem 24 anos e já é famoso (1913)
5. Charlie já possui uma Companhia Cinematografica (1919)
6. Conquista o mundo com o filme "Em busca do Ouro" (1925)
7. O seu filme "Tempos modernos" é o acontecimento de maior sensação (1934)
8. Toma parte na guerra contra Hitler, fazendo o mundo rir com "O Grande Ditador" (1939)
9. Chaplin faz rir e seus fans contam-se aos milhares.

Por Oscar Berger

A GUARDEM

EM DEZEMBRO

Contos de amor e aventuras

Calendário

1944 JANEIRO						
DOM.	SEG.	TER.	QUA.	QUI.	SEX.	SAB.
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Informações sobre o Brasil

ALMANAQUE

24.º ANO 1944

Em Seitura

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
PREÇO EM TODO O BRASIL: Cr\$ 8,00

Notas históricas

Conselhos úteis

Informações sobre o mundo

Curiosidades

Assuntos agrícolas

PEDIDOS À
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
 RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

ELMO



Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ

Reccord